

REVISTA DA SEMANA

N.º 16

CR\$ 1,50 NA CAPITAL — CR\$ 2,00 NOS ESTADOS



20-4-46





O mundo é seu pelo **CLIPPER**



★ LONDRES - A ETERNA, MAGESTOSA CAPITAL DO IMPÉRIO BRITÂNICO

Imagine-se passeando de barca pelo Tâ-misa, lanchando em Mayfair, percorrendo as pitorescas zonas rurais inglesas. Imagine-se em Londres e—melhor ainda—faça

planos de visitá-la agora. Porque hoje a mágica dos *Clippers* da Pan American encurta qualquer viagem, coloca o mundo ao seu alcance para passar as férias onde pre-

ferir! Consulte as agências de viagem ou o representante local da PAA, obtendo informações completas sobre o nosso novo e ainda mais rápido serviço transatlântico.

10050-BP-20-B

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

A Réde dos Clippers

PASSAGEIROS ★ CLIPPER EXPRESS ★ CORRESPONDÊNCIA

Aleluia!

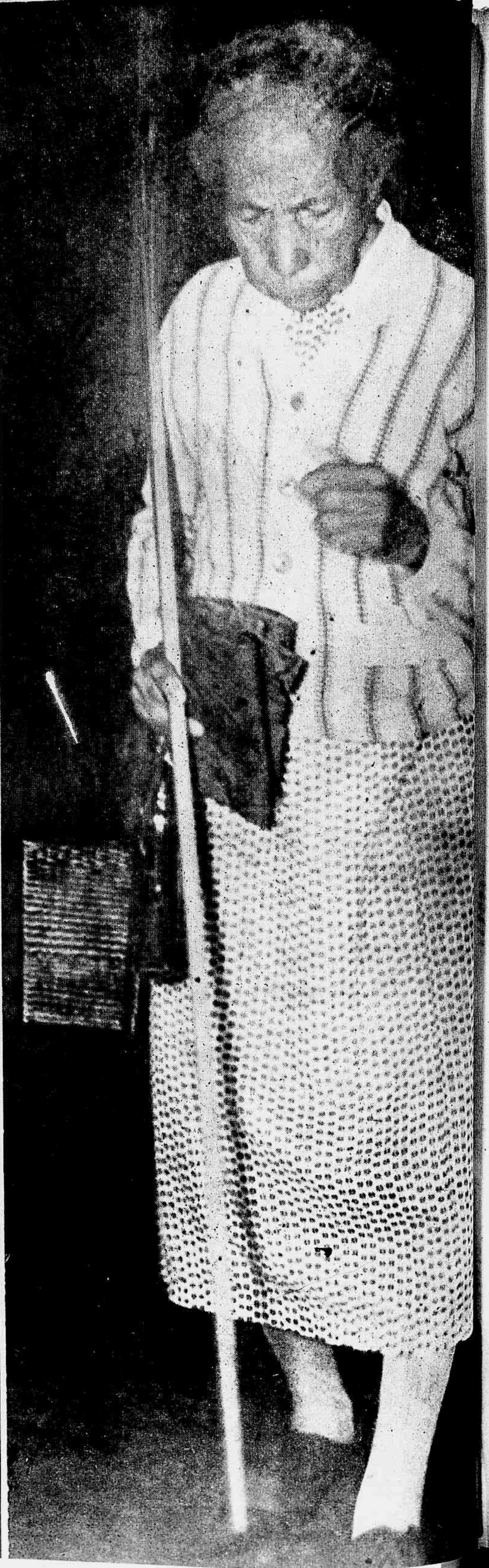
Vieram de Jerusalem as mulheres santas, assistir á agonia do Nazareno. Ao pé das três cruces onde se penduravam os corpos doloridos de dois ladrões e o sublime rabi da Galiléa, ficaram apenas chorando as mulheres tristes. E o pranto da mater dolorosa molhava os pes das cruces de madeira. Depois, novas palavras de lamuria se misturaram aos prantos doloridos. Eram os gemidos de Madalena, a pecadora. E o pranto da corteza era como um sol iluminando o calvario. Havia soado a hora nona. Jesús sorriu do alto do madeiro.

No dia seguinte, quando sobre Jerusalem adormecida nascia o sol ridente do mês de Nizan, Maria Madalena foi aos jardins de José de Arimatéa, orar sobre o sepulcro sagrado. E o tumulto estava vazio. Colhendo as flôres que se espalhavam ao redor, a corteza voltou para a cidade, gritando triunfalmente: "Jesus ressuscitou! Jesus ressuscitou!"

E por todos os caminhos de Galiléa, Judéa e Samaria, estas palavras se repetiram. Era a voz da Aleluia!

(Ilustra esta página uma expressão de Barbara Hale da R. K. O.)





DOMINGO DE RAMOS

O ultimo domingo foi o domingo de Ramos. Nas igrejas cheias de fieis os cirios iluminavam as naves repletas, anunciando a Semana Santa.

Para muitos, o domingo de Ramos é apenas um domingo igual aos outros, apenas com a diferença de ser colocado no calendario religioso sete dias antes do sabado da aleluia.

Mas, para os que conhecem a tradição secular das palmas bentas, este santo dia é um acontecimento anual sempre cheio de encanto mistico e de beleza liturgica, que se traduz na missa da manhã, onde se benzem os ramos milagrosos, que eles guardam depois pendurados ás paredes, sob as litografias sagradas.

São estes crentes no poder sobre-natural das palmas milagrosas, que enchem as igrejas todas da cidade desde as primeiras horas da manhã para obter os ramos sagrados, que durante um ano inteiro enfeitam os seus lares pobres, até que outros ramos os venham substituir, na quaresma seguinte.

A' cerimonia da benção e distribuição dos ramos simbolicos, segue-se uma procissão, que constitue, depois da procissão do enterro, um dos mis solenes e tradicionais atos religiosos da liturgia catolico-romana.

E' nesse dia festivo que tem lugar a procissão de encontro, prestito que, saído de um templo se encontra com outro cortejo oriundo de uma igreja diversa, em lugar previamente determinado, transformando-se então no mesmo e unico desfile, ao qual se junta toda a massa de devotos, que se dirige a uma das igrejas de onde saiu a procissão.

Mas não é somente a procissão do encontro que assinala o culto de domingo de Ramos. Outros rituais diversos e pitorescos completam as festividades simbolicas dessa grande data catolica, que marca o inicio da Semana Santa.

Na igreja de São Francisco, por exemplo, uma cerimonia original se realiza todos os anos. No ultimo domingo tivemos ocasião de presenciar todo o ceremonial, acompanhando de perto o desenrolar da solenidade, que é vasta e complexa.

Após a benção dos ramos, saíram da igreja todos os fieis, pela porta lateral, em procissão. As portas da frente do templo foram fechadas e corridas as fechaduras. A procissão deu volta á igreja, estacionando depois deante do frontespicio, com o padre á frente, segurando uma grande cruz de prata.

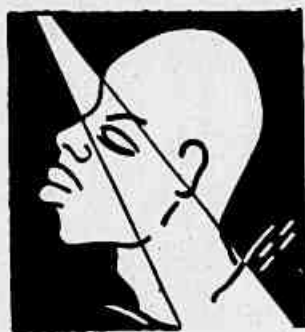
Chegando á porta, o sacerdote poz-se a bater com os pés da cruz nas almofadas, até que o sacristão abriu-a de par em par, dando passagem á grnde mssa de fieis. Era a reconstituição simbolica da cena da entrada dos crentes em Jerusalem. Era a cerimonia final da festa de Ramos.

Os fieis retiraram-se levando todos os seus ramos milagrosos, cujo poder invisivel, segundo a crença popular, acalma a furia dos elementos, amainando tempestades e transformando os dias sombrios de tormenta em raiosos dias de bonança...



A SEMANA EM REVISTA

COMPRA-SE UM ESCRAVO CÉGO



"Compra-se um escravo cego para tocar uma roda". Este anúncio, foi outro dia publicado pelo "Jornal do Comercio", na seção retrospectiva, "O Jornal Ha Cem Anos".

Hoje, muito nos revolta saber que havia ha cem anos atraz pessoas que compravam escravos para tocar rodas, ou para outros quaisquer misteres. Repugnamos mesmo a ideia de que os nossos avós se utilizassem desses pobres seres humanos que se entregavam como animais domesticados ao mando dos senhores das casas grandes e aos chicotes dos feitores mercenários.

Atraz desse anúncio esconde-se uma longa historia que durou mais de tres seculos e mancha a nossa historia de nodos de sangue e lagrimas vertidos por toda uma raça espesinhada e ferida pela covardia e pela ferocidade bestial do nossos avós escabocrotas.

Mas, se hoje assim pensamos, como bons burgueses liberais, da mesma forma não raciocinavam os pais de nossos pais, ha cem anos passados. No entanto, mais avançados do que nós hoje, eram eles, porque, já naquele tempo, propugnavam pela representação eletiva nos parlamentos e se julgavam, como nós

bons liberais. Grande liberalidade aquela, que mandava agitar os quilombolas e comprava no mercado humano negros cegos a tantos mil reis a cabeça.

Grande liberalidade, santa, liberalidade. Um dia porem, apareceu um homem. Não era bem um homem, era quase uma criança. Tinha apenas vinte e um anos e um grande coração dentro do peito e uma grande coragem dentro do coração. O homem de grande cabeleira olhou o panorama e se revoltou. Não! Não era possível tamanha ignomia. Não era possível que se vendessem e se comprassem negros cegos e sãos como fardos de algodão tratado ou sacas de café. E então o homem se fez gênio, lançou o seu canto de guerra aos quatro cantos do Brasil. Era o grito de guerra de Zumbi, o martir dos palmares, era o grito de guerra de Pedro Ivo, o heroi dos Praianos:

"E' preciso partir aos horizontes,

Lançar o grito errante da vedeta.

Ergue-te, oh! Luz, estrela para o povo,

Para os tiranos lugubre cometa."

Assim cantou Castro Alves. E porque cantou, sobre os seus ombros pesaram a ira dos grandes e o odio dos poderosos. Hoje, a ideia repugnante de tudo o que fizeram esses grandes, nos revolta e nos enfurece.

Levemos porem em conta, de que sômos os netos desses homens. O que dirão de nós os moços de 2.046?

MEMENTO



Deante de um tumulto fechado reuniram-se os grandes da America. O presidente Truman tirou o chapéu e proferiu um discurso. Naquela tarde fazia um ano que morrera o grande Franklin Delano Roosevelt, o gigante da democracia. Nunca um homem morreu tão cedo. Nunca um homem deixou sobre o seu rastro de heroi, um testamento de tão grandes responsabilidades aos seus seguidores. Deante do tumulto simples de Hyde-Park, os homens viram que aquele mau-soleu não guardava apenas um esqueleto. Aquela urna era o escritorio onde se deixara fechado todo um trecho da Historia Americana; aquele ataúde era o

cofre onde se encerrava toda a alma civica de um povo.

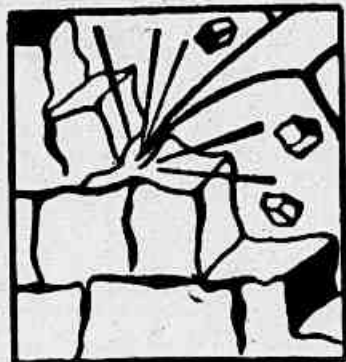
Ha anos, quando os tiranos da Idade Moderna espalhavam o terror pela voz de suas armas automaticas, era ele a voz da paz e da concordia, pregando num deserto povoado de feras. Era ele o pacifista sereno e firme, que falava á dignidade dos homens e tentava falar á sensibilidade dos poderosos. Mas foram vãos todos os seus apelos, foram baldados todos os seus argumentos. Veio a paz de Munich, uma paz covarde e indigna. A cabeça do grande presidente tombou tristemente sobre o ombro. Não era aquela a paz que ele desejava.

Um dia, a guerra veio bater ás portas da America. Foi então que a Águia ergueu mais alto o seu vôo condoreiro e arrojado. Ele, o sereno pacifista, transformou-se no soldado heroico. O nome, feito bandeira, marchava á frente dos exercitos, na arrancada da libertação. As suas palavras eram ouvidas em todos os "fronts", o seu espirito estava presente em todos os setores. Eram as suas palavras de solidariedade, fraternais e amigas, que animavam os bravos da resistencia epica de Stalingrado. Era o seu espirito de chefe e de camarada que guiava as tropas desassombradas que investiram pelo labirinto perigoso das selvas de Guadalcanal. Ele era a bandeira que marchava á frente dos bravos de El — Alamein, ele era a muralha que defendia as costas do Hawaii. Era ele sobretudo a corrente que ligava com firmeza todos os povos livres do mundo, na luta contra a iniquidade e o despotismo.

Morreu em meio á luta, quando mais necessarios eram os seus conselhos e mais preciosas as suas palavras.

Agora, um ano depois da sua morte, falaram sobre o seu tumulto. Mas não foi isso o que ele pediu em vida. O seu grande coração não queria elogios. Queria apenas que os homens de boa vontade, realmente honestos e sinceros, fossem capaz de prosseguir em sua obra de conagração universal, trocando as intrigas diplomaticas pelas palavras de cordialidade, trocando as granadas e as bombas-atomicas pelo ramo de oliveira.

PREFEITURA, HABITAÇÃO, DEMOLIÇÃO



Não ha quem de boa fé possa negar os novos rumos que o ilustre engenheiro sr. Hildebrando de Góes está querendo imprimir ás coisas administrativas do Distrito Federal. E essa impressão, que se esboça de modo realmente impressionante, servirá, antes de mais nada, para confirmar as qualidades de administrador que o sucesso das obras hidraulicas e saneadoras dos charcos imensos da Baixada Fluminense conferiu ao atual ocupante da Prefeitura da Capital Federal.

Este comentario vem a proposito da auspiciosa noticia segundo a qual S. Excia. está, de fato, resolvendo a enfrentar a demolição do morro de Santo Antonio — verdadeiro quisto de pedra no âmago de nossa agustada cidade cuja extração só beneficios causará.

E', porem, mister que o sr. Hildebrando de Góes veja realmente o morro de Santo Antonio, tenha o animo necessario para enfrentar a sua remoção e não, a proposito do morro, entre á demolir casas no centro desta cidade tão miseravel em materia de habitação.

Permittimo-nos lembrar a S. Excia. que nos suburbios não ha casas vãs e se houvesse não teriam os seus futuros ocupantes meios de transporte, porque está exgotada a capacidade de nossas linhas suburbanas.

De fato, o desmonte do morro de Santo Antonio, propriamente dito, desafiaria o centro urbano, despejando relativamente pouca gente. Mas, demolir predios, nesta hora, é ato de maior gravidade.

Sente-se na boca dos cariocas esta exclamação amarga:

— Por favor, chega de demolições: necessitamos de agua; precisamos de pão e pedimos transporte até pelo amor de Deus; carecemos de teto sob o qual possamos dormir bem; mas, enquanto não chegam as boas casas, que nos deixem vivendo dentro dos casarões coloniais legados pelos nossos antepassados. São felos, é verdade, precisam sair de vez que, estão fóra de moda. Mas são melhores do que as horrendas favelas que tanto proliferaram nas duas ultimas decadas, nesta cidade das contradições.

E' mister conhecer a justeso dessas exclamações e apelar, como nesta oportunidade apelamos, para que a tecnica e a capacidade da Prefeitura do Distrito Federal não se mostrem habéis apenas na demolição de predios velhos: enfrentar a pedreira do morro de Santo Antonio, sem agravar as atribulações que tornam amargurada a vida da população carioca, é a grande missão que está reservada á Secretaria de Obras Publicas do Rio de Janeiro.

Sim, começar pelo mais difícil; atacar de preferencia o principal, deixando, como é logico, o accessorio para o fim.

E' o que toda a cidade espera, sinceramente, do senso, da orientação, do criterio funcional do sr. Hildebrando de Góes e seus dignos auxiliares.

REVISTA DA SEMANA

ANO XLVII N. 16 :: 20-4-46

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1920, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 45,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 no Distrito Federal, e Cr\$ 2,00 no Interior; atrasado Cr\$ 2,50

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegrafico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2640; Redação: 22-4447;

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5692.

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 223. Tel. 4-7855

Corresp. na Baía: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Co.
Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal
434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1740, Montevideo.
Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 399 — Tel. 23 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos anuados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. 24 publicam
colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela demora de
originais, mesmo quando não publicados.

NESTE NUMERO

REPORTAGENS

Domingo de Ramos	4/5
Onze anos de exílio (R. Magalhães Jr.)	15/18
Nova-York por dentro e por fóra	15/18
Astros de Hollywood visto de perto (Celestino Silveira)	23/26
Um "cock-tail" e uma "première"	30/33
Figuras e Fatos	35

LITERATURA

O som e o mundo (Berilo Neves)	8
Retrato Inacabado (James Dean)	19
Vidas de Palco (Escragnolle Doria)	22
Grande desilusão (Gil Mendonça)	27
O enterro do escultor (Willa Cather)	42

FEMININAS

Modelos elegantes	28/29
Nos Bastidores Femininos (Kitty)	34
Chapéus e penteados	36/37
Para mocinhas	39
Femininas	43
Infantis	48

SECÇÕES

A Semana em Revista	6
A REVISTA em Hollywood (Louis Serrano)	44/45
De Teatro	46/47

HUMORISMO

De Bom Humor	38
"Charge" de Raul	52

CURIOSIDADES

Aleluia	3
Detetives em ação	20/21
Uma cidade que renasce: o Havre	40/41

NOVELA

A Vidente (Amaral Gurgel)	57/58
---------------------------------	-------

REVISTA DA SEMANA



NOSSA CAPA

Claudette Colbert, uma "estrela" veterana e sempre em evidência,

(Foto RKO)



Os Sofrimentos das Mulheres

Os médicos sabem as graves consequências que podem ter certos sofrimentos das mulheres, causados pelas congestões e inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.



Esses sofrimentos as vezes são tão penosos que muitas mulheres receiam perder o domínio de seus nervos!

A vida assim é um martírio!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use **Regulador Gestelra** sem demora.

Regulador Gestelra trata os padecimentos nervosos produzidos pelos sofrimentos do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelo mau funcionamento do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de disposição para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gestelra trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gestelra**



OS CONCURSOS LITERÁRIOS DA "REVISTA"

CONCURSO DE PEÇAS TEATRAIS (PRÊMIO APOLONIA PINTO)

— Está se realizando a seleção dos originais de teatro relativos ao "Prêmio Apolonia Pinto", cujo autor premiado receberá a quantia de Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros), oferecida pelo Clube Ginástico Português. Esses originais continuam sendo examinados pelo sr. Daniel Rocha, representante daquela entidade, devendo em seguida passar às mãos de três outros membros da comissão julgadora: Bandeira Duarte pela Associação de Críticos Teatrais, Joraci Camargo pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais e Floriano Faissal pela Casa dos Artistas, já tendo sido examinado pelo representante da REVISTA DA SEMANA. Como se vê, tem de ser demorada, por isso que rigorosamente imparcial e honesta, a tarefa desse julgamento.

CONCURSO DE CONTOS (PRÊMIO AURELIANO MACHADO)

— Está vigorando o nosso 4.º Concurso Permanente de Contos, cujo prazo de encerramento, de acordo com as condições anteriormente publicadas, terminará dia 31 de maio. Ao mesmo tempo continuamos publicando os originais premiados nos concursos anteriores..

CONCURSO DE ROMANCES (PRÊMIO "REVISTA DA SEMANA")

Também estão sendo examinados os originais de romances recebidos, julgamento do qual uma vez concluído, divulgaremos o devido resultado.

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECRETAS MEDICAS
COM EXATIDÃO

O PINCE-NEZ

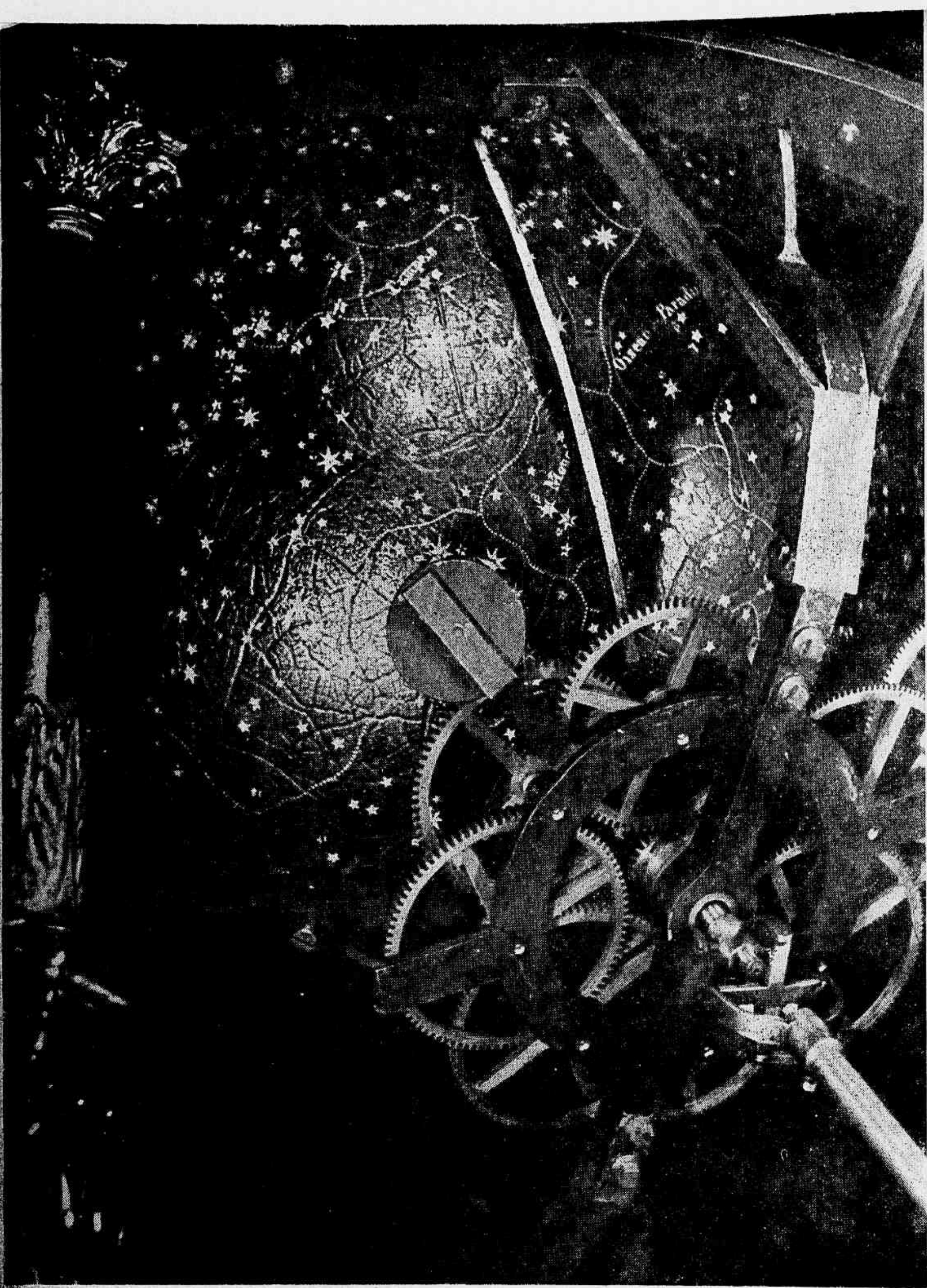
OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS
R. CARIOCA N.º 23

Foaltheria

DE OURO

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELOGIOS, BRILHANTES
E ARREGIOS PARA PRESENTES



MEUS amigos! Estamos à véspera de novas, desnordeantes maravilhas! O progresso dos engenhos bélicos, aplicado aos utensílios civis, prenuncia assombros de que se gozarão os nossos filhos e que serão, por sua vez, velharias para os nossos netos...

O rádio de bolso é um desses milagres da ciência moderna. Cabe na palma da mão, mas tem o poder de captar as emanções sonoras de países longínquos. É o condensador etéreo do Mundo. Em viagem, conduziremos conosco a Civilização — falante, cômoda e doméstica! Um dia, sem maior esforço, levaremos, no bolso, todas as vozes multifárias do Universo! É a loucura posta em realidade. É o absurdo em forma de instrumento. E já ninguém recordará os nomes humildes de Hertz e Branly, os dois sábios modestos cujas experiências geniais abriram caminho à série imensa de prodígio de rádio-transmissão que, hoje, valorizam o Homem e desafiam o Impossível...

Os dois miões descobrimentos desta centúria vieram aperfeiçoar os mais nobres dos nossos sentidos: a visão e a audição. São, eles, os dois sentidos da inteligência, os dois sentidos da Arte, no mundo em que vivemos.

Os olhos são de tal modo nobres que a Providência os colocou na parte mais alta da face, como faróis destinados a guiar, prevenir, salvar... A suprema maravilha e gozo da alma ainda é um ato de ver: a visão de Deus... É pelos olhos que entra a Verdade, sob a forma irresponsável dos Fatos e dos Documentos! É pelos olhos que vem o Saber, através do engenho miraculoso da Escrita! É pelos olhos que chega o Amor, transformado em centelha viva, chama gloriosa que tem a sua origem na mesma luz dos astros e da Eternidade... Pois bem: os raios X ampliam-nos os e fortalecem-nos. Dão-lhe um poder que a Natureza lhes negara: o de penetrar através dos corpos opacos. Com os raios X, o médico devassa as intimidades orgânicas e quase chega a sentir o trabalho bio-químico das funções! É uma das supremas dádivas do Senhor à probríssima inteligência dos homens...

O Rádio é o ouvido capaz de ouvir o Infinito. Capta, quase a luz das estrelas, sob a

forma celestial de música, ritmo, mensagem de outros mundos, emanção sonora de outras almas... O homem mais humilde do nosso tempo, provido de um aparelho de rádio, está apto a entrar em comunhão com todos os séculos da História, através dos seus legados melódicos, das suas heranças rítmicas... A princípio, era um sistema complicado de caixas enormes e arames sutis. Parecia aparelhagem bélica, e o ouvinte ficava ligado a longínquas estações emissoras pelo documento sensível de dois fios...

Hoje, o Rádio é um motivo ornamental de casa, um instrumento de decoração e luxo. Ciência simplificou-o até o reduzir à forma acessível de objeto de bolso. Podemos carregá-lo conosco, como se fosse uma caixa de fósforos ou um livrinho de notas. Brevemente simulará um botão de paletó, um alfinete de gravata... Através desses vulgares utensílios ou enfeites, ouviremos a China, a Austrália e as ilhas dos Mares do Sul. Talvez, um dia estejamos, por meio deles, em contacto com Saturno ou Vênus...

Tais são algumas das perspectivas auspiciosas que nos abrem os recursos contemporâneos da Física, os milagres vulgares da Mecânica.

Enquanto os nossos telescópios ainda teatizam a região suburbana das Vias-Lácteas, o quintal cósmico dos sistemas planetários, já lhes ouvimos as vozes e pressentimos os anseios! Temos, na nossa mesa de trabalho, o instrumento capaz de levar-nos à alma dos mais recuados confins do Universo. Damos novo sentido à legenda latina: *sic itur astra*... Nossas asas, posto não sejam fusíveis como as do imaginado Icaro, ainda não ousam abalar-se à conquista sideral dos espaços. Estamos arranhando a estratosfera, receiosos de não ter o que respirar além dos ares comuns do nosso planeta...

Mas, o Rádio atravessa, ufano, as mudanças e rarefações das atmosferas. Vai, por entre raios e coriscos, em busca de estrelas capazes de ouvir os homens na antítese perfeita do famoso verso de Bilac... É o correio sonoro dos mundos, o mensageiro fluídico das esferas!

Eis o futo maravilhoso do cérebro potente dos homens de ciência. Estamos a caminho da sonorização definitiva dos sistemas planetários. Marchamos pela estrada real do Eter, à procura de almas que comuniquem conosco na sincronização dos sentimentos e das aspirações.

Toda a velha ordem do Universo está em ponto de adquirir alma, mediante o milagre musical das ondas de Hertz.

Os mundos talvez acabam por fraternizar na aprendizagem recíproca dos composições musicais. Mandaremos, às criaturas estelares, o nosso samba ardente! os americanos encherão o Cosmos com as palpações brejeiras dos fox, e veremos a Via-Láctea aprender com esforço, o passo langoroso dos tangos.

É o começo da festa pan-musical demunciativa da perfeita "harmonia das esferas". O mundo podem acabar — mas deixarão, após si, uma esteira de ritmos, a herança prodigiosa da sua alma desfeita em sons, multiplicada em ecos!

Rio, Abril de 1946.

BERILO NEVES

O SOM E O MUNDO

O sr. Otavio Mangabeira não me concedeu esta entrevista. Para falar a verdade, arranquei-a, constringendo-o terrivelmente e obrigando-o a quebrar uma norma já tradicional, — a de não dar entrevistas individualmente, a um único jornalista, mas a toda a imprensa e somente em momentos de crise nacional. Entretanto, o ilustre homem público que ora exerce a vice-presidência da Câmara dos Deputados capitulou ante a insistência com que o assediávamos, movidos pelo desejo de fixar alguns aspectos históricos ainda obscuros para grande número de brasileiros, — a origem das suas prisões e dos seus exílios. Obscuros porque, durante muitos anos, uma censura rígida, total, implacável, não permitia a mais leve alusão a tais assuntos, e porque, ao voltar do exterior, o sr. Otavio Mangabeira, com a sua característica discreção, preferiu não falar de si mesmo, e sim do vasto drama político brasileiro.

Esse homem ilustre, um dos nossos maiores chanceleres, professor eminente, parlamentar de grande envergadura, membro da Academia Brasileira de Letras, foi um dos brasileiros que, por quererem a democracia, a ditadura totalitária fez condenar pelo Tribunal de Segurança. Foi expulso, ainda, não



O Dr. Otávio Mangabeira, na época em que, deputado federal pela Bahia, foi convidado pelo presidente Washington Luís para ministro das Relações Exteriores.

ca, precisava de reformas importantes, sobretudo a respeito do voto, da legitimidade da representação. Tínhamos, entretanto, realizado algumas conquistas democráticas da maior importância, como a liberdade de imprensa e a liberdade e as garantias que cercavam a tribuna parlamentar, sem restrição de qualquer natureza, nem mesmo as que alguns países normalmente se adotam. Nunca se soube, até outubro de 1930, de um só deputado ou senador que tivesse sido coartado no exercício do seu mandato. Outra dessas conquistas foi a relativa amplitude do instituto do "habeas corpus", resultado das campanhas cívicas de Ruy Barbosa. Por meio de "habeas corpus" podia-se, inclusive, assegurar o direito de publicar discursos parlamentares onde quer que fosse, em pleno estado de sítio, — fora do "Diário do Congresso", é claro, porque neste nunca deixaram de ser publicados. O prestígio da Suprema Corte de Justiça tinha chegado ao mais alto grau. Basta lembrar que Nilo Peçanha tomou posse do cargo de presidente do Estado do Rio de Janeiro, tendo contra ele o presidente da República e Pinheiro Machado, que era a maior força política do país naquela ocasião... Para que se tenha idéia do que era esse prestígio assinalarei ainda que, tendo sido

ONZE ANOS DE EXÍLIOS E PRISÕES

Recapitulando passagens de grande significação histórica — O Sr. Otávio Mangabeira pederia ter continuado a ser ministro do Exterior depois de 24 de outubro de 1930, mas não quis... — A primeira deposição — O regresso e as novas provações — A inabalável firmeza do grande líder democrático — Cartas de protesto — Do segundo desterro à vice-presidência da Constituinte — A razão de sua incompatibilidade fundamental com o Sr. Getúlio Vargas — Um "digest" de Machado de Assis

Por R. Magalhães Junior — Especial para REVISTA DA SEMANA

zô da sua cátedra, como do próprio país, sujeito à prisão e ao desterro.

Muito nos custou convencê-lo a falar sobre esses episódios. Mas uma vez tendo cedido aos nossos insistentes pedidos, o sr. Otavio Mangabeira discorreu longamente sobre esses pontos de grande interesse histórico e político.

"OS GENERAIS QUERIAM QUE EU CONTINUASSE NA PASTA DO EXTERIOR..."

De início, revela-nos o sr. Otavio Mangabeira uma coisa interessante. Os generais que sucederam em 1930 ao sr. Washington Luís no governo do país queriam que ele

continuasse à frente do Ministério das Relações Exteriores. Por uma questão de ordem, porém, vamos deixar isso para depois. Abrimos a entrevista fazendo menção a uma passagem de um discurso regente, em que o sr. Otavio Mangabeira proclamou que "a verdadeira democracia nunca foi praticada no Brasil". Perguntamos se isso representava uma indicação de que ele, presentemente, tinha o movimento revolucionário de 1930 na conta de um fato que abusos anteriores de certo modo justificavam. Ordenando o seu pensamento sobre o assunto, assim respondeu o sr. Otavio Mangabeira:

— Posso dizer que a democracia brasileira, desde o Império e através da Repúbli-

presos, entre 3 e 24 de outubro de 1930, três deputados articulados com os revolucionários e em plena fase de luta civil, o procurador geral da República fez sentir que o Supremo Tribunal se mostrava inclinado a conceder "habeas corpus" a esses deputados e incontinente o sr. Washington Luís mandou pô-los em liberdade, embora, em consciência, lhe parecesse que, em face da Constituição, naquele caso específico, a polícia tinha o direito de detê-los...

Depois de uma ligeira pausa, acrescenta o sr. Otavio Mangabeira:

— O que havia de maléfico, naquele tempo, era a hipertrofia do governo executivo sobre os Estados, onde os governadores

Em 1936, na Câmara dos Deputados, combatendo a consumação de um ato para-fascista, a prisão e o processo dos deputados Domingos Velasco, Abguar Bastos e Abel Chermont, — caminho que conduziria ao desprestígio e fechamento do Congresso.



se convertiam em oligarcas e a fraude eleitoral tirava a legitimidade da representação. No que respeitava ao voto, impunha-se uma reforma. Testemunha dos fatos daquela época, eu também desejava essa reforma. Mas nunca depusitei esperanças na revolução de 1930, por conhecer bem as suas ori-

gens e os homens que a dirigiam. Em todo caso, fiz votos para que algo de útil fosse realizado. O meu desejo era ver desmentidas as minhas dúvidas e suspeitas. Mas se deu precisamente o oposto...

Fere o sr. Otávio Mangabeira, finalmente, a questão da sua permanência no Minis-

O vice-presidente da Assembléia Constituinte, Dr. Otávio Mangabeira, ao lado do jornalista R. Magalhães Junior, que o entrevistou para REVISTA DA SEMANA.



tério das Relações Exteriores, depois de outubro de 1930:

— Tão desapassionada era a minha ação afastada de qualquer paixão partidária, foi a minha gestão no Ministério das Relações Exteriores que havia em torno do Itamarati um ambiente de simpatia geral. Um baile que ali foi dado por minha iniciativa, 15 de agosto de 1930 compareceram figuras das mais destacadas da oposição, que, então já era acesa. A Câmara aprovou uma moção de aplausos à ação do Itamarati com a assinatura dos principais chefes oposicionistas que dela participavam. Nos dias 24 e 25 de outubro, grupos de populares que faziam passeatas manifestavam-se, também com simpatia em frente ao Ministério das Relações Exteriores. E, na noite de 24 de outubro, os generais que constituíram a Junta Governativa insinuaram a necessidade da minha permanência à frente do Itamarati.

"OS GENERAIS QUERIAM GOVERNAR MAS A JUNTA LOGO SE ENFRAQUECEU..."

— Veio à minha casa o Paulo Bittercourt, — prossegue o sr. Otávio Mangabeira — para me fazer um apêlo e me demonstrar a necessidade de ficar à frente do Ministério das Relações Exteriores, porque era esse o pensamento dos generais. Nesse sentido disse-me ele, faria publicar um artigo no "Correio da Manhã", que era, — note bem — o órgão principal da revolução vitoriosa. Pedi-lhe que não fizesse tal coisa. Não havia hipótese alguma de que eu continuasse à testa do Itamarati e o seu artigo poderia ser mal interpretado. Podia parecer que havia insinuado qualquer coisa e demonstrado desejo de abandonar os meus amigos, aderindo aos vencedores... A 25 de outubro, fui chamado ao Catete. O oficial do Exército que me foi buscar em casa pareceu interpretar o caso como coisa parecida com uma ordem de prisão... Na verdade, ele não sabia de que se tratava e mal cheguei eu ao Catete o general Malan D'Angrogne, que ali se achava, desmanchou-se em desculpas, embora eu lhe tivesse declarado que fora tratado com urbanidade e que não sofrera o menor desacato. Os dois generais que compoem o almirante Isaias Noronha, faziam parte da Junta, isto é, Tasso Fragoso e Menna Barreto, me intimaram quase a sair dali diretamente para o Itamarati, a fim de reassumir a pasta. Eu lhes declarei que lhes ficava muito bem essa atitude, mas não a mim. Era inteiramente inconcebível que eu continuasse a ser ministro das Relações Exteriores quando o presidente que me nomeara para esse cargo estava preso numa fortaleza. Declarei-lhes, entretanto, que em nome dos interesses nacionais, contassem comigo para servir ao Brasil, dando à Junta quaisquer informações, orientando-a ou aconselhando-a no domínio das relações internacionais. Como no dia 26 de outubro o presidente Washington Luís completava sessenta anos e em vista da consideração que a Junta Governativa vinha me dispensando, pedi aos dois generais permissão para visitar o prisioneiro de Estado. A esse pedido, declarou-me o general Tasso Fragoso: "Lembre-se em boa hora de nos falar nisso, porque o seu pedido vem ao encontro dos nossos desejos. Queríamos mesmo rogar-lhe que fosse conversar com o sr. Washington Luís, no sentido de que ele embarque na próxima terça-feira para a Europa". Fui ver o presidente Washington e a minha foi a primeira visita que ele recebeu no seu confinamento do Forte de Copacabana. Ali, ainda não tinha notícia de coisa alguma do que estava se passando. Informei-o do desenvolvimento que iam tendo os fatos, bem como do desejo da



Flagrante de uma homenagem ao Dr. Otávio Mangabeira, no Itamaraty quando era ele ministro das Relações Exteriores.

Junta. Ele me respondeu que estaria pronto a partir, se não lhe impusessem condição alguma e desde que pudesse levar sua esposa em sua companhia. Respondi-lhe que era esse o pensamento dos generais. Mas, quando voltei ao Catete, já encontrei a Junta em certa situação de malestar. É evidente que a Junta pretendia governar, tanto assim que tinha organizado um ministério. Mas começavam a chegar telegramas de revolucionários, do Norte e do Sul, dando conta do avanço de suas colunas e dizendo que a Junta não podia continuar no poder. Quem devia assumir o Governo era o sr. Getúlio Vargas, diziam os telegramas, porque era ele o chefe da revolução. O general Tasso Fragoso declarou-me que, em face disso, telegrafara ao sr. Getúlio Vargas, consultando-o a respeito do embarque do presidente Washington Luís.

Ponderei-lhe que não devia ter feito isso, uma vez que a Junta me havia incumbido de transmitir suas determinações ao prisioneiro e que ele já havia dito estar disposto a deixar o país. A resposta do sr. Getúlio Vargas modificou todos os planos. Ele respondeu opondo-se, dizendo que a presença do sr. Washington Luís era necessária, para responder a acusações que lhe faziam os revolucionários. Data daí a minha incompatibilidade profunda e irreconciliável com o sr. Getúlio Vargas. Só pela vontade dele, o sr. Washington Luís deixou então de embarcar. Ele fez questão de tê-lo como seu prisioneiro... Eu, que fora testemunha do carinho e da consideração com que o presidente Washington Luís sempre o tratara, bem como da humildade e da submissão do sr. Getúlio Vargas diante dele, — em face de sua atitude

de para com o seu amigo, seu chefe e seu bemfeitor, que o distinguia mais do que a mim ou a qualquer outro, não pude jamais perdoar tanta frieza e tanta ingratidão...

O CAMIHO DO EXILIO — UMA CASA QUE SE TRANSFORMA EM CLUBE POLITICO — O CONSELHO DE AFRANIO DE MELO FRANCO

— Minha casa, — continua o sr. Otávio Mangabeira, — tornou-se um centro de intenso movimento. Naquela hora, com todos aqueles lenços vermelhos, aqueles bivaques nas ruas, aquelas cenas de que o Rio ainda se recorda, estabeleceu-se o pânico entre os vencidos. Como eu tinha uma situação especial minha casa começou a se tornar o centro de convergência desses elementos. E

O Sr. Otávio Mangabeira, vice-presidente da Assembléia Constituinte, após onze anos de prisões e de exílios, que não quebrantaram sua resistência cívica nem sua fibra de lutador em prol da democracia.





A esquerda: um dos atos do Dr. Otávio Mangabeira como chanceler: a assinatura do tratado de limites com a Bolívia. A direita, uma fotografia histórica, em que o presidente Washington Luiz aparece acompanhado do Sr. Otávio Mangabeira e de outros ministros ao receber o presidente eleito Herbert Hoover, dos Estados Unidos, em sua visita ao Rio.

desde então comecei a ser aconselhado a fechar a casa, porque, me diziam, ela estava se transformando num "clube político", num "centro de conspirações". Eu morava, então, na Avenida Osvaldo Cruz, e a mim recorriam todos os perseguidos e ameaçados. O fato de ter sido ministro das Relações Exteriores dava-me a facilidade de arranjar asilo nas embaixadas estrangeiras. Arranjei asilo para vários. O Afranio de Melo Franco, que, na ocasião, exercia o cargo de ministro das Relações Exteriores, mandou um emissário me dizer que eu devia tomar precauções. Que eu devia sair da evidência em que estava e ir para uma fazenda, em Teresópolis, até voltarem as coisas ao estado normal. Mas aquela evidência não era por mim procurada, e ausentar-me pareceria um ato de fraqueza, um ato de incorreção da minha parte. Não podia abandonar os amigos, aos quais só eu talvez pudesse servir. Prefери deixar que as coisas corressem do mesmo modo...

A PRIMEIRA PRISÃO — CARTAS QUE SÃO DOCUMENTOS PARA A HISTÓRIA — A CAMINHO DA EUROPA NO "CONTE VERDE"

— E até quando as coisas correram assim?

— Até o dia 8 de novembro, — diz o entrevistado, — isto é, até cinco dias depois do sr. Getúlio Vargas haver tomado o poder. Estava eu no Hotel Glória, para onde me havia mudado, quando ali apareceram um oficial do Exército e um delegado de polícia, bacharel formado, — cito esses detalhes para mostrar que ainda havia certo respeito, restos de uma civilização ainda não de todo destruída... Mais tarde eu fui preso mesmo por simples investigadores de polícia... Uma vez preso, fui conduzido para um quartel do Exército, o do 1.º Regimento de Cavalaria Divisionária, onde me deram um alojamento apropriado. No quartel, comecei a escrever umas cartas, advertindo a própria ditadura dos males incontáveis que poderia causar ao Brasil. Estive ali incomunicável nos primeiros tempos, mas logo achei meios de fazer com que cópias dessas cartas fossem distribuídas. E, um dia, o coronel Lúcio Esteves, que mais tarde foi general e que, na ocasião aludida, era chefe do gabinete militar do ministro da Justiça (Osvaldo Aranha), foi visitar-me levando uma lista de todos os navios que iam deixar o porto do Rio de Janeiro, naqueles próximos dias. O governo ditatorial decidira que eu partisse para o estrangeiro. Declarei que só partiria à força,

— espontaneamente nunca. Não reconhecia à ditadura o direito de manter preso e muito menos o de me deportar. O meu dever era permanecer no país para dar conta dos meus atos e para acompanhar a nação nas suas vicissitudes. Deportado à força e sob protesto voltaria ao Brasil quando se travasse a primeira eleição livre, para submeter ao julgamento dos meus conterrâneos as minhas atitudes políticas e os atos da minha vida pública. Não só o declarei verbalmente àquele oficial, com o fiz ainda, por escrito, em carta que dirigi a Assis Brasil, que, pela sua idade, experiência e, ainda, por já ter representado o país no estrangeiro, me parecia a figura mais ponderada no seio do novo governo e capaz, talvez, de exercer alguma influência sobre os outros. Essa carta é uma espécie de manifesto e nela fiz votos para que, com sua experiência e com sua sensibilidade, pudesse ele deter "a onda que por enquanto ainda se espria, transformando a mais bela das cidades num litoral africano, pintada e repintada de vermelho, gozando da ressaca"... Dessa carta, enviei cópias ao Arthur Bernardes e ao Antonio Carlos... E, a 7 de dezembro, partia do Rio de Janeiro, no "Conte Verde", rumo à Itália...

1926 a 1930 — No Itamaraty, como ministro das Relações Exteriores do governo Washington Luis, a serviço dos interesses do Brasil.

De novembro a dezembro de 1930, preso no quartel do 1.º R. C. D., à Avenida Pedro Ivo, — de onde partiria para o primeiro exílio.



COMO VIVEU NO EXILIO — DE UM MODO GERAL, A EXPENSAS DE PARENTES E AMIGOS — O REGRESSO

— Estive, a princípio, na Itália, — diz o sr. Otavio Mangabeira, — e, mais tarde, transferi-me para a Suíça, onde escrevi o meu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras. Naquela ocasião, — e essa é uma das piores vicissitudes do exílio, — recebia cartas animadoras, que me diziam que, dentro de seis meses, no máximo, o país teria voltado à normalidade constitucional. Esses seis meses foram se prolongando e se converteram em quatro longos anos... Da Suíça, transferi-me para a França, onde passei dois anos e meio. Fiz uma pequena excursão através da Alemanha, Austria, Hungria e Checoslováquia, — e procurei sempre viver com a maior modéstia e a mais estrita economia. E não podia ser de outro modo, porque, na Europa, não encontrava trabalho e me escasseavam meios de prover a minha própria subsistência. Vivi, durante esses quatro anos, de uma maneira geral, a expensas de parentes e de amigos. Um registro notável a fazer, — e dos mais gratos, — é o da simpatia com que sempre fui acolhido em toda parte pelos nossos funcionários diplomáticos e consulares. Poderia contar episódios de bondade e de carinho da maior expressão. Não encontrando na Europa possibilidades de trabalho remunerado, dediquei-me a escrever uma série de documentos de protesto contra o modo porque iam correndo as coisas no Brasil, onde se implantara a ditadura. "O Globo" publicou, a certa altura, uma notícia, segundo a qual o governo "permitiria" o meu regresso ao Brasil. Informado disso, enviei uma carta a "O Globo", que a censura, — é claro — o impediu de publicar, declarando que nunca voltaria ao Brasil por "permissão da ditadura", porque não

lhe conhecia o direito de me dar essa permissão, assim como não lhe reconhecia o de me exilar. Voltaria em nome do meu direito e para combater os seus abusos. De fato, promulgada a Constituição a 16 de Julho de 1934, regressei ao Brasil, partindo de Lisboa a 30 do mesmo mês com destino ao Rio. E aqui permaneci até 1937. Eleito deputado, nesse ínterim, não poupei esforço algum no sentido de fazer com que mudasse a situação do Brasil...

NOVA PRISÃO — NOVAS CARTAS — NOVO EXILIO...

— E, em 1937, nova prisão e novo exílio... — Exatamente, — confirma o vice-presidente da Câmara dos Deputados. — Vínhamos combatendo o governo, que, depois do movimento de 1935, na Praia Vermelha e campo dos Afonsos, restabelecera virtualmente a ditadura, chegando ao extremo de prender deputados. A ditadura fora restabelecida a pretexto de combater o comunismo, em pleno curso da campanha presidencial, em que se defrontavam Armando Sales e José Américo de Almeida. Na sombra, foi preparado o golpe de Estado de 1937... Nesse dia, o dia mais negro da nossa história, o 10 de novembro, minha casa amanheceu cercada pela polícia e, às 6 horas da manhã, um investigador vinha me notificar de que o Congresso havia sido dissolvido, que a ditadura havia sido restaurada (foram suas palavras textuais) e que eu estava preso incommunicavel. Dois investigadores ficaram guardando a porta da frente e dois outros a porta dos fundos de minha casa. De seis em seis horas eles eram substituídos, gastando assim a polícia dezesseis homens para guardar um. Assim fiquei de 10 de novembro a 8 de dezembro. Nesse dia chegou outro investigador e me declarou que eu estava em

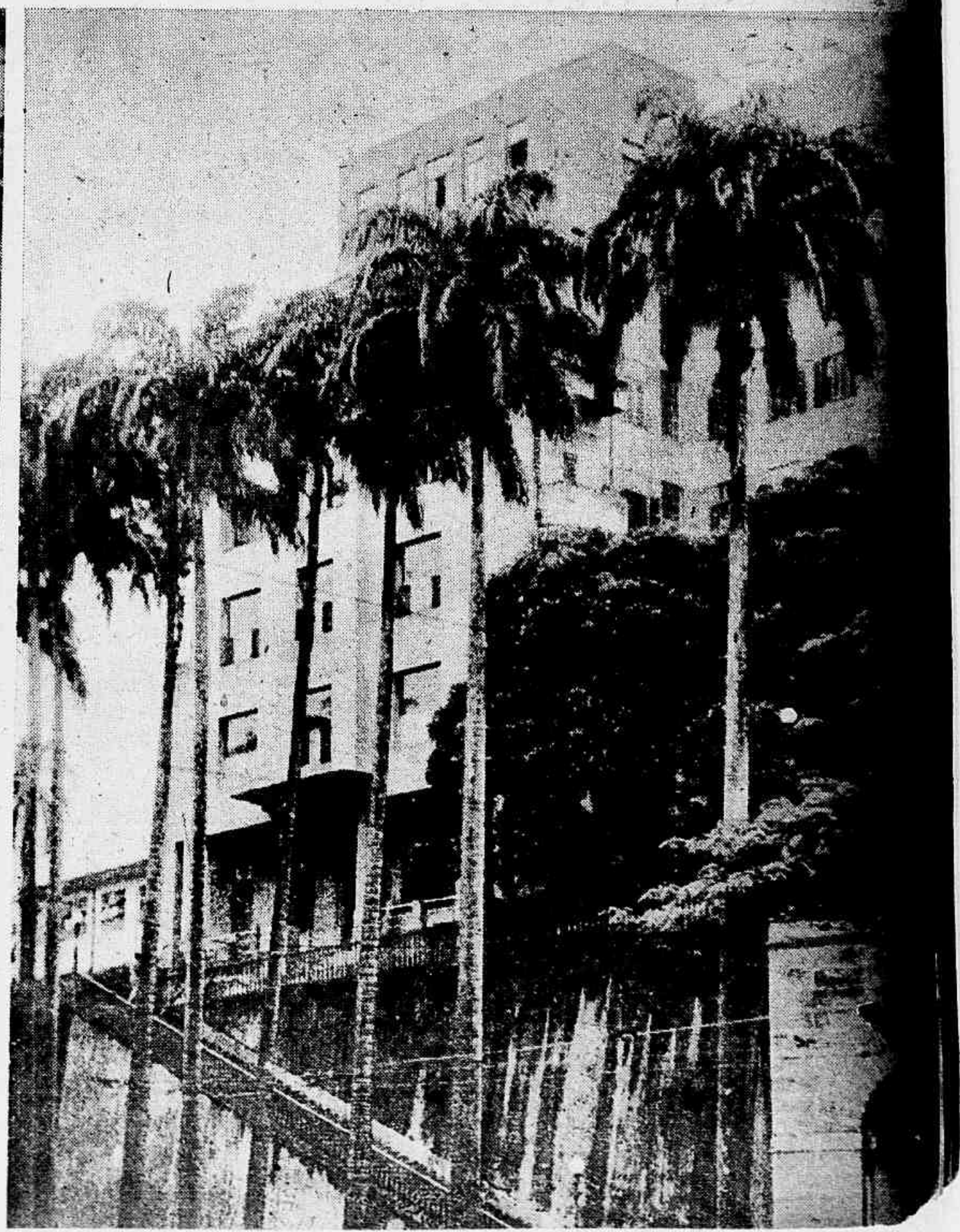
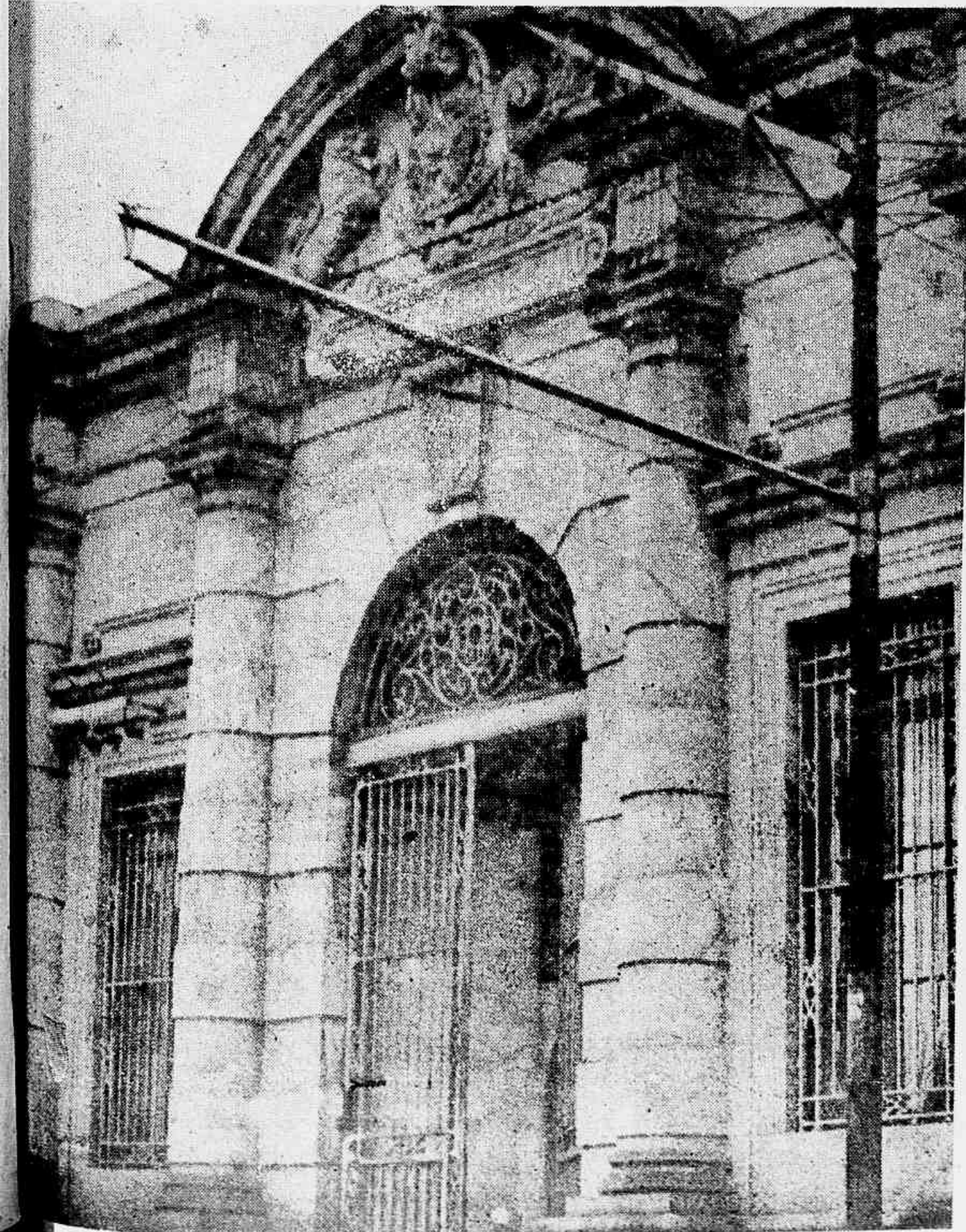
liberdade, tendo a cidade por "menage". Só poderia, entretanto, me ausentar do Rio, mesmo que para Niterói ou Petrópolis, com licença escrita da Polícia. Assim fiquei até 9 de março, quando apareceu outro investigador e me declarou que outra vez eu estava preso. Fui recolhido à sala da Capela, na Casa de Correção. Ali fiquei cerca de um mês, até que, em maio, tendo havido muitas pisões de integralistas, resolveram encher com eles a sala onde eu estava sozinho. Fui, então, mandado para o Hospital da Polícia Militar...

TESTEMUNHANDO HORRORES — PARA ONDE IAM AS VÍTIMAS DOS BARBAROS ESPANCAMENTOS DA ORDEM POLITICA E SOCIAL...

No Hospital da Polícia Militar, testemunhei horrores que nunca esquecerei... — diz o antigo ministro das Relações Exteriores. — Para ali eram removidas, em estado deplorável, as vítimas dos bárbaros espancamentos que faziam parte do sistema de repressão da Ordem Política e Social... Na sala da Capela, havia eu escrito, sob o título de "Palavras ao vento", uma série de páginas narrando os antecedentes do golpe de Estado de 1937, que fiz distribuir em forma de folheto datilografado, apenas para ficar registrado o fato. Removido para o Hospital da Polícia Militar, escrevi ao general Eurico Gaspar Dutra, então ministro da Guerra, duas cartas, uma delas a 9 de junho e a outra a 9 de julho (Essas cartas foram publicadas no ano passado, pela primeira vez, uma pelo "Correio da Manhã" e outra pelo "Diário de Notícias"). Foram escritas no mesmo tom dos outros documentos (da carta a Assis Brasil, por exemplo) e, nessa ocasião, fui também muito aconselhado a me abster de qualquer manifestação, porque isso poderia causar irritação

De 9 de março de 1938 a meados de abril do mesmo, preso na Casa de Correção.

De abril a agosto de 1934, no Hospital da Polícia Militar. Depois, a Bahia e exílio...





Em fevereiro de 1946, na Assembléia Constituinte, na qualidade de vice-presidente, Otávio Mangabeira, líder da UDN, continua a sua luta para que o Brasil volte ao regime democrático e à plena posse das liberdades civis... A' direita, o ministro do Sr. Washington Luiz, do qual faziam parte o Sr. Getúlio Vargas e o Sr. Otávio Mangabeira, várias vezes preso e desterrado pelo seu ex-colega... No primeiro degrau, aparecem o Sr. Washington Luis e o vice-presidente, Sr. Melo Viana. No segundo, o general Nestor Sezefredo dos Passos, ministro da Guerra, Lira Castro, ministro da Agricultura, e Otávio Mangabeira, ministro do Exterior. No terceiro, Getúlio Vargas, da Fazenda; Viana do Castelo, da Justiça; e Pinto da Luz, da Marinha. Os demais eram da casa civil e da casa militar da presidência.

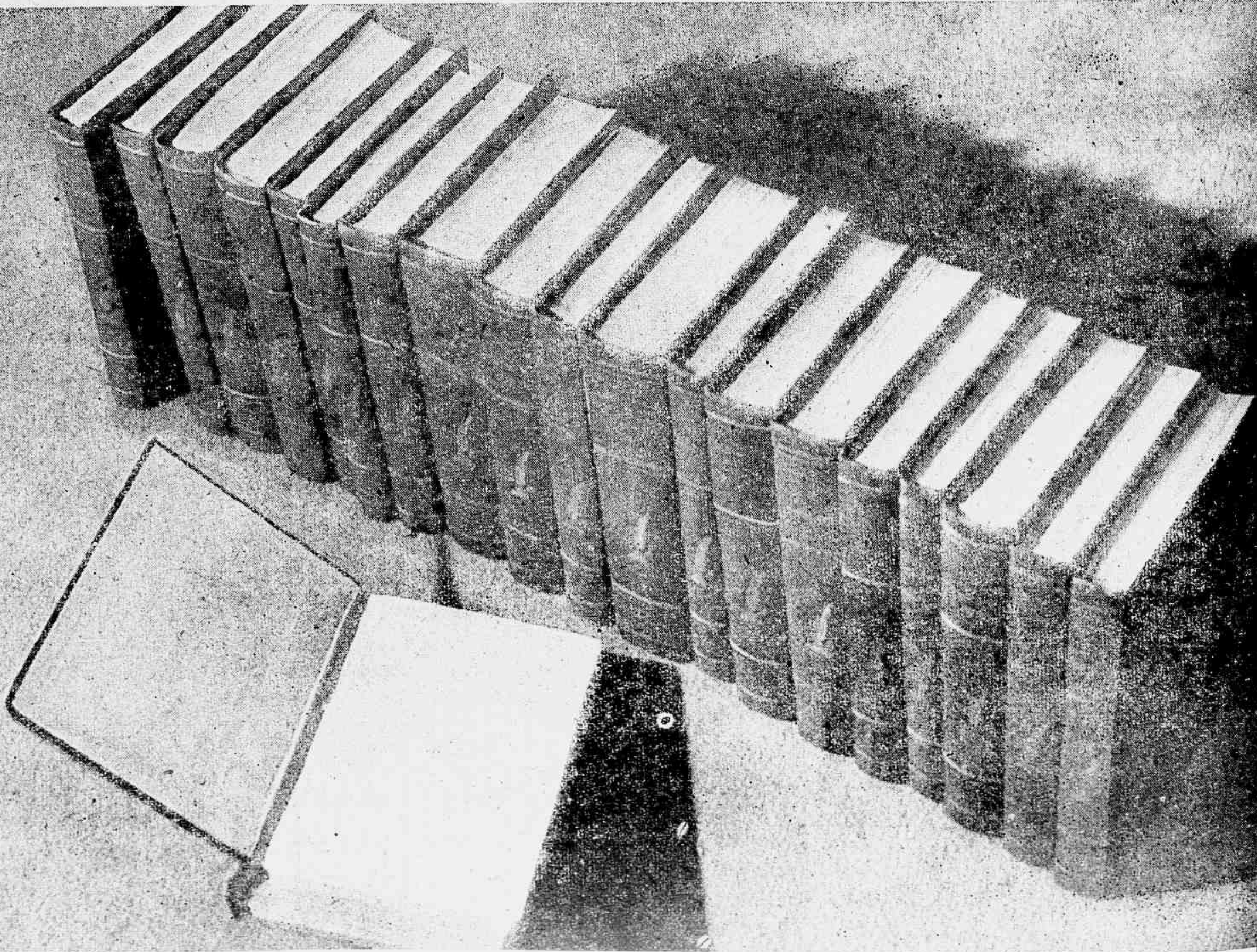
e provocar ódios. Eu via os presos que eram vítimas dos espancamentos. A situação dêles era horrorosa. Um preso como eu não podia, porém, ficar silencioso diante de tantos crimes. Para que eu tivesse autoridade quando saísse da prisão devia protestar dali mesmo. As minhas cartas não tiveram respostas, nem esperava eu que tivessem. Mas mandei datilografá-las e distribuí-las. Dias depois, às 11 horas da noite, tiraram-me do Hospital, que era uma prisão confortável, e me levaram para um cubículo da Casa de Correção. Ali recebi a notícia de que as minhas cartas haviam causado impressão, sobretudo entre generais, principalmente pelo ab-

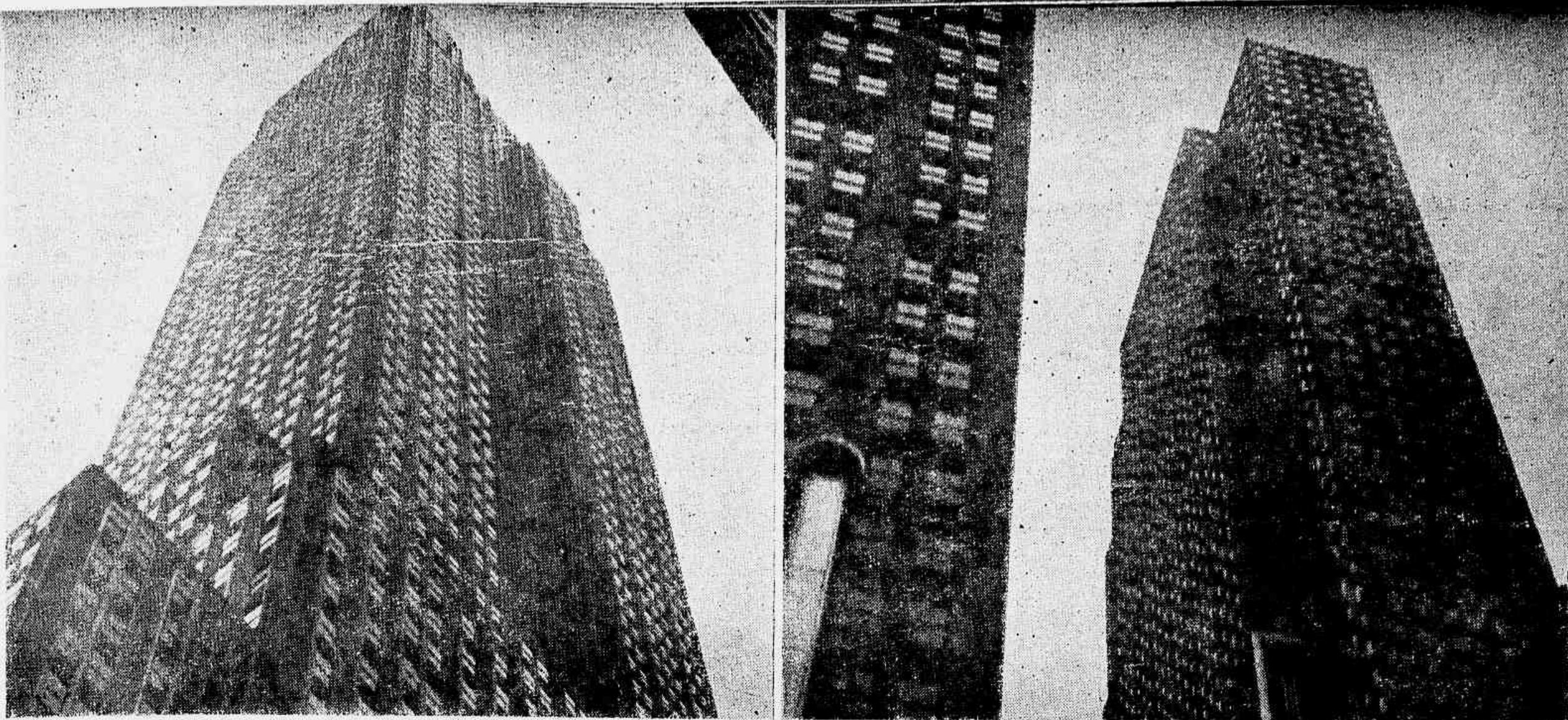
surdo da situação, — estava eu preso há seis meses sem ter sido sequer interrogado, quando havia o Tribunal de Segurança para julgar os "crimes políticos". A 16 de gosto, — também no curso da noite, — foram me buscar na prisão, de onde saí sem a menor idéia do que ia me acontecer. Levado á Central de Polícia, um delegado me declarou que eu estava livre, mas com a condição de ir residir permanentemente na Bahia, de onde não poderia me afastar sob nenhum pretexto. Declarei que iria, porque não tinha outro jeito, mas que, onde quer que estivesse, não pouparia esforços para lutar contra a ditadura. Dois dias antes eu fôra aposentado pelo ar-

tigo 177, — e confesso que, de pronto, não compreendia que alcance poderia ter tal providência. E' que, tendo a ditadura decidido que eu me fixasse na Bahia, não queria que eu estivesse em contácto com os estudantes... Cheguei á Bahia no dia 26 de agosto de 1938 e, a 18 de outubro, — como sempre, no curso da noite, — um delegado me procurou, para me dizer que o chefe de Polícia tinha um assunto urgente para tratar comigo. Lá chegando, o chefe de polícia me exibiu um telegrama assinado pelo Sr. Filinto Muller, chefe de Polícia do Distrito Federal, dizendo-

(Continua na pág 56)

Os dezenove volumes de contos e romances de Machado de Assis, foram, com paciência beneditina, reduzidos a um único volume por Otávio Mangabeira, nas prisões políticas...





A preocupação número um do turista, em Nova York, consiste em adquirir uma objetiva fotográfica e fixar a maior quantidade possível de flagrantes. Os prédios altos, as ruas amplas, os pontos clássicos da grande metrópole, são fotografados diariamente centenas de vezes. E o álbum do viajante, mais tarde, vai deixando amarelecer os retratos nova-iorquinos, à medida que as recordações vão também se apagando.

NOVA YORK POR DENTRO E POR FORA

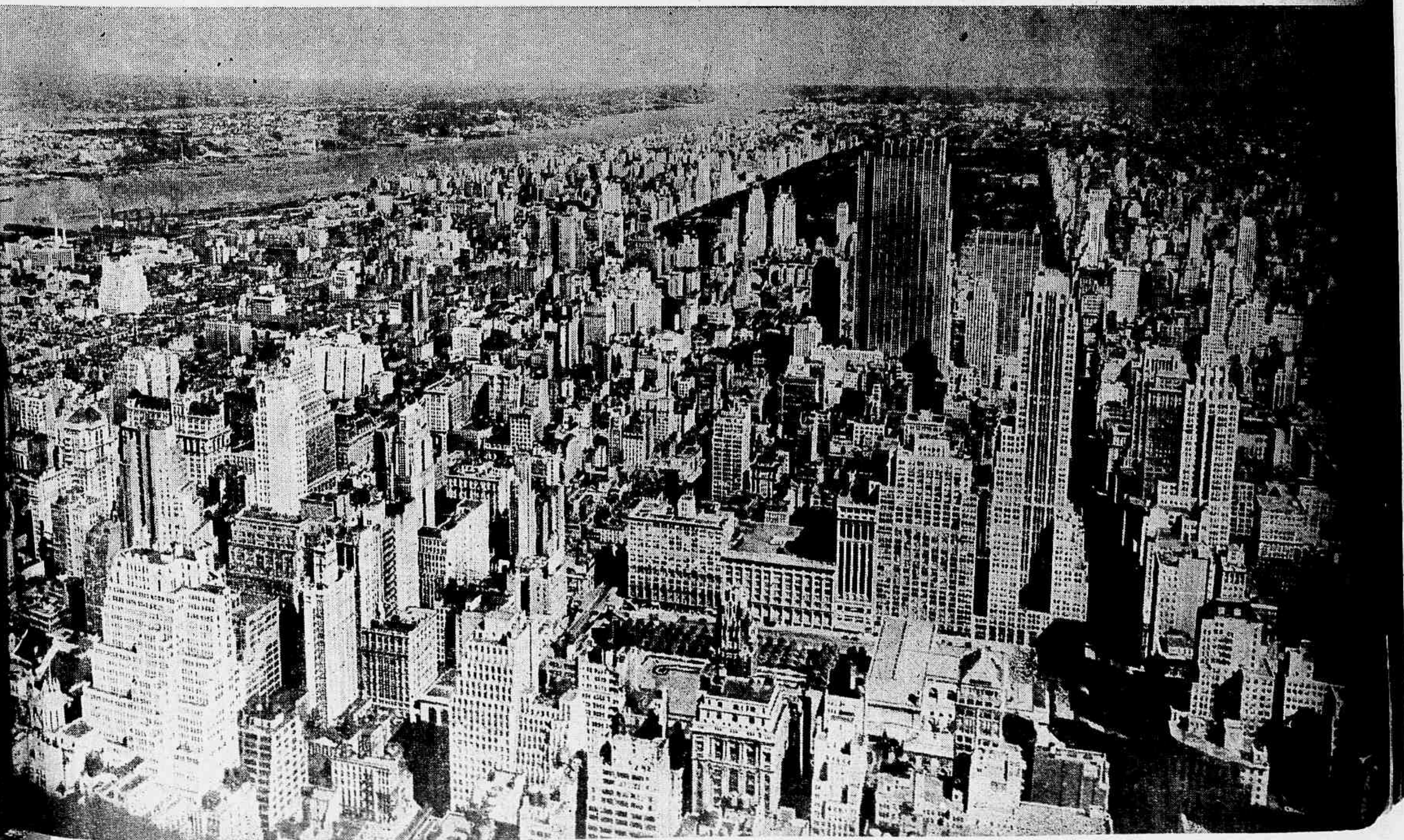
IMPRESSÕES DE UM REPORTER CARIOCA

Quanto mais se procura conhecer Nova York, menos realmente se obtém uma conclusão definitiva e certa. Estamos no primeiro anos de paz, embora a paz atravesse o seu momento culminante do perigo, e deparamos com uma Nova York desconhecida até para aqueles que aqui estiveram antes ou durante a guerra. O período de reconversão desconcerta um pouco esta gente que precisa adaptar-se a uma vida nova,

embora melhor, mas cujas conquistas não podem ser feitas com a presteza da superpopulação, e ainda faltam muitos artigos de primeira necessidade. Quando nos servem café, indagam se o desejamos com açúcar, a nós brasileiros, como se pudessemos bebê-lo amargo. E no entanto esta é a gente que ingere a maior soma de substâncias açucaradas. Não encontramos frutas ao natural, mas quase sempre em calda, submetidas aos pro-

cessos de indústria, e um bife anda por quarenta cruzeiros. Mas nada faz grande falta ao americano, que estabeleceu seu padrão de vida e seus costumes diferentes dos nossos. A indústria aqui está para salvar todas as situações. Vejamos o panorama do turismo. Que maior fonte de receita senão a do turismo neste país! Subimos ao mais alto edifício do mundo, o Empire State, mas só vencemos o percurso dos três elevadores que nos

Aqui está um monumental panorama de Manhattan, deixando ver, à esquerda, em último plano, um pedaço do rio Hudson, e ao fundo, depois dessa colmeia de "arranha-céus", a mancha escura do Central Park, verdejante e florido na Primavera, ressecado, escuro e coberto de neve endurecida no Inverno. Os blocos do Rockefeller Center destacam-se, no perímetro central, e quem já tenha realizado a clássica visita a Nova-York, poderá facilmente situar os pontos nova-iorquinos de sua predileção.



"MISS LIBERTY" A' LUZ DO DIA — A estátua da Liberdade pode ser desarmada facilmente, porque é feita de inúmeros fragmentos. Elevadores e uma estreita escada em espiral levam os visitantes até o topo do monumento. Milhares de autógrafos, escritos com o lapis de "bâton", cobrem o interior da estátua.

levam ao topo do prédio, mediante o pagamento de um dolar e vinte centavos, trinta e quatro cruzeiros. São raros aqueles que nada mais gastam lá em cima, pois a cada passo encontramos novas atrações, mediante outros centavos. O "souvenir" do Empire State traduzido em cartões postais, albuns, "bibelots" e toda a sorte de bugigangas, os vários telescópios de onde se pode distinguir, muito ao longe, e pequenina, a estátua da Liberdade, apenas uma sombra; o telefone especial para falar aos amigos de perto do Céu; o restaurante onde o "lunch" é condição imprescindível; as gratificações e até os selos postais para remeter, com o carimbo do prédio, um abraço aos amigos em qualquer parte do mundo, tudo somado, acaba ficando por três ou quatro dólares.

Sóbem os cento e vinte andares, diariamente, dando de barato, mil pessoas, embora nos domingos o total possa multiplicar-se algumas vezes. Teremos assim, ainda que tomando por base média e despesa de dois dólares por cabeça, uma receita mensal de sessenta mil dólares, setecentos e vinte mil em um ano. Sete milhões e duzentos mil em dez anos. Conclusão: Dia virá em que o Empire State, com seus cento e dois andares, terá ficado inteiramente gratis para seus proprietários passando a ser uma perene fonte de lucros só com a indústria dos turistas.



Mas Nova York não é nem poderia ser apenas o grande centro, o Times Square, a Broadway, o Central Park.

O ponto de referência da imperial Manhattan, justamente a Broadway, leva-nos onde quizermos, e tanto podemos estar na Broadway em plena Rockefeller Center, como no Columbia Circle, na Wall Street ou no Planetarium, pontos diametralmente opostos. Mergulhamos no asfalto, somos empurrados para um "subway" que nos deixa na colossal Wall Street, e ali nos espera uma decepção: Não encontramos a artéria monumental que no cinema apresenta, pois Wall Street justifica plenamente o seu nome. E' de fato uma rua emparedada. Altíssimos prédios de um lado e do outro, sim, mas a rua estreita, qual a nossa da Quitanda ou a da Candelaria, menor em extensão que qualquer delas. Ali dentro daqueles prédios de gigante, articulam-se as pulsações monetárias das Américas e do mundo. Ali se empossam e se destronam os maiores empórios. Sem o "placet" de Wall Street nada será feito no setor econômico mundial, porque ali se fazem milionários mas também se improvisam muitos miseráveis.

Entretanto, a rua é aparentemente quieta, com o movimento natural das ruas de

Arvores despidas de folhas, o tempo seco e frio, um vento navalhante que parece querer arrancar-nos as orelhas, ruas sombrias com vestígios da última nevada, assim é Nova York já nas últimas semanas de inverno.



...E AGORA, A NOITE — Durante o período da guerra, o monumento da baía de Hudson permaneceu em trelido aos viajantes, que entram ou saem de Nova York vas devido ao "black-out". Agora voltou a iluminar-se, durante a noite, esse maravilhoso aspecto. A greve dos "tug-boat" não interrompeu o funcionamento das lampadas, mas apenas o ameaçou.

Nova York, e afinal, um paradoxo, esta Wall Street: Logo no início, ainda na esquina da Broadway, deparamos com uma igreja — a da Santíssima Trindade. Entramos. Dentro, poucas imagens. No altar, porém, uma figura de Cristo e outra da Virgem Maria. No púlpito, aquela hora triste da tarde, em dia de movimento comercial, um sacerdote lê a sua prédica. Nos bancos, cinquenta ou cem fiéis e escutam com humildade e os olhos em branco, a cartilha das orações entre as mãos, cartilha que a igreja da Trindade empresta e que se deixa na carteira, ao sair. Toda aquela gente, porventura, ignora andarem lá fora os homens que se entredevoram pelos milhões, movimentando o mundo para o bem e para o mal? Ou estarão pedindo perdão a Deus?

Ao lado da igreja, um cemitério secular, em plena via-pública, mostrando sepulturas dos antepassados desses tormentosos "business-man" na Wall Street de nossos dias. Confunde-se a religião com a ganancia dos lucros. Positivamente, tudo muito estranho em Nova York, em plena Broadway.

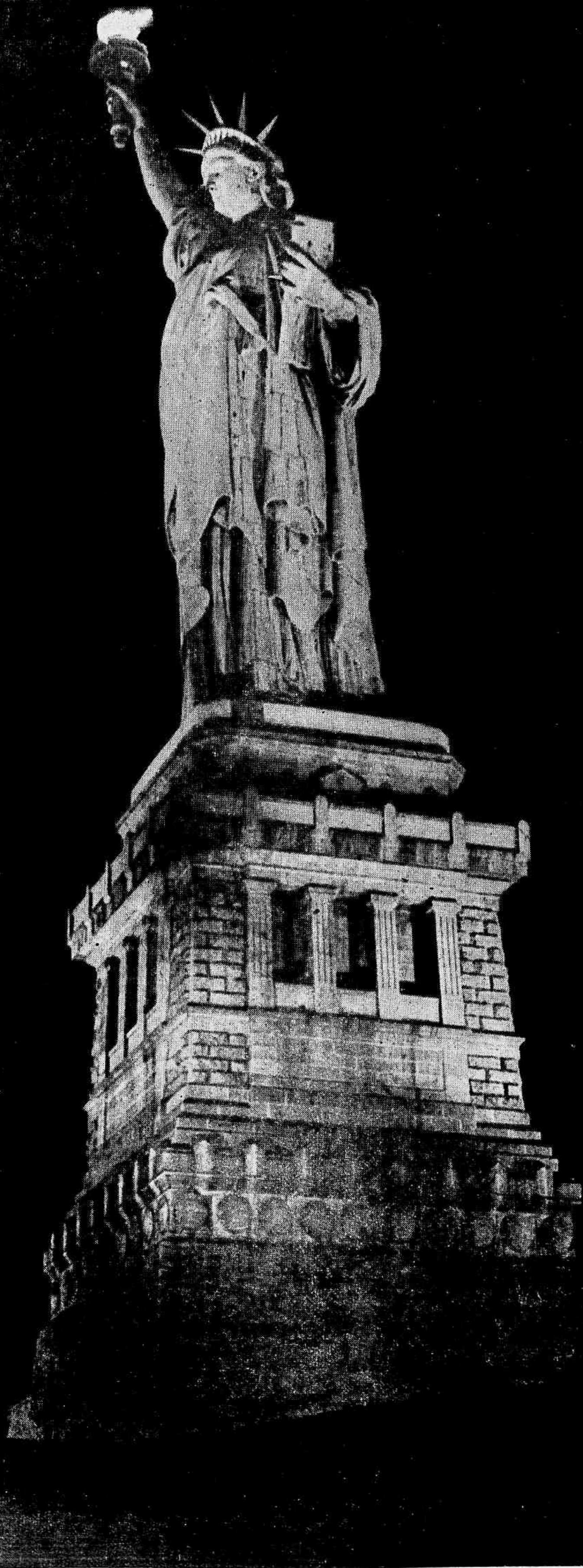
Que outros paradoxos nos reserva o dia de hoje?

Vamos ao Planetarium. O "show" antigo, do fim-do-mundo, cedeu lugar a um espetáculo fantástico e de grande atualidade: Uma viagem à Lua, em avião inter-planetário, que talvez já esteja sendo realmente elaborada, com os primeiros contacto do radar e aquele planeta. Durante vinte minutos, saímos da órbita terrestre, vamos espaço acima, saltamos na lua, podemos percorrê-la em todos os sentidos, e temos a impressão exata, nítida, precisa, de andar longe, muitíssimo longe, de tudo que nos rodeia. Todavia, não saímos da nossa poltrona, ouvindo as explicações intercaladas do "slang" e das últimas anedotas, que uma senhora simpática, de muito senso de humor, nos vai contando.

O Planetarium é alguma coisa de milagroso que os senhores, quando vierem à América, não devem perder. Vale muito mais que todos os "night-clubs" reunidos, mesmo porque ainda não encontramos um "night-club" equiparando-se, sequer, aos bons aí no Rio.

Outras curiosidades recolhidas pelo lapic do reporter: A estátua da Liberdade poderá ser desarmada na hora em que assim o entenderem os americanos, por ser constituída de centenas de fragmentos presos, entre si, por possantes tachas. Sendo ôca, os visitantes podem subir-lhe à cabeça. E lá do alto, das frestas do emblema que lhe circunda a respeitável testa, divisamos um panorama de sonho — a baía de Hudson. Milhares de autógrafos enchem as paredes so-

Pombos do Central Park, da beira do cás e de tantos jardins públicos nova-iorquinos, são uma grande atração da cidade. Eles são mansos e, não raro, sobem ao ombro e à palma da mão de quem lhes oferece a sua habitual ração de biscoitos ou amendoim.





Ao alto, uma vista magnífica de Manhattan, pleno coração de Nova-York, tirada do último andar do Empire State Building, abrangendo todo o panorama até a baía. Em primeiro plano, o distrito financeiro, e a junção da Broadway com a Quinta Avenida. A' direita, ao fundo, a entrada do rio Hudson vendo-se isolada, em último plano, e em proporções reduzidíssimas, a estátua da Liberdade, voltada para o Atlântico, em Island. Na gravura inferior: o Central Park no rigor do inverno, coberto de neve. O "playground" maior do mundo, deixa-nos ver também o Savoy Plaza Hotel e o Sherry-Netherland Hotel, ao centro.

nóras do monumento, no seu interior, do busto para cima. As mulheres, munidas do lapis de baton, dão-se ao trabalho de rabis-car o próprio nome, e o do namorado, nos lugares mais impróprios da veneranda ma-trona...

Deparamos em meio de uma ponte de Brooklyn — elas são três, é bom dizer — um caválheiro solitário, debruçado na ponte, olhando para baixo. A altura é respeitável. De um lado e do outro não há ninguém, só nós e o homenzinho que a páginas tantas, faz com as mãos um gesto de quem vai mer-gulhar. E diz-nos com um sorriso diabólico:

— "Yes, sir". Excelente lugar para um salto no abismo, eh!

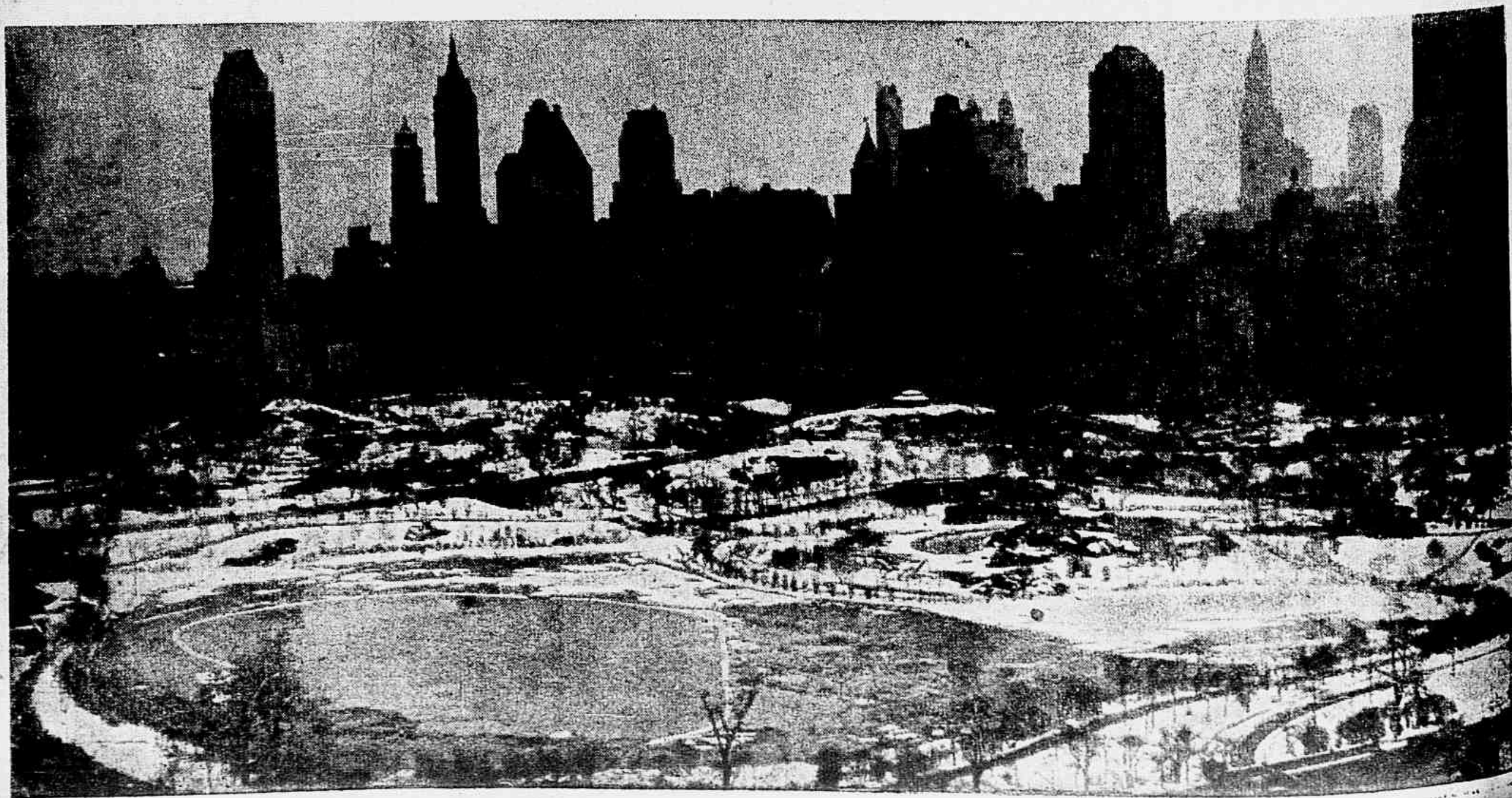
Estremecemos. Diabo, se o idiota se jo-gasse mesmo, e nos culpassem do crime...

Em plena Broadway, de tudo se encon-tra, mesmo o que se afigura impossível e ab-surdo. Um aleijado, mune-se de uma gaita e improvisa um "show" para divertir o pú-blico que espera, transido de frio, a vez de entrar no cinema. Ganha um mínimo de vinte dólares por dia — ele mesmo nos diz — ou seja, quatrocentos cruzeiros.

Os teatros descansam aos domingos. Como funcionam sempre repletos, tanto faz que o dia de folga seja neste ou naquele dia, e então respeita-se o dia destinado tra-dicionalmente ao repouso. E' quando os in-terpretes de palco na Broadway se mistu-ram com os espectadores avulsos, indo assis-tir ao primeiro filme de Clark Gable após-guerra ou comer ostras e lagostas no restau-rante do Jack Dempsey, que por sinal nunca ali aparece.

Ainda não distinguimos a menor pre-venção contra os negros, se é verdade que eles tem o seu bairro, os seus jornais, seus teatros, onde os brancos entram á vontade e se divertem — não é menos verdade que ombreamos com os mais divertidos pares de mulatos e pretos retintos, nos cinemas, nos bars e até nas bibliotecas. Um grupo de rapazes e moças "colored" ouvia, com interes-se, as explicações que lhe dava um rapaz louro, de uniforme, no Museu de Arte Mo-derna da rua 52, quando ali estivemos. E o garçon do hotel que primeiro nos serviu, aqui em Nova York, não era nem preto nem norte-americano, mas alemão legítimo, de porte marcial e "pince-nez" sem aros, orgu-lhoso de ter um primo em terceiro gráu no Brasil, lá em Santa Catarina, "ya", "ya"...

— C. S.



Meu ideal seria, então, o artista paciente. Um retrato muitas vezes retocado que fôsse, pouco a pouco, adquirindo a aparência de vida, linhas traçadas com liberdade e a seguir superpostas que dessem a ilusão da mobilidade — o personagem captado em seu desenvolvimento. Isso aprendi no meu diário — que a maior virtude do romancista pode ser adquirida nas anotações diárias, porque a técnica exige a habilidade de mudar o ponto de vista. No diário, aprendi a desdobrar um personagem, a vê-lo crescer. Por que não apresentaria Mário, visto como num diário? O que limita a liberdade do romancista, e traça barreiras para os seus personagens? É a ilusão de apresentar o personagem todo, na primeira página. Por que não deixá-lo germinar, crescer, expandir-se? Todo o herói de um romance, na primeira página, é um personagem secundário, porque ele deve conquistar o leitor, a sua intimidade, antes de tomar posição na história a ser contada. Assim, com Mário que eu conheci numa tarde de verão. Sentado em roda de uma mesa — cadeiras de palha à porta de um café — ele e mais alguns intelectuais. Minha primeira impressão, esboço incompleto, foi singular. Ele, naquele momento, não constituía objeto e interesse especial. Não o focalizei em particular, não o estudei, ele fundiu-se no grupo, em um segundo plano. Entretanto enquanto palestrava com os outros, e ele se mantinha silencioso, foi o seu próprio silêncio que despertou minha atenção — Perguntei a alguém:

— Quem é?

— Muito tímido. Veio da província. Estudante. Escreve...

— Isso é vago.

— Bem, vive entre os escritores. Nunca vi nada seu.

Eis aí o nosso primeiro encontro. Já mais tarde, quando, casualmente, o encontrei na rua e ele parou para conversar comigo, senti-o loquaz, ansioso por causar uma impressão favorável. Na verdade, falou sobre tantas coisas, que nem mesmo posso recordar os assuntos que abordamos. A impressão geral que me ficou, entretanto, foi de alguém inquieto, agitado. Começava a penetrar no mundo curioso que se escondia atrás aqueles mutismos ocasionais. Chovia na tarde que o encontrei pela segunda vez e entramos num café para discutir mais à vontade. Ele estava de capa de borracha com um chapéu da mesma cor da capa. Seus olhos, muito pretos, brilhantes, cintilavam. Traços finos, bem recortados, cobertos pela pele fina, como que esticada, forçada para cobri-los. Escura sombra no queixo, indicando barba cerrada.

Notei então que ele tinha uma vasta cultura. Lêra muito. E, na verdade, assimilara bastante. Era um pouco superficial ainda, mas isso era resultado forçoso da diversidade dos seus interesses. Seu espírito agil, faiscante, explorava vários ramos, brincava com idéias, como uma criança maravilhada pelo mundo do pensamento. Tinha, às vezes, entusiasmos pueris. Novos traços formam-se acumulando. Comecei a retocar o retrato dele. Não o considerava mais o rapaz retraído. Via nele, então, uma aguda sensibilidade, expansão insólita de um temperamento nervosíssimo. A sua própria aparência parecia confirmar isso, assim como seus gestos, sua maneira de falar. A dicção não muito correta, um tanto atropelada, revelava aância de extravasar aquele entusiasmo; falava depressa. As próprias feições, como que se elevando da pele esticada, davam ao seu aspecto uma espécie de tensão que exprimia bastante bem o seu conflito interior, a turbulência que lhe ia dentro do espírito.

Curioso é que havia uma espécie de suavidade que atenuava aquela inquietude, aquela tensão: um sorriso doce de criança e aqueles gestos, mesmo, ansiosos, desastrados como que tentando sublinhar as palavras que ele julgava insuficientes. Tudo aquilo con-

tribuía para dar-lhe um aspecto de fragilidade, acentuado pela sua complexão franzina. Magro, pequeno, ele tinha, contudo, qualquer coisa que o salvara da inevitável humilhação da estatura baixa: era justamente aquela intensidade que parecia torná-lo maior.

Despedi-me dele depois de várias horas de palestra. Pensava já tê-lo catalogado. Porém ainda me faltava encontrá-lo novamente. Certa vez, um amigo levou-me à faculdade onde ele estudava. Lá encontrei-o no meio dos estudantes.

A princípio custei a reconhecê-lo — Disse-me o amigo:

— É o líder... A política aqui gira em torno dele...

E, de fato, eu o via, ativo, confabulando. Estranhava encontrar naquela mesma fisionomia, novas expressões. Havia o ar para conquistar a simpatia, o ar candido — ele usava, deliberadamente, o poder do próprio sorriso que desarmava, ar inocente; havia também o momento da luta, sem agressividade, luta da inteligência, o cérebro traba-

lhando, e então seus olhos adquiriam um novo fulgor e ele se desdobrava em atividade — falava com um, com outro — e conseguia transmitir a própria eletricidade aos demais: agia. O mais curioso, porém, é que, sendo assim, dinâmico, ele não agitava: transmitia, antes, uma expressão de tranquilidade. Por isso, desarmava.

— Ele é curiosamente honesto na sua política, a despeito do que dizem os inimigos, disseram-me.

Naquele dia, Mário nem me viu. Ainda na despedida, eu o avistei caminhando pela calçada, em palestra com um colega, armando um "golpe", como diziam.

Desde aquele dia não tornei a encontrá-lo. Pressinto que ainda não exgotei, nunca exgotarei toda a riqueza da sua personalidade.

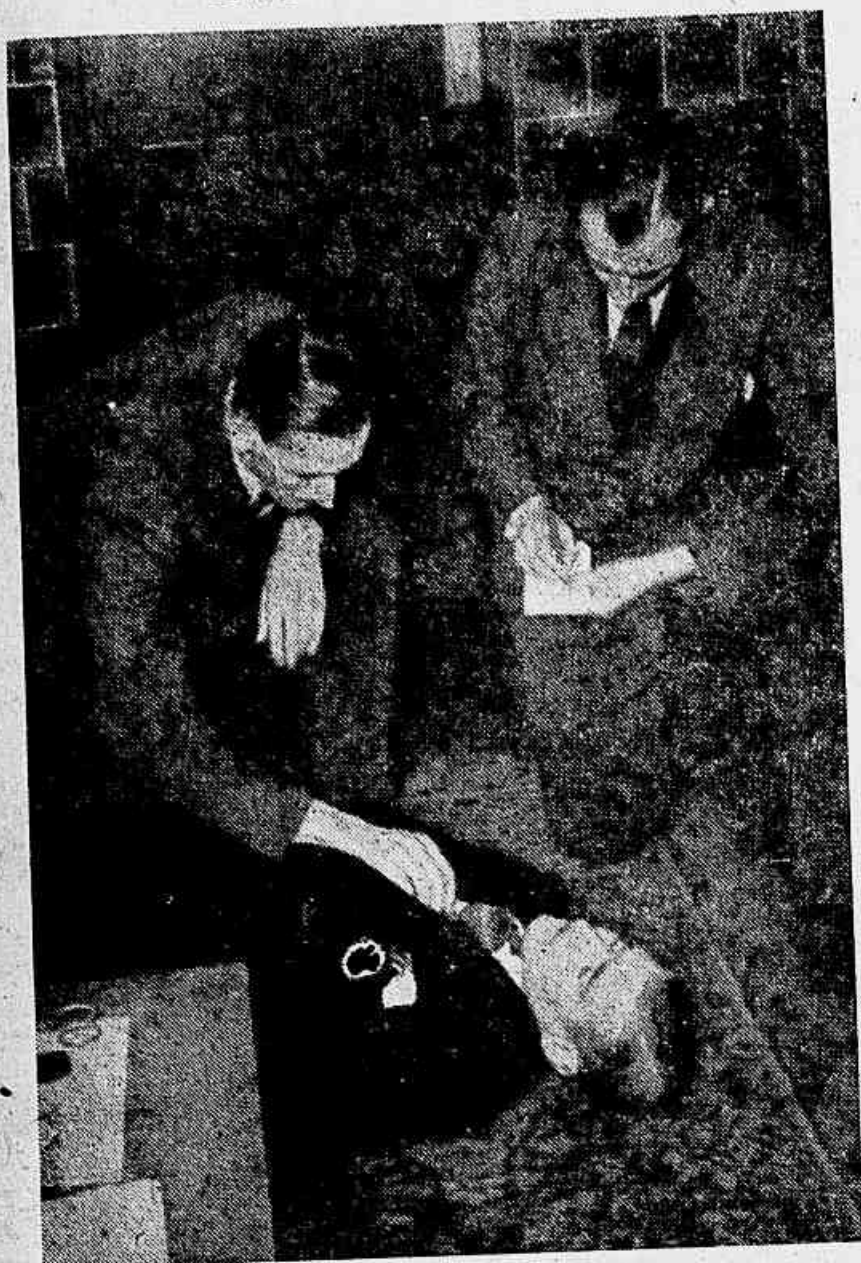
— Esse estudo é trabalho para toda a vida. Anotações. Lançamentos de dados. Eternamente recomençar. Recompôr a visão, com os novos dados. Desdobrar o personagem, como disse — aquilo que se aprende no diário, é obra de romancista. Mas eu não sou romancista.

RETRATO INACABADO

Conto de
JAMES DEAN



DETETIVES EM AÇÃO



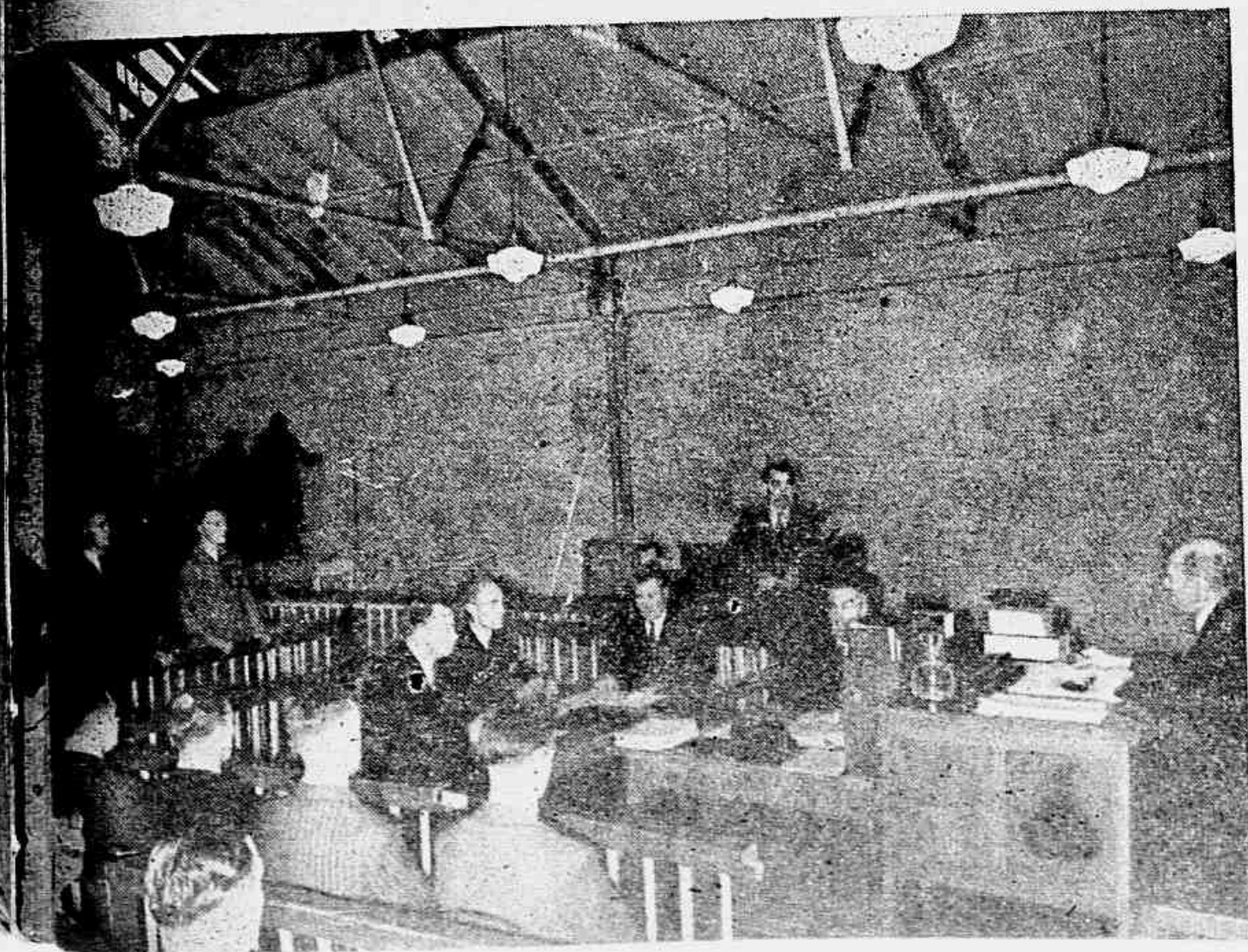
AS forças policiais da Grã-Bretanha, em comum com todas as outras classes de profissionais, desempenharam um papel de grande relevância nesta última guerra. Nos primórdios da conflagração muitos dos jovens policiais não perderam tempo e se alistaram em outros serviços militares. Mais tarde, oficiais da Scotland Yard estiveram ligados aos exércitos de libertação na Europa e cumpriram fielmente o seu dever de manutenção da lei e da ordem. Entretanto, durante os anos da guerra, não houve engajamento de recrutas e por isto, o advento da paz veio encontrar muitas estações policiais com pouco mais de um esqueleto de organização.

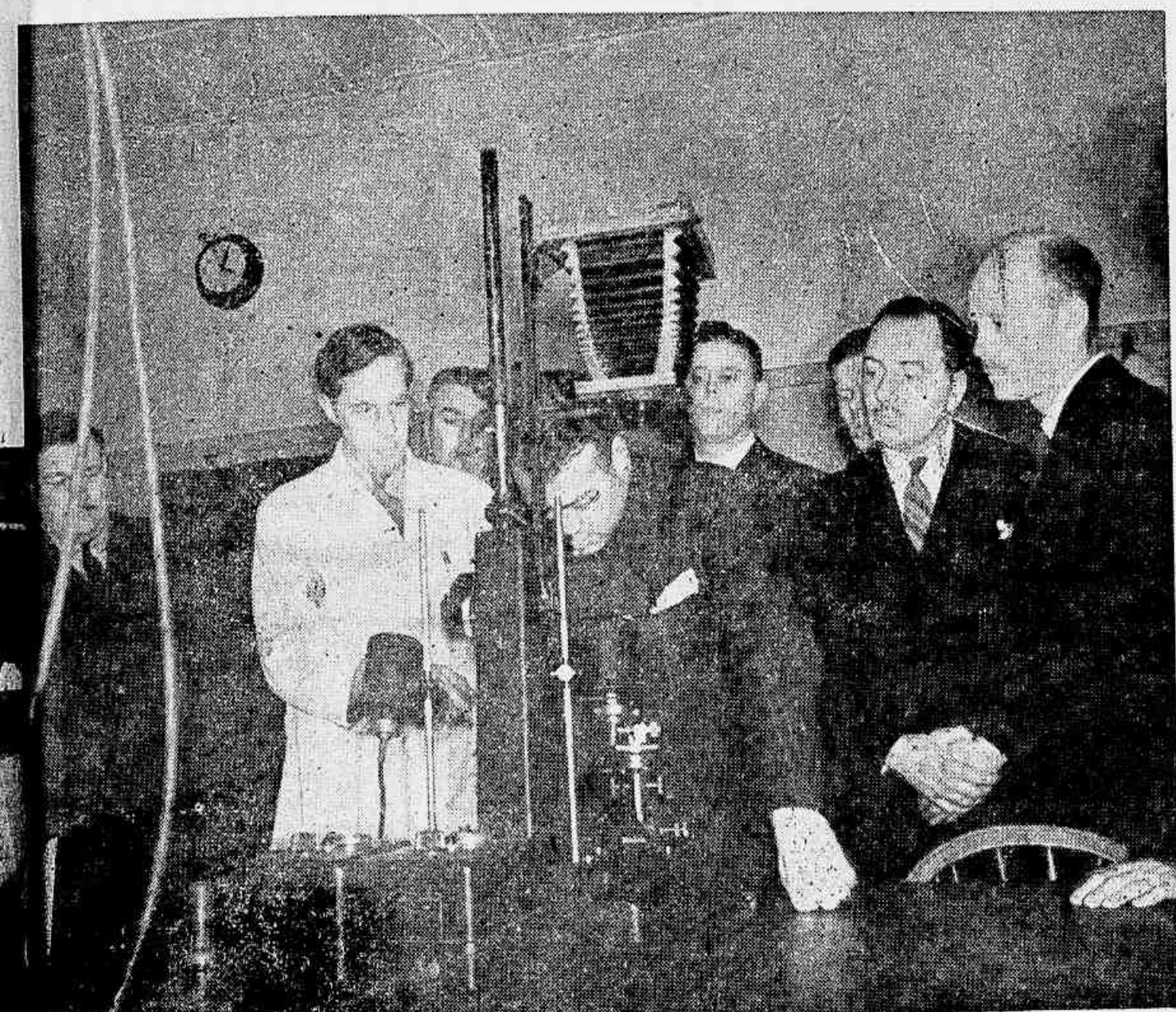
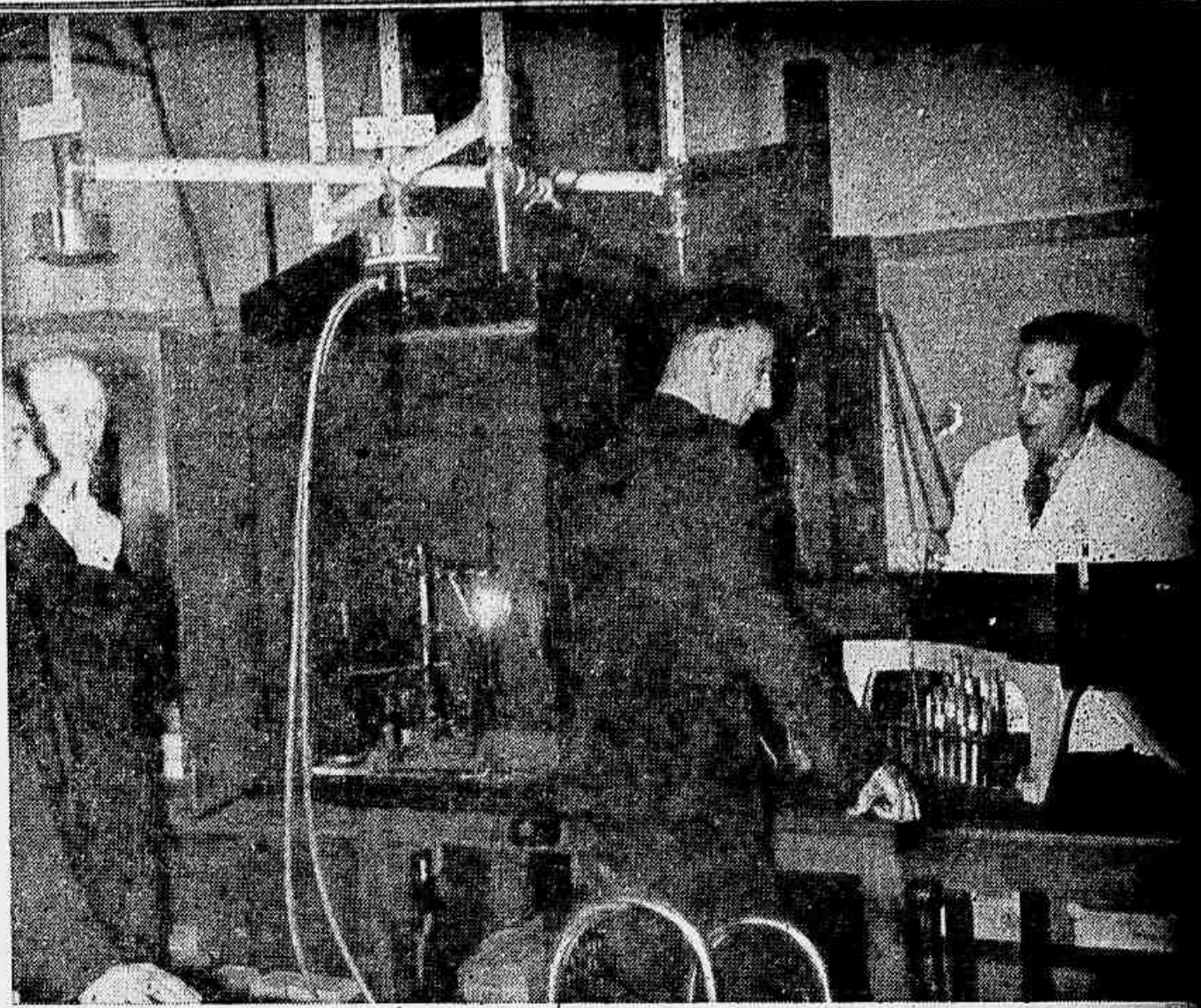
Os Comissários de Polícia se entregaram com afinco à tarefa de reorganizar as forças

policiais de maneiras a alcançar o poderio que possuíam antes da guerra. As autoridades governamentais estão decididas a equipar a polícia inglesa com todos os melhoramentos científicos capazes de torná-la realmente eficiente contra o crime. Um exemplo desta assertiva pode ser constatado na Escola Metropolitana de Detetives que acaba de concluir o seu primeiro ano de existência em Hendon, Middlesex. Os policiais e os detetives britânicos são com merecimento famosos por sua habilidade de combater o crime e nenhum esforço foi poupado no sentido de tornar esta escola a mais perfeita no gênero.

Não há nada accidental na seleção dos homens que eventualmente honram as melhores tradições da Scotland Yard. O indivíduo

Ao alto: Um assassinato imaginário, servindo de ponto de referência para aula de detetives, feita com o máximo realismo. Em baixo, da esquerda para direita, peritos examinam e estudam as drogas perigosas de que se utilizam os criminosos. — Grande parte dos estudos de detetive são feitos ao ar livre. — O inspetor-detetive palestra em torno de assuntos especializados e fornece exemplos da sua longa carreira. — Um treino de identificação, onde todos os alunos são submetidos às mais rigorosas provas, findas as quais, podem ser imediatamente diplomados pela Scotland Yard.





Ao alto, da esquerda para a direita. O diretor do Laboratório da Polícia Metropolitana de Londres, dando a sua aula explicativa aos alunos da última classe. — O espectrógrafo, a mais cara e moderna peça do laboratório da Escola, peça preciosa para a descoberta de crimes. — O microscópio comparativo, outro moderníssimo aparelho policial. — Fotografia infra-vermelha, que revela diferenças não aparentes a olho nú. Finalmente, em baixo, o conhecimento da correta atitude, em aula prática, na qual os detetives aprendem a reconhecer os criminosos antigos.

é apenas designado para o treinamento superior depois de ter passado por experiências de considerável importância como recruta. Ele é julgado então de habilidade prática de acordo a competência que tenha demonstrado no curso de sua iniciação, e, se tiver mostrado um alto padrão de eficiência, será nomeado especialmente pelo chefe de departamento para a nova escola.

Presentemente estão sendo desenvolvidos dois cursos separados na escola. Um deles é um curso intensivo de oito semanas para detetives inspetores e sargentos detetives, e o outro é um curso de dez semanas para recrutas de primeira categoria.

A escola está sendo dirigida por um homem que possui 31 anos de serviço ativo a seu crédito na Polícia Metropolitana. Seu nome é Leonard Rundle, Detetive-Superintendente. Ele é auxiliado por dois detetives-inspetores e, em adição, a escola conseguiu o auxílio de

eminentes médicos, cientistas, advogados e técnicos.

O treino físico constitui uma parte importante do curso. Isto, na verdade, é de vital necessidade, pois o detetive deve estar preparado para lutar com os mais fortes criminosos. Aqui, como em todos os outros prisma da escola, apenas o melhor é considerado e é bastante bom, pois o curso de treinamento está sob a direção do Coronel Harold Fairburn, que treinou os Comandos Ingleses durante a guerra.

A seção das drogas perigosas é de grande interesse. Sob a direção de um especialista na traficância de drogas, são realizados estudos intensivos em torno dos métodos empregados mais usualmente pelos infratores de lei.

Não há dúvida de que no futuro a Scotland Yard estará tão bem equipada como nunca ainda esteve, continuando a manter as suas honrosas tradições na luta contra o crime.



VIDAS DE PALCO

ESCRITORES ha muito mais conhecidos por seus pseudônimos do que por seus verdadeiros nomes batismais e de família.

Nas letrass francêsas do século passado disso dá exemplo Jules Claretie, em verdade Arsene Arnaud.

Polígrafo fecundo, apreciado, Claretie ocupou lugar na Academia Francêsa, nela recebido pela palavra de Renan.

Na histórica assembléia literária, de mobília limitada, de quarenta cadeiras apenas, Claretie, em tempo autor teatral, pôde disreter sobre Teatro com Sardou, Dumas Filho, Coppée, Ludovic Halévy, Meilhac, Legouvé, este nascido em 1807 e autor teatral antes de 1849.

O grupo de dramaturgos e comediógrafos da Academia com os quais Claretie podia trocar ideias e impressões acerca de teatro reconhecia Legouvé por seu decano, de berço em 1807.

Chegado a palcos e a público, o grupo da Academia naturalmente tinha o que contar quanto a peças e seus interpretes. Podia dizer de umas e de outros por meio de evocações e lembranças de vários generos.

Já as tinha Claretie ao entrar para a Academia em 1888, desde 1885 administrador geral da *Comedia Francêsa* de tantos fóros artisticos e tradicionais.

Com maioria de razão teria Claretie copia de recordações ao publicar em 1912 um artigo subordinado ao título de *Nascimento de Estrelas e Estreias Celebres*.

Ao acaso, ao fio de memoria Claretie registou estreias de atores celebres às quais assistira presidindo-as.

Repitamos o que disse administrador da *Comedia Francêsa*.

Nesta, a principio, a admissão era precedida de tres provas, e mais de um ator, depois celebre, naufragou

no triplice exame de suficiencia da *Comedia Francêsa* de temida comissão examinadora.

Quantas angustias no ator estreiante, antes de ir ao palco e neste ao vê cravados sobre ele os olhos de um publico em massa de juizes prontos para sagral-o ou condena-los às vezes irremissivelmente.

Madame Aimée Tessandier foi atriz que honrou a *Comedia Francêsa* no mais alto gráo.

Claretie narra a estreia da artista, mostrando-a antes de afrontar a cena apoiada num bastidor, nervosa, olhar inquieto. De subito abraçando o polegar da mão direita fez o pelo sinal e à pressa veio ao palco qual soldado indo a um assalto; A prece mental precedera as primeiras palavras do papel da atriz num drama de Charles Edmond.

Lembrou Claretie um dito de Sardou a joven artista fadada á celebridade na *Comedia Francêsa*, Julia Bartet. Ao interpretar personagem em peça de Sardou, Bartet representou bem e aplaudida.

Antes de segunda representação de seu *Daniel Rochat*, Sardou deu-lhe um conselho em termos pitorescos. "Gostei hontem do seu desempenho, mas achei o seu jogo de cena um pouco sêco. Represente como representou hontem, mas se enternecendo. Molhe o seu papel".

Bartet "molhou o papel", obtendo triunfo atestado por Claretie, o desfiador de lembranças alegres e tristes de gente que viu e dirigiu na *Comedia Francêsa*.

Assim recordando Jeanne Ludwig, Claretie obriga a sorrir resuscitando a artista. Esta, para ir ao teatro, costumava servir-se de um *fiacre*, cujo cocheiro se chamava simplesmente *Moliere*.

Ao automedonte, alçando à boleia tão glorioso nome, ja Ludwig ao entrar no carro costumava dizer abafando

riso: *Eh! Moliere! Chez Moliere! a Comedia Francêsa* tida pela Casa de Moliere.

Digamos com Claretie: Pobre Ludwig, tão moça, tão em caminho da celebridade, entretanto tão prematuramente no caminho da morte e de seus funebres dominios.

Doente, em Cannes, fraca do peito, entretinha-se Ludwig lendo romances de Dumas Pai. Escrevia então a Claretie: "Minha convalescença será longa, mas numerosos os romances de Dumas, quando lhes esgotar a série estarei curada."

Claretie acrescenta: "Jeanne Ludwig foi levada a tumulto no *Pere Lachaise* antes de chegar ao ultimo dos romances de Dumas."

Certa noite, em 1899, Claretie viu estreiar uma artista toda juvenildade, toda sorriso, toda desejo de vencer. Apresentava-se pela primeira vez a publico numa peça de caricioso título, condizente com a mocidade da estreiante, Jane Herriot. Chamava-se a peça *La Douceur de Croire*.

Animada pelo favor da plateia, Jane Herriot o viu confirmado ao interpretar o papel de Sylvette nos *Les Romanesques* de Rostand.

Seis mezes depois Jane Herriot encontrava morte, e que morte, nas chamas de incendio irrompido ao acabar de espetáculo.

Dias antes a coitada, à qual cabelos loiros davam graça especial havia dito: Na proxima quinta-feira, na *matinée*, aparecerei *morena*!"

A proposito de estreias, consigna Claretie não ser prudente que estreiantes compareçam em publico mostrando-se por demais senhores de si na certeza de vencer de arranco.

A convicção do valor proprio deve ser dissimulada, ter o aspêcto de um nada de perturbação, de timidez que agrade ao publico.

Exprimia isto um velho frequentador de teatros, dizendo: Ha impertinencia em afrontar o publico sem mostrar perturbação."

Segundo Claretie, não é perturbação, sim emoção intensa o sentimento que assalta as mães de artistas nas noites de estreia das filhas.

Ao estreiar Suzana Reichenberg na *Comedia Francêsa*, Claretie lobrigou a mãe da estreiante mais tremula do que esta, firmando-se num bastidor, espiando angustiosamente o palco a ser pisado pela filha que, depois, tantas vezes o pisaria sob aplausos.

Quanta emoção, quanta tristeza, sob os céos do teatro, "céos de tela pintada", até o momento em que mesmo para os grandes atores, sôa a hora da retirada, aos avanços da idade, na convicção de não ser mais o que já se foi!

Subtraem-se a essa melancolia as estrelas filantes do teatro ou aquelas e aqueles que por morte prematura ou qualquer outra successo imprevisto pouco demoram no palco.

Do tropel de lembranças teatrais de Claretie venha agora uma dizendo respeito a Brasil, e a uma estrela fixa dos céos da *Comedia Francêsa*, Madame Segond Weber; que por muito tempo brilharia na primeira cena Paris, a primeira do mundo já houve quem dissésse.

Numa noite de 1887, os cartazes da *Comedia Francêsa* anunciavam *Hernani*, o drama de Victor Hugo que, em 1830, puzera em batalha de opiniões e de vias de fatos classicos e romanticos.

Na noite pacifica de 1887, de quasi meio século depois, a Madame Segond Weber era confiada o papel de Dona Sol, desempenhado magistralmente.

Ao foyer da *Comedia Francêsa* foi felicitado um espectador, D. Pedro II, imperador do Brasil. No proprio traje de Dona Sol, a artista veio receber as felicitações de soberano, a lembrança da cena fixada num quadro.

D. Pedro falou á artista de Victor Hugo e do futuro, ajuntando Claretie: O futuro para D. Pedro seria o exilio.

NO FOYER DA *Comedia Francêsa* — O IMPERADOR DO BRASIL FELICITANDO MADAME SEGOND-WEBER, ESTA EM TRAJE DE DONA SOL. — *Quadro de Dutriac.*



ESCRAGNOLLE DORIA

Por Celestino Silveira

(Enviado especial da REVISTA DA SEMANA aos EE.UU)

Mais divertido, caprichoso e extravagante que um "fan" cinematográfico, só outro "fan", principalmente si êle manifestar idéias opostas ao primeiro. Não é muito fácil satisfazer á generalidade daqueles que nos tem escrito ou indagado pessoalmente sobre os artistas de sua predileção ou de sua mais formal antipatia, e nem sempre nos encontramos habilitados a dar informações completas. Nossos dezoito dias de Hollywood não chegaram para conhecer pessoalmente a totalidade dos artistas, e ainda menos para devassar-lhes a vida doméstica e sentimental, os pensamentos mais recônditos e até, como querem alguns, as pequeninas fraquezas de ordem toda íntima. Já houve quem nos escrevesse coisas assim:

— "E' verdade que Rita Hayworth solicitou divórcio de Orson Welles só porque êle, quatro noites seguidas, não dormiu em casa?"

Ora, senhores, convenhamos que não se vai a Hollywood para fiscalizar a fidelidade conjugal de um ator, nem se arrisca o esqueleto a uma viagem exaustiva para ficar de plantão nem que seja á porta da residência bonita de uma "estrela", em Beverly Hills. No entanto, uma ouvinte do nosso programa de rádio indispôs-se conosco só porque não lhe pintamos o "astro" predileto tal como sempre o ideou, escrevendo-nos o seguinte:

— "Tenho observado que o senhor veio com a mania de achar certos artistas envelhecidos o que muito lamentei!

Os nomes mencionados na carta, eram de ilustres atores e distintas atrizes que já recebiam aplausos do público muito antes do advento do cinema falado, isto ha seguramente dezoito anos. Não podiam ter remojado, sem dúvida, mas o "fan", esse elemento precioso e perigoso, sem o qual nem o cinema nem os comentaristas cinematográficos existiriam, pensa de maneira diversa. E lá vem censura, recriminação, solene protesto por escrito...

A verdade é que gente de cinema trabalha muito mais do que nós pensamos, e foi de um velho ator, encanecido ao contacto com os refletores dos estúdios, que nós ouvimos estas palavras repassadas de muita emoção e por sinal muito verdadeiras também:

— "Nós envelhecemos mais depressa do que o público, por todos os motivos e mais um: Porque vem os artistas mais moços".

De fato, o que faz envelhecer Gary Cooper não é tanto a sua certidão de idade, sinão o aparecimento de um Van Johnson. O que deixa Joan Crawford em situação de "estrela" veterana, muito mais que a circunstancia de Joan Crawford contar com vinte anos de filmagens, é certamente o advento de uma Thereza Wright, e assim por diante. Não pode um comentarista envelhecer ninguém, mas apenas registrar a impressão que os novos e velhos nêle provocaram, e nós estamos nêsse caso.

★

Ha uma parcela de exagero de parte dos dos que afirmam existir um grande desencanto quando nos aproximamos na realidade de um artista cinematográfico. Pode a ilusão primitiva desvanecer-se em parte, sim, mas apenas para ceder lugar a um outro sentimento, o da admiração pelo trabalhador. Si algum dêsses artistas com quem nos avistamos, conseguiu alterar a nossa impressão, foi



RAY MILLAND anunciou pessoalmente — e em português — sua viagem ao Rio, na entrevista dialogada com o nosso enviado especial, para a Rádio Globo. Vinte e quatro horas depois, o protagonista de "Farrapo Humano" éra surpreendido com a decisão da Academia e recebia o seu cubigado Oscar, no palco do Grauman's Chinese.

na maioria dos casos, para melhor. Diziam-nos ser Robert Taylor "um perfeito cavalo", homem intratavel e vaidoso, quando realmente deparamos com um rapaz desprendido de preconceitos, falando com naturalidade muito pouco de cinema e muito mais dos assuntos que interessam á humanidade na hora presente. Quando lhe dissemos que os grandes nomes cinematográficos de antes da guerra não haviam sido suplantados por subitas revelações, e continuavam, agora, sendo as maiores "bilheterias", Robert Taylor procurou desmentir-nos, citando os nomes vitoriosos de Van Johnson e Gregory Pecka. O velhote Alan Hale, fanfarrão quando é preciso em seus papeis, bom homem sempre bem humorado quando o tipo por êle vivido assim o exige, é na realidade, tanto quanto nos foi permitido observar de perto, um cavalheiro "blasé", contador de anedotas, escancarando as mandibulas em sucessivas e gostosas gargalhadas, apenas sério e grave quando precisava decorar algumas linhas do dialogo. Ray Milland, inteiramente alheio ao prêmio da Academia, preocupava-se muito mais com uma certa transação comercial na qual havia invertido regular sôma de dolares e que pare-

cia não estar correndo muito á medida de seus desejos. Prontamente acedeu ao pedido que lhe fizemos para gravar uma entrevista, e procurou "decorar" o português com a melhor bôa vontade que ainda encontramos em gente de teatro ou de cinema. Leu durante duas horas as frases do dialogo e caprichou na pronuncia, limitando-se a dizer, no final da gravação.

— "Tenho a impressão de que falei um pouco de francês, de espanhol, de italiano, e... de português..."

Rita Johnson apareceu, de subido, quando trabalhavamos nesse programa de rádio, nos estúdios de gravação da Paramount. Ahí havia ido para regravar, por sua vêz, duas linhas do dialogo de um filme recém-concluído, cuja sequência foi projetada, numa pequena tela, inumeras vezes. Ouvia-se o dialogo da pelicula, e, na altura da regravação, as palavras de Rita Johnson sumiam, para que ela as pronunciasse com a devida retificação. Os senhores não imaginam os apuros da artista, o esforço emprego, o nervosismo intenso, só porque o sincronismo de suas palavras não se adaptava facilmente ao da pelicula... Quando terminou, Rita Johnson

"ASTROS" DE HOLLYWOOD VISTOS DE PERTO



JOHN GARFIELD pôsava o protagonista de "Humoresque", na Warner, quando recebeu a visita de Celestino Silveira. Foi em 6 de março, dia do julgamento da Academia. Joan Crawford, sua "co-star", dá parte de doente, nervosa, na expectativa do prêmio... John Garfield faz um violinista. Em baixo, ele e o violinista Oscar Levant, também participante de "Humoresque".

era um mulambo de gente. Transpirava por todos os póros, embora não fizesse calor. E os nervos a deixavam, segundo nos disse, aniquilada para o resto do dia, que mal havia começado...

Vimos Robert Young e Dorothy Mc Guire receber as instruções da película que ambos filmavam, num "set", da Metro, com a mesma obediência e humildade de dois bisonhos colegiais. E o mesmo aconteceu em relação a Paulette Goddard e Fred Mc. Murray, retificando quinze vezes uma sequência de filme dirigido por Mitchel Leisen.

Admiramos o espírito disciplinar irrepreensível da veterana Mary Astor, participante do filme denominado "Fiesta", também rodado na Metro, comparecendo ao estúdio às nove da manhã, em ponto, para filmar um insignificante diálogo às quatro da tarde. Nem um protesto, nem a menor contrariedade. Gente de cinema trabalha com afinco, de manhã à noite, e maior ofensa que se pôde fazer a um interprete cinematográfico, consiste penas em chama-lo vadio. Isso mesmo nos foi dito por John Garfield:

— "O maior favôr que os jornalistas podem fazer a um ator cinematográfico é dizer ao público que nós trabalhamos assim, como o senhor está vendo..."

O que nós tínhamos á nossa frente, era apenas um rapaz exausto depois de seis horas dentro da mesma casaca, o peitilho da camisa reduzido a esponja e o vermelho do "maquillage" manchando o colarinho de gôma.

Não estamos autorizados a citar o nome da artista que terminou o seu dia de filmagem, nos disse, ao despedir-se:

— estou cansadíssima. Meu corpo está reclamando um banho morno e cama para dormir oito horas seguidas. No entanto, os senhores jornalistas costumam atribuir-nos uma vida de aventuras e muito romance... Diga com franqueza: Parece-lhe que neste momento eu seria mulher para essas violências?

Não o parecia ser, realmente.

★

Atrizes e atores, diretores e técnicos de som e de luz, ajudantes e figurinistas, auxiliares de todas as funções, vivem presos a um horário que não é muito diferente do de qualquer empregado de comércio. E porque muito trabalham, os "astros" de Hollywood aparecem pouco nos "night-clubs" de Hollywood, por sua vez os mais enfadonhos e melancólicos de toda a América do Norte. O notável Brown Derby, na primeira noite em que ali entramos, na companhia de Louis Serrano e de miss Violet Kinney, só nos permitiu conhecer Ida Lupino. Sim, estava repleto, mas de gente inteiramente alheia às atividades cinematográficas.

E foi no despretençioso "Seven Seas", em plena Boulevard Hollywood, onde certa noite, muito por acaso encontramos John Carroll, ensimesmado, frio, calmo, bebendo alguns goles de rum e pepsy-côla, sem dançar,



ALAN HALE é o mesmo velhote simpático, de sorriso amável e espírito aparentemente infantil, visto fóra da tela. Estava filmando "A Very Rich Man", na Warner, e saiu seu camarim portátil. Parou, pediu fósforos e contou uma anedota "a proposito"... — Em cima: a figurinista Edith Head, nos estúdios da Paramount ensaiando com Celestino Silveira o "script" da entrevista gravada para a Rádio Globo





DESI ARNAZ, marido de Lucille Ball, estava filmando um "short" musicado nos estúdios da Warner Bros. A' frente de sua famosa banda, onde os tambores e os maracás pre-
 m, Desi Arnaz dançava, gesticulava e sacudia o seu grande tambor característico dos bailados cubanos. Ao natural, fóra dos "sets" luminosos, é ele um rapaz simples e
 apresentado, projetando uma "tourné" ao nosso continente, mas impossibilitado de fazê-la por fôrça de seus contratos. De par com suas atuações cinematográficas, Desi
 Arnaz e sua banda de ritmos cubanos apresenta-se agora em "night-clubs" de Los Angeles.



sem divertir-se, sem amigos, ouvindo um "bolero" executado pela orquestra por sinal bem fraquinha.

Dezenove dias de Hollywood não nos dê-ram a conhecer um único escandalo entre os artistas, por mais que os procurassemos. Não houve, sequer, um pedido de divórcio, quando de tantos costumam dar noticia os telegramas sensacionalistas. Vimos atores pais de família amantísimos, como Don Ameche, que vive para dentro do lar, para a esposa e os filhos. Encontramos Margaret O'Brien aprendendo a cartilha em inglês e sonhando com uma boneca brasileira, vestida de bahiana. E quanto a escandalos, um único foi por nós observado: Três conhecidas "estrelas" recebiam a visita da cegonha: Judy Garland, Deanna Durbin e Maria Montez.

Positivamente um escandalo! Pois será que as atrizes cinematográficas também dão para isso?

RITA JOHNSON apareceu inesperadamente no estúdio de gravação da Paramount, quando ali estava Ray Milland e Celestino Silveira preparando a entrevista falada. E foi também entrevistada de improviso. Rita Johnson estende a mão para explicar alguma coisa, não para pedir...



POR mais que faça nunca me poderei esquecer do caso amoroso do meu amigo Santos. Nortista da gêmea, lá dos desertos sertões do Maranhão, tinha o Santos vindo para o Rio, afim de estudar e trabalhar ao mesmo tempo. Já estava no Rio há uns seis meses quando, numa tarde de Junho, telefonou para uma casa de relógios perguntando as horas. A voz que o atendeu era tão estranhamente melodiosa que o Santos ficou impressionado. E começou dessa maneira o seu romance pelo telefone. E' claro que os avanços foram limitados de início; telefonava geralmente três vezes por dia e de cada vez tirava um dedinho de prosa com a Zilda, assim se chamava a telefonista. Ia pois, a paixão do

Santos num crescendo vertiginoso. O Santos andava mesmo apaixonado, senão apaixonadíssimo.

Muitas vezes o chamei à razão.

— Meu amigo, dizia eu, você está levando isso muito a sério; afinal de contas, você não conhece ainda a menina, não conhece seu temperamento, suas simpatias, etc. etc".

Mas o Santos não me dava ouvidos. Não conhecia a pequena, dizia ele mas a voz, aquela voz só podia ser de uma garota bonita... Conhecia a voz e podia portanto imaginar o resto... E para provar o que dizia, muitas vezes chegou-me o telefone ao ouvido.

Seguramente um mês o Santos levou telefonando as três ve-

zes por dia. A garota entretanto, segundo ele me dizia, mostrava-se esquiva, retraída e muito duvidosa de sua paixão. Cada vez que o Santos procurava marcar um encontro ela dava uma desculpa; — que naquele dia não podia ser, tinha que sair, tinha mais isso, mais aquilo, e o Santos pacientemente esperando. A sua satisfação entretanto, era sem limites. A Zilda já era parte integrante de sua vida. Falava naturalmente da sua garota, a sua querida, aquela por quem lutava, por quem estudava... Enfim, quem conhecesse o Santos, sabia que ele era incapaz de olhar para uma outra mulher. Tinha afinal seu compromisso; todo ele era só da Zilda.

Um fato porém curioso, de

que não me poderei esquecer, foi a transformação repentina que se processou na vida do Santos. Antes, inconstante, desludido, gastador, pouco amoroso com os livros, o Santos, depois dos primeiros telefonemas, tornou-se outro. Passou a ser econômico, estudava até altas horas da noite, deu para trabalhar com vontade, tornou-se sério, enfim, era outro Santos, completamente diferente do antigo. O ar de responsabilidade que passou a possuir é que era o mais gosado. O Santos parecia um rapaz casado, cheio de mil e um devêres para com a sua numerosa prole.

Estavam as coisas nesse pé, quando um dia o Santos me apareceu falando em casamento.

Continua na página 49



MODELOS ELEGANTES

Ao lado: — A elegantíssima Rosalind Russel exhibe um "tailleur" deverás "chic", confeccionado em cinza mescla. O casaco é curto, marcando a volta vitoriosa do bolero. Saia justa com bolso embutido. Blusa de seda branca com grandes botões do mesmo tecido. Para completar, elegante "gargantilha" de perolas. Ao alto: — Martha Vichers é quem nos apresenta este moderníssimo costume em cazemira mescla cinza, com listas brancas, próprio para tardes frias. Em baixo: — Em pesada seda preta, este interessante modelo é nos apresentado pela lindíssima Andréa King, a nova sensação da Warner. Na pagina ao lado: — Em dois tons contrastantes, marron e amarelo, por exemplo, é feito êsse modelo "duas-peças", apresentado por Adele Jergens, também da Columbia. O casaco, ajustado ao corpo, tem interessante motivo de ramagens, bordado á mão. Chapéu marron com fita de cetim e véo largo.







O DIA COMEÇA AS SETE! — A telefonista foi avisada para despertar Bibi às sete em ponto. Hoje é dia de ensaio geral, ha mil pequeninas coisas para tratar e não é possível ficar na cama até mais tarde. A preocupação do ensaio, do guarda-roupa, dos cenários, da iluminação, tudo se aglomera no cérebro da "estrela". Não ha tempo a perder, porque hoje o dia tem de começar exatamente às sete.



É PRECISO DECORAR O DIALOGO! — A "premiere" será feita sem o recurso do "ponto", motivo porque o diálogo deve estar rigorosamente "na pontinha da língua". E passando o pente pelos cabelos, ou devorando a primeira refeição, Bibi procura repassar, mentalmente, as "falas" de "Rebeca". O papel central do drama de Daphne Maurier, o dram introspectivo da segunda mrs. Winter, é de responsabilidade!



UM "COCKTAIL" UM

Vai a temporada teatral de 46, transcorri o periodo carnavalesco e com as perspectiv de dias menos quentes, assumindo suas co tumeiras proporções de brilhantismo e suce so. Não ha porque negar essa incontestav verdade, com a reabertura dos teatros da dade, onde, em cada qual, se instala um d elencos preferidos do público. Si algu coisa ha que lamentar, quando se alude temporada, é apenas a existencia de tão po cos teatros para tantos elencos organiza permanentemente, ou em vias de prepa ção, todos ávidos de oferecer-nos boas noi de arte, cada qual em seu gênero, mas imp sibilitados, alguns, de fazê-lo por falta casa onde trabalhar. Mesmo assim, a temp rada vai se avolumando, e depois do suces incontestavel de Bernard Shaw representa por Eva Todor, e da "reentrée" de Jaime C ta com uma peça. — "Onde está minha milia?" — na qual o festejado ator tem opo tunidade de se reafirmar um grande carac terístico da cena brasileira, aqui está ago o reaparecimento de Bibi Ferrira, que f não ha nega-lo, o acontecimento artistico mundano de maior sensação desta primei quinzena de abril.

O que se observa de maneira auspicio nesses primordios da temporada, é desde lo a preocupação dos nossos artistas em apu morar seu repertorio, e, si vêz por outr eles não conseguem maior homogeneidade e elenco, por motivos que não vem ao caso an lizar, é fóra de duvida que seus expetaculo

QUE TAL O VESTIDO DE "REBECA" a — O episódio vestida com o qual a segunda esposa de Maxim aparece grande baile, é um dos momentos culminantes do esp táculo. Este vestido está finalmente pronto. Bibi vesti-lo e dar a sua aprovação definitiva. Que tal? D grande efeito, sim!



O PÚBLICO EXIGE! — E a artista tem que obedecer... E correspondendo a essas exigências. Bibi acostumou a respeitar a platéia, dando-lhe o desempenho mais reprecensível. Quando a cortina abrir, é mister tudo se encontre disposto e devidamente ensaiado, contrário...

UMA "PREMIERE"

em conjunto, agradam à plateia e os aplausos não se fazem tardar. Tarefa das mais delicadas, essa a que se entregou Bibi Ferreira, oferecendo ao público, em "première" nas três Americas, a versão teatral de "Rebeca, a mulher inesquecível", peça escrita pela própria Daphne du Maurier, autora do romance de onde foi extraído por sua vez o "script" do memorável filme de Laurence Olivier e Joan Fontaine. Nem mesmo nos EE. UU. esse original ainda foi representado, mas até agora, apenas na Europa, inclusive na Inglaterra, onde seu sucesso foi igualmente notável. A versão de "Rebeca", para o nosso idioma, foi feita por Carlos Lage, e a articulação cênica do original, requerendo grandes desvelos e despesas elevadas fêz-se com acerto arrojo. Até mesmo o incendio da mansão de Manderley, remate da película norte-americana, foi reconstituído no palco do Phoenix, com certo efeito e agradável repercussão no espirito da plateia. Os três principais interpretes de "Rebeca" estiveram confiados respectivamente a Bibi (a segunda mrs. Winter), Graça Melo (Maxim Winter) e Henriette Morineau (governante Donvers). Tanto quanto possível, dentro das exigências do palco, a fidelidade de ação da conhecida historia dramatica foi mantida, e o público deu-se por satisfeito. O que convem frisar, em empreendimento dessa natureza, é antes de mais nada o esforço de seus realizadores, reagindo contra a velha pasmaceira do nosso teatro, onde por muito tempo, se julgavam im-

A CAMINHO DO TEATRO — Manhãzinha cedo, bem disposta e alegre, Bibi é a garota feliz que vai trabalhar. Teatro é isso mesmo, muito trabalho, esfalfante e intenso! Mas a "estrela" corre para ele com o melhor dos seus sorrisos e sabe que a esperam, logo à noite, os aplausos do publico!



E AGORA, ATENÇÃO! — Toda a atenção de Bibi é concentrada no seu papel. Ela pisou a entrada do Fenix, e passou a ser, para todos os efeitos, "a mulher inesquecível" de Maurier. Seu pensamento concentra-se na história. O ansio geral vai começar... A estreia está apenas por horas...





O "cock-tail" oferecido por Bibi na véspera de seu reaparecimento, e a noite da "première", constituíram dois legítimos acontecimentos mundanos, de par com a feição artística do segundo. Na gravura, ao alto à esquerda, o Prefeito do Distrito Federal, dr. Hildebrando de Góes, acompanhado de sua exma. esposa, comparecendo à estréia de "Rebeca". Ao lado, um grupo de admiradores de Bibi, que tem à sua direita o escritor Genolino Amado. Ao centro, outros críticos — Mario Nunes, Bandeira Duarte e Augusto Maurício inclusive — trocam impressões com a artista. Em baixo, à esquerda, flagrante da noite inaugural, vendo-se a sra. Gabriela Bezanoni Lage, e finalmente, o crítico Edmundo Lys ladeado por Bibi e pela sra. Henriette Morineau, grupo também feito por ocasião do "cock-tail".





O ENSAIO E O "COCKTAIL" A CLASSE TEATRAL — Em cima, um flagrante do ensaio geral, onde se vêem Bibi e Sadi Cabral, resolvendo pequenos detalhes para um êxito do espetáculo. Atentos, seus colaboradores acompanham a explicação da "estrela" e dão seus pareceres. Em baixo, ainda um flagrante tomado por ocasião do "cock-tail" oferecido à classe teatral, vendo-se a atriz Olga Navarro, chegada recentemente da Itália onde permaneceu durante todo o tempo da guerra, em palestra com Bandeira Duarte e outros jornalistas, a quem relatava episódios daqueles seus dias inesquecíveis. Inesquecíveis como a própria Rebeca.

praticáveis realizações que saíssem da bitóla comum. Ha, porém, um espírito renovador animando público e artistas, e isso mesmo foi considerado pela crítica ao analisar a apresentação de "Rebeca". Si existem falhas, elas devem ser corrigidas, nos empreendimentos artísticos vindouros, mas é obvio que muitos predcados se encontram no espetáculo inaugural de Bibi, e força será reconhecê-los de público. Por sua vez, se existe aquela fase renovadora e animadora, mistér será estimul-la fazendo que a nossa gente de teatro se veja, assim, predisposta a cometimentos maiores.

Para os primeiros dias do mês próximo, outro acontecimento teatral de marcante relêvo está anunciado: A volta de Dulcina e Odilon, dispostos a repetir a façanha de "Chuva", que atravessou uma temporada inteira em São Paulo. A peça de estréia do ilustre casal de artistas, será também o primeiro original de teatro escrito por Genolino Amado, denominando-se "Avatar". Esse elenco irá ocupar o Teatro Regina, destruído pelo fogo anos atrás, mas inteiramente restaurado agora.



NOS BASTIDORES FEMININOS

A PROXIMA-SE o inverno e com ele a preocupação das novas "toilettes". E' no inverno que as mulheres parecem ainda mais belas, mais elegantes, mais "glamourosas"... Pelles, perfumes, lãs, "tailleurs", tudo contribue para realçar a sua beleza. Neste inverno, principalmente, deverá haver uma nota de alegria nos trajes femininos. Paris já libertada esmera-se na criação dos seus modelos, acompanhada de Londres e Nova York que procuram manter o dominio conseguido durante os anos de guerra. Uma das grandes transformações a ser notada na próxima estação, está nas côres. Os grandes costureiros vão lançar os tons mais vivos e contrastantes para serem usados a qualquer hora do dia. O inverno será assim tão alegre quanto o verão, perdendo aquela sua fisionomia triste que já conhecemos.

O vermelho, o verde, o amarelo e branco serão as côres favoritas. Naturalmente haverá sempre um lugar reservado para o marron, como também para o cinza e o bege, mas a mocidade vestirá os tons vivos que já citamos.

Costumes verdes, grandes casacos vermelhos, flanela branca em "tailleurs" e compridos casacos, o amarelo combinado com verde, lãs escocesas em tons vivos, grandes quadriculados branco e verde, tudo isso, sem duvida, fará do inverno de 1946 um autêntico "inverno da vitória".

Pepare-se, pois, querida amiga, para, com o seu bom gosto, saber escolher aquilo que melhor combinar com o seu físico e não esqueça de que mesmo nos dias frios e chuvosos a mulher deve estar sempre bela.

Kitty



PATRICIA WHITE (Warner)





Os flagrantes que acima estampamos foram colhidos pela objetiva do nosso distinto colega de "O Malho", snr. Jack Charles Loghardey, vendo-se num deles a srta Madge Loghardey, sua filha, e no outro um grupo de veranistas que estiveram recentemente repousando na Fazenda de Santa Mônica, em Juiz de Fora

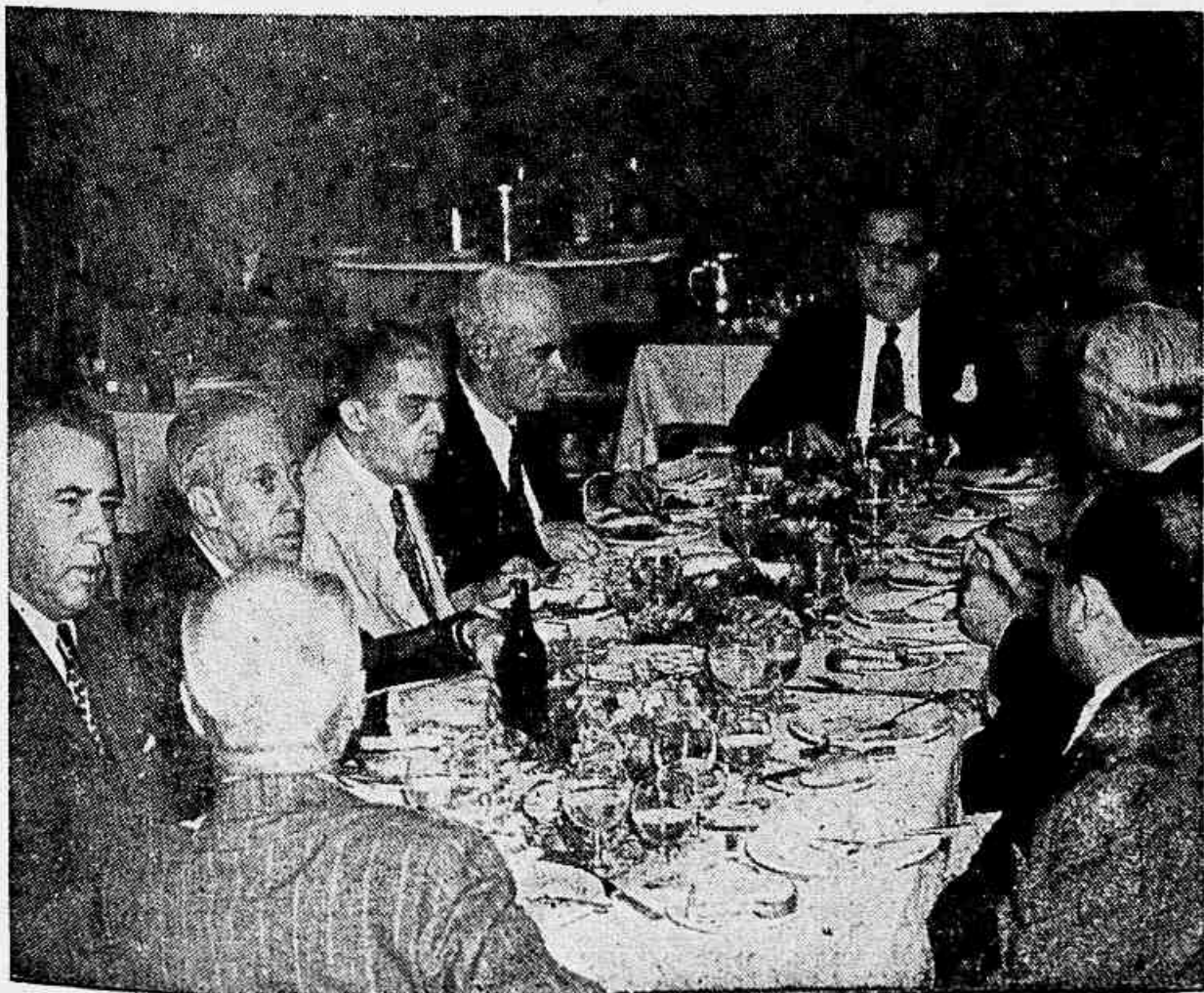
FIGURAS E FATOS



Aspecto do almoço realizado no restaurante da Estrada de Ferro Central do Brasil, em homenagem ao sr. Aurelio Valporto de Sá, tesoureiro da nossa principal via férrea, e oferecido por um grupo de admiradores e amigos

Aspecto tomado por ocasião do almoço oferecido pela Diretoria da A.B.I. ao sr. Carlos Luz, Ministro da Justiça, em reconhecimento às atenções que S.S. sempre teve para com a classe jornalística, desde a presidência da Caixa Econômica.

Flagrante do almoço oferecido à Srta. Diva Lima Figueiredo, por motivo de sua recente nomeação para o alto cargo de adjunto da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura, tendo usado da palavra o Cel. Jonas Corrêa para saudar a homenageada.





INIMIGO INVISÍVEL dos seus dentes

1 CREME DENTAL SQUIBB, por ser mais do que um dentífrico comum. Foi inventado para combater o Inimigo Invisível dos seus dentes — a acidez de origem bacteriana — causa frequente de cavidades e outras afecções dentárias. O Creme Dental Squibb contém Hidróxido de Magnésio — ingrediente que concorre para neutralizar êsses ácidos. V.S. também há de preferir êste dentífrico deliciosamente diferente.



2 ESCÔVA ÂNGULO SQUIBB, por ser mais do que uma simples escôva de dentes. É um instrumento científico. Um experimentado dentista desenhou esta escôva revolucionária, dando-lhe a forma exata de um espelho de dentista para poder alcançar os lugares esquecidos da sua boca. O ângulo ajuda a limpar tôdas as superfícies, todos os recôncavos. Ajuda a obter o benefício integral do refrescante Creme Dental Squibb.

Peça SQUIBB por duas razões:

CREME DENTAL
ESCÔVA ÂNGULO **SQUIBB**

1.026



CHAPEUS E P

Ann Miller, da Columbia (ao alto), oferece às leitoras um delicado modelo em palha com laços de veludo ou seda, com um pequeno toque de flores artificiais. Martha Vickers da Warner (em baixo), dá-nos outro tipo de chapéu, este em veludo com véu longo, cobrindo todo o rosto. A observar a originalidade do enfeite.

Vanessa Brown
penteados sim-
com pequeno





PENTEADIOS

Vanessa Brown, "estrelinha" da Columbia, mostra como se pode ficar bonita com um penteado simples, para ser executado em casa com facilidade. Cabelo todo para o alto, com pequenos "boucles" irregulares. Notem a originalidade das jolas de Miss Brown; três passaros de ouro e pedras, de tamanhos diferentes.



ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



HEMORRHOIDAS? tome

EM TODAS AS
FARMACIAS E
DROGARIAS



DÔR DE OUVIDO? INFLAMAÇÃO E PURGAÇÃO NO OUVIDO? Use **AURIS-SEDINA**

ESTA

e a única apresentação

de água de colônia

JEAN MARIE FARINA



Exigam

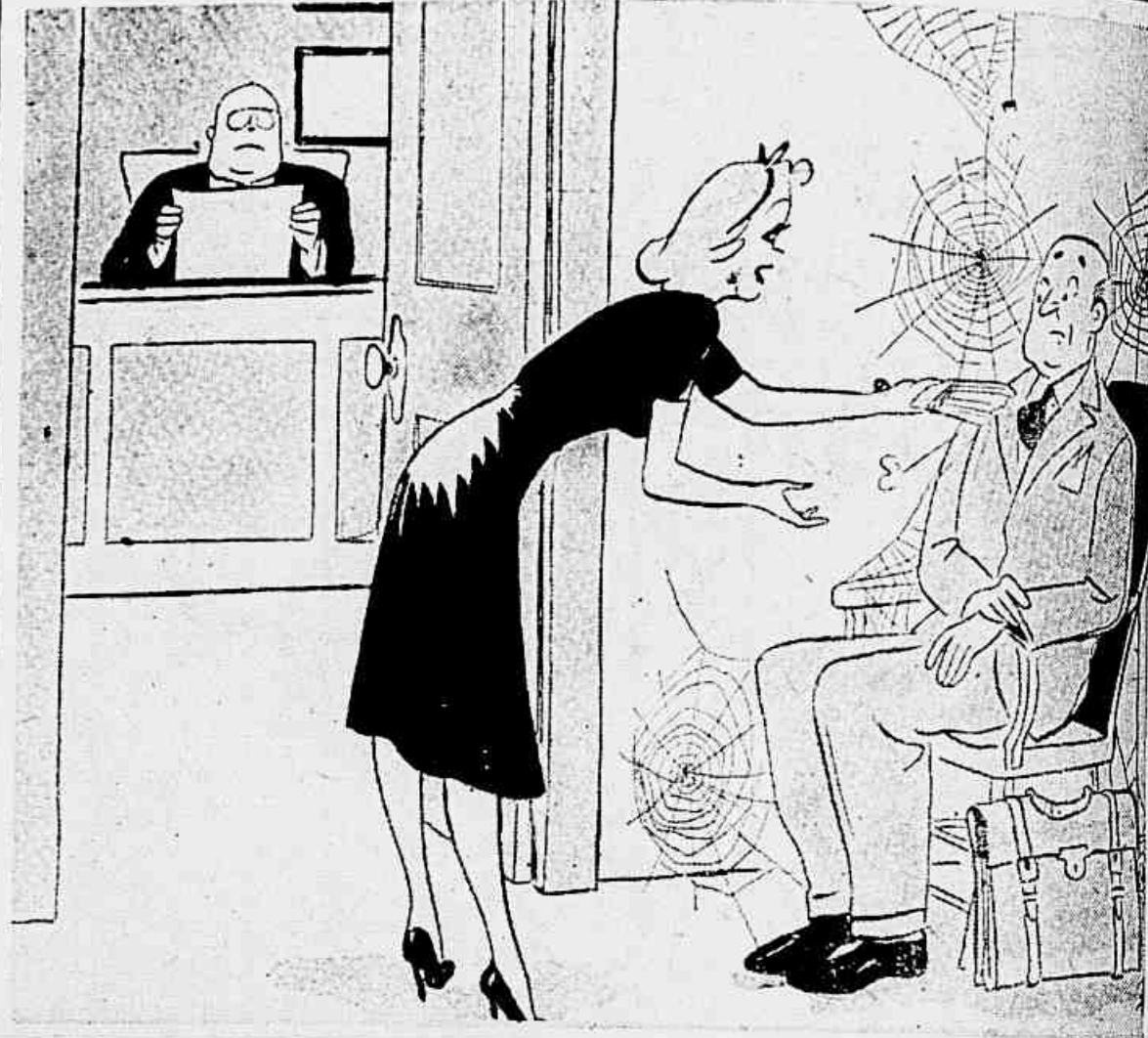
a marca
franceza
de

ROGER & GALLET

PARIS ★ RIO

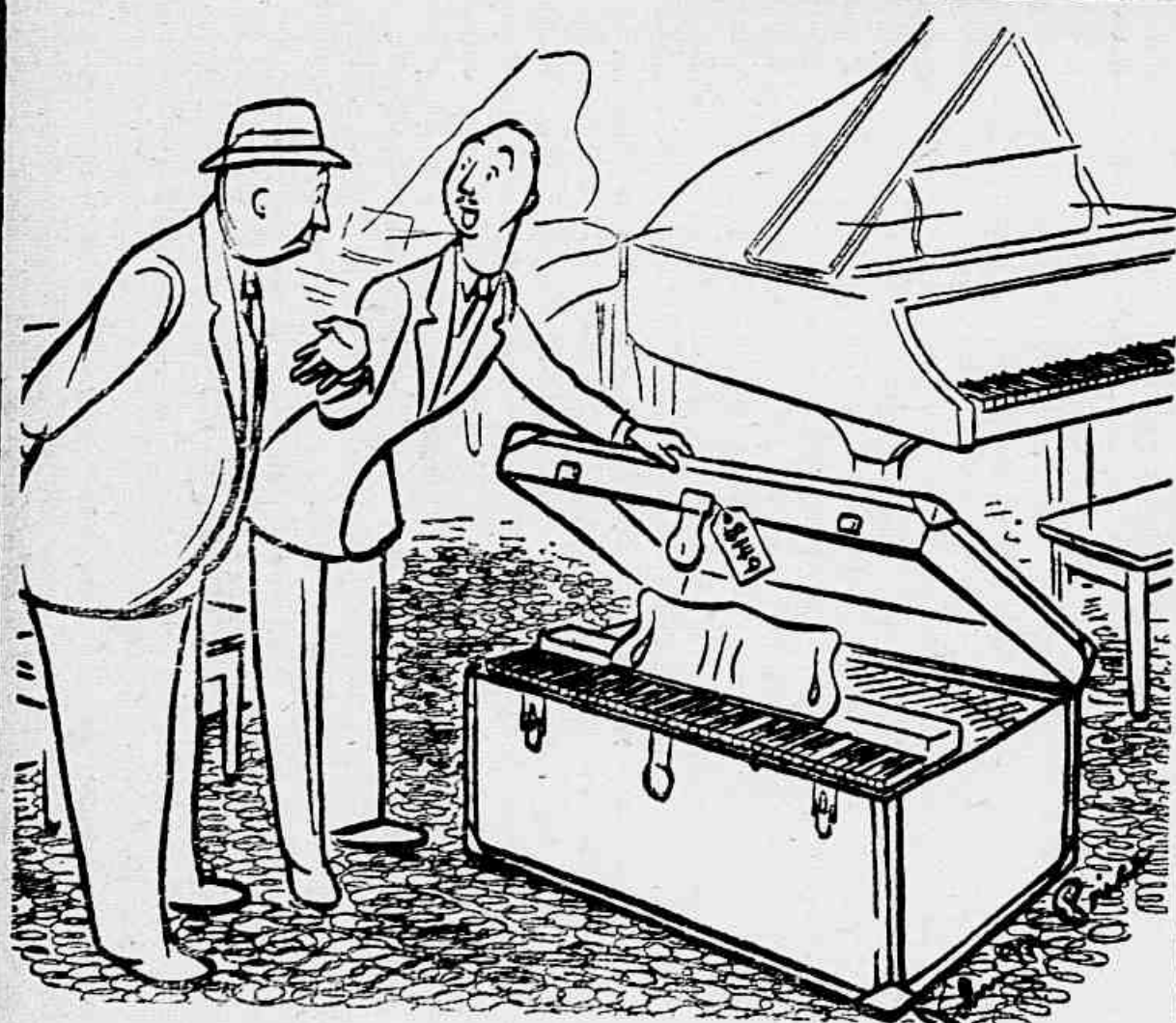


— João, é melhor preparar o "cock-tail" um pouco mais fraco...

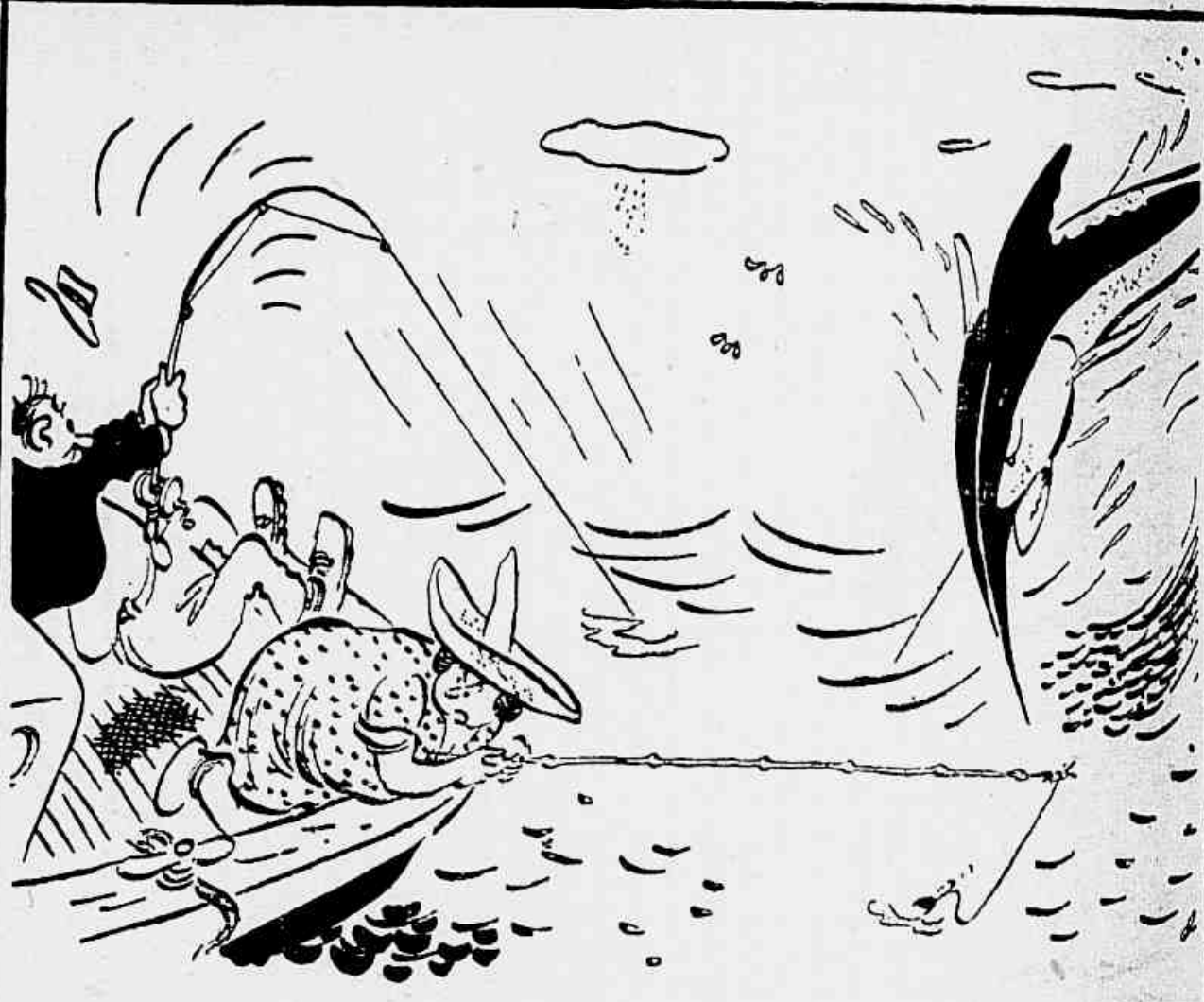


— Faça o favor, pode entrar, senhor. Chegou a sua vez.

DE BOM HUMOR



— Vitrola portátil não temos, mas aqui está a última novidade: piano portátil. Serve?



— Não empurra, Miguel! Peguei uma sardinha...



— Queira desculpar, madame, mas hoje é profissão "maillot" inteiro...

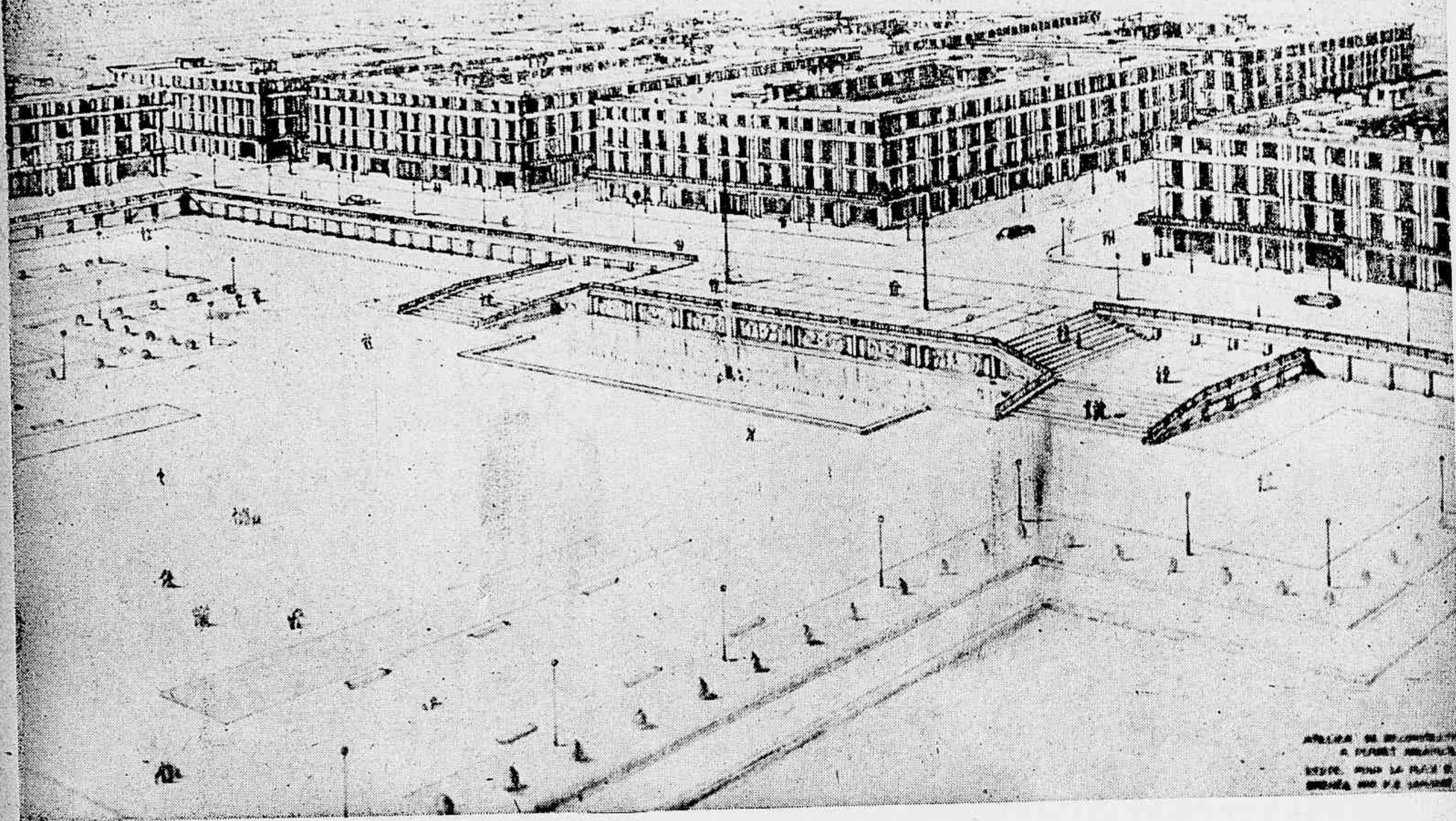


— Doutor, doutor! Faça alguma coisa por mim, doutorinho!



PARA MOCINHAS

A fase da menina-e-moça é das mais ingratas na arte de bem vestir. Não podem prevalecer, então, os modelos rigorosamente infantis, mas os figurinos de adulta resultam também inadequados. O meio-termo, mantido com elegância, sem exageros nem requintes, é sempre o mais aconselhado. Aqui estão dois modelos próprios para as mocinhas que atravessam essa fase tão delicada para mamãe, quando precisa escolher a nova "toilette" da garota. São ambos compostos de duas peças, saia e blusa, o primeiro realçado pelo cinto, e o segundo pela "sweter" tipo colete.



Plano de reconstrução da cidade do Havre, feito pelo arquiteto Augusto Perret, dando-nos a idéia de como ficará a nova Praça do Hôtel de Ville. A tradicional cidade francesa será traçada pelos mais modernos e arrojados planos arquitetônicos.

Uma cidade que renasce: o Havre

Entre as cidades francesas destruídas pela guerra, nenhuma é tão conhecida dos estrangeiros quanto o Havre. Porto de desembarque em que pela primeira vez o visitante pisa o solo francês, é também a última silhueta que se esfuma no horizonte, quando regressam às suas pátrias. Esta cidade, que eles apenas contemplam de passagem, descendo do vapor para apanhar o trem, ou vice-versa, e que vive principalmente do seu porto e da sua Bolsa de Algodão, foi construída em terrenos de aluvião do Sena, junto à colina de St. Adresse. Perfurando o solo, encontra-se água apenas a 80 cms. de profundidade. A canalização de gás, eletricidade, água e esgotos, é toda submersa. O seu serviço telefônico sofre tremendamente as consequências desse inconveniente.

Tendo sido arrasada pelos bombardeios a que foi submetida toda a parte da cidade compreendida entre a colina de St. Adresse e a baía do porto, um dos melhores arquitetos franceses, o engenheiro Augusto Perret foi encarregado e elaborar os planos da sua reconstrução. O nome de Perret é assaz conhecido. São obras suas o teatro dos Campos Eliseos, o novo depósito nacional de móveis, o novo museu as Obras Públicas, a igreja de Raincy, assim como é de sua autoria o projeto do futuro estádio olímpico de Paris, da igreja de Carmaux, do aeroporto de Marignane, da estação de Amiens e de seus arredores, da fábrica de alumínio de Issoire e de muitas outras obras de igual vulto. O que caracteriza sua arte é o emprego das formas mais variadas. Suas concepções arquitetônicas

são dotadas de um sentido de equilíbrio e requintado bom gosto aliado à mais moderna ciência arquitetônica.

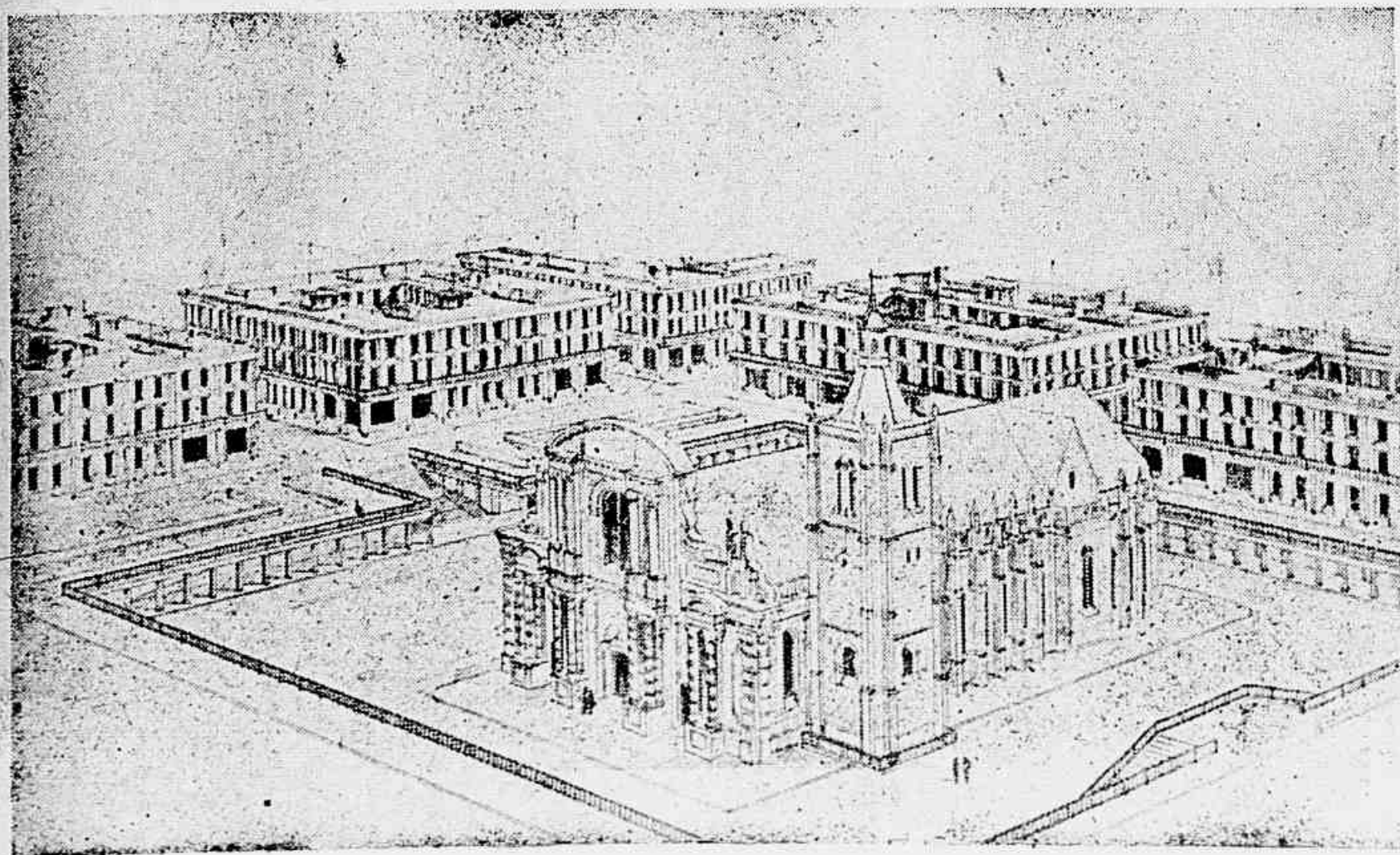
Sendo as canalizações do Havre submersas e perigosa e insalubre a sua conservação, Perret projetou elevar o nível das ruas de mais 3m,50, instalando as canalizações neste aterro, o que as tornarão acessíveis aos reparos.

Tendo sido a cidade construída no sentido do cruzamento de dois eixos, Perret os conservou, nos seus planos: de N. a S., a rua Paris, que liga, em linha reta, a margem dos fundos do porto à praça Gambetta, e depois ao jardim público e ao "Hôtel de Ville"; de E. a O., a avenida de Strasburgo e em seguida a avenida Foch, que termina no monumento da Gratidão belga, isto é, no local onde acaba o dique Norte, que protege a entrada do porto. Este eixo transversal foi, no projeto elaborado, corrigido, alargado e o traçado seguido obedece à forma de xadrez, ligando assim o jardim do "Hotel de Ville" à praça Jean Jaurès. Um monumento em formato de propileu amortecerá a violência do vento que será também amenizada pelo traçado quincôncio.

Como a parte da cidade a reconstruir é toda em terreno plano, Perret imprimiu aos seus projetos um traçado ortogon. O ângulo reto representa uma economia de cerca de 50% na construção. Duas janelas que se defrontam, no posto mais próximo do vértice de um ângulo reto, oferecem menos inconvenientes que no de um ângulo agudo.

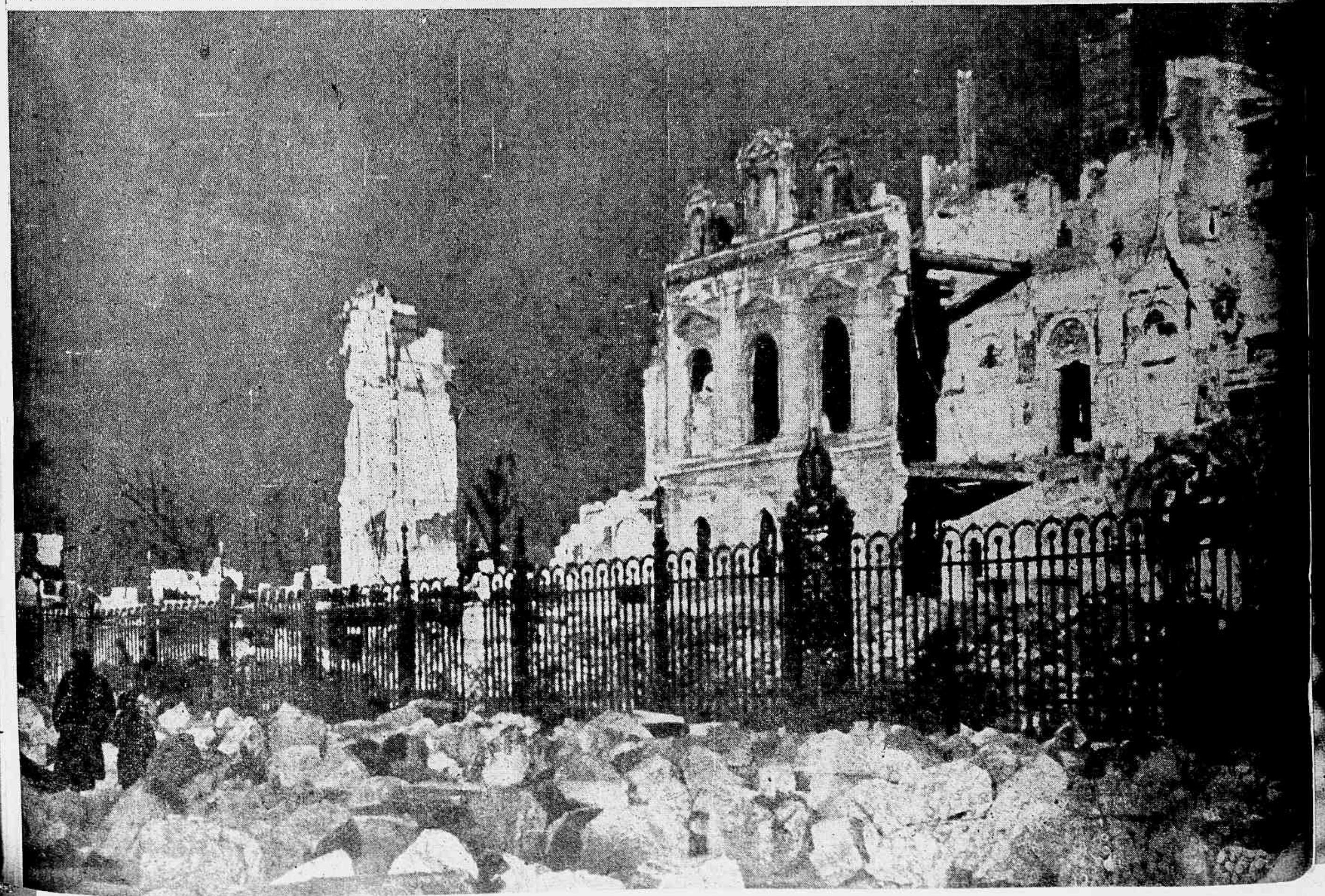
Este princípio orientou a concepção das habitações. Cada quarteirão, limitado por qua-

(Continua na pág 5)



No primeiro plano, a Igreja Notre Dame, do século XVI, que escapou aos bombardeiros da última guerra.

Dois flagrantes, na página em frente, de Havre bombardeada e reduzida a escombros dos quais renascerá a nova metrópole.



— O trem está demorando...
O homem se aproximara, como quem quer começar uma conversa longa, mas o advogado não lhe deu atenção.

— E'.

Um curto monossilabo encerrou o diálogo. O grupo friorento dos que esperavam o trem se dividira. O advogado se afastara, logo, para evitar tomar parte na conversa.

— Ele terá emagrecido por lá?

— E' bem possível. Dizem que não estava muito bem de dinheiro.

— Também... Sempre ma-

lucu!... Aquêlê menino não podia dar em boa coisa. Eu me lembro que quando êle era pequeno...

Um outro fez sinal para que se calasse. O advogado, que andava passeando para cima e para baixo, ia cruzando o grupo naquele instante.

— Psiu!

— Que é?

— E' melhor não falar diante dêle.

— Nunca vi tanta afetação. Afinal de contas, eu, que sou o tio dêle, não estou assim...

— Dizem que eram íntimos amigos.

— Conheceram-se, ao que parece, na escola, não é verdade?

O padre se intrometera na conversa para colher informações. Gostava de saber da vida dos outros. O homem alto, que se colocara no meio do grupo, só estava mesmo esperando uma oportunidade para fazer um resumo da biografia de Henry.

— Conheceram-se na Universidade. Foi Henry quem trouxe o advogado para aqui.

— Depois Henry foi para Nova Iorque e o advogado ficou...

Quatro homens na plataforma

O ENTERRO DO ESCULTOR

CONTO DE WILLA CATHER

ma esperavam o vagão especial com o corpo de Henry Adams, o escultor. O telegrama chegara no dia anterior, notificando a família, e pedindo providências. Ele morrera desamparado numa cidade estranha. O advogado tratara da expedição do cadáver para a terra onde Henry nascera. E ali, naquela plataforma, estavam os "bem intencionados" amigos das horas tristes, mais por gosto hipócrita de tomar parte nas cerimônias dolorosas do que por solidariedade. Estava ali o banqueiro e não se poderia dizer que êle tivesse sido amigo de Henry. Contudo, esforçava-se para adotar uma posição de dôr, cheia de compostura e de nobreza, porque aquilo lhe ficava bem e porque, na verdade, êle apreciava aquilo mais do que qualquer outro divertimento. Numa cidadezinha encravada no interior da América um enterro é uma festa.

— Mas, como eu ia dizendo, êles se conheceram lá...

— Depois houve o caso do desfalque...

O padre alertou-se, mas o banqueiro não prosseguiu.

— Como? Um desfalque? perguntou o padre.

O banqueiro fingiu surpresa:

— Não sabia?

— Não.

Foi o maior caso do advogado nessa cidadezinha. Um desfalque dado por um dos meus empregados. O miserável conseguiu que êle fosse absolvido.

— Mas... e Henry? Que tem êle com isso?

O banqueiro voltou-se para o sacerdote, meio irritado:

— Nada. Isso é outra história. Henry, naquêlê tempo, já tinha partido.

— E o advogado — se era seu amigo porque ficou?

O advogado que ia passando ouviu essa última frase. Prosseguiu, no seu passeio, sem dar mais atenção aos cochichos cautelosos do grupo. Por que ficou? Uma pergunta que lhe martelava o cérebro. Henry tinha se evadido, a procura de uma aventura com a Beleza. Ele, porém, ficara e se enterrara cada vez mais na degradação. Agora esperava a chegada de Henry com certo receio. Nem mesmo a dor do amigo morto era mais forte do que o sentimento de que traira os compromissos, os sonhos e ideais do primeiros tempos.

Continua na página 50



Nas noites frias, você ficará mais elegante com uma calça comprida de lã cinzenta, "sweater" listrada, cinza e verde e um grande capote de lã verde.

★

Use meias no inverno! Você mal pôde avaliar o quanto fica ridículo uma mulher agasalhada de casaco de peles, capotão, luvas e... sem meias... O choque é forte demais. Use meias no inverno e estará mais de acordo com a "toilette" e o clima...

★

Um rosto bonito requer cuidados. Não saia de casa antes de ter a certeza de que seu "make-up" esteja perfeito. Deixe que os outros resmunguem que você está atrasada. O que interessa é a sua aparência.

★

Si você é muito alta, prefira os cabelos soltos. Arranje um penteado que lhe assente bem, mas nunca use cabelos para o alto.

★

Cuidado com as calças de "pescadores". Elas só ficam bem em raríssimas pessoas. As gordas, principalmente, devem evitá-las.

★

Banhe os olhos diariamente com água borricada, para te-los sempre limpos e brilhantes.

★

Não esqueça que o melhor amigo do seu cabelo é a escova. Algumas boas escovadelas pela manhã e à noite, e o seu penteado ficará mais bonito.

★

Si você trabalha, o traje mais indicado para você é o "tailleur". Com dois bons "tailleurs" feitos em bom alfaiate e meia duzia de blusinhas diferentes, você estará bem vestida durante toda uma temporada.

★

Não queira causar a má impressão tão comum atualmente; senhoras, moças e mocinhas, agasalhadíssimas, com "echarpes", casacos de pele, etc, e... sem meia... O espetáculo é por demais ridículo...

★

O cuidado com a sua pele no inverno deve ser inteiramente oposto ao do verão. No frio a pele tende a ressecar e é preciso usar crêmes oleosos para impedir que isso contege. Também o seu "make up" pode ser diferente, usando tons mais escuros do que no verão.

★

Um perfume para cada hora do dia, isto seria o ideal... Mas, guarde o seu bom perfume para a noite e use durante o dia uma água de colônia refrescante e suave... Assim estará sempre perfumada e atraente.

★

Cabelos soltos, cabelos presos... De qualquer maneira eles exigem de você o máximo de

atenção. Escove-os vigorosamente pela manhã e à noite, afim de mantê-los sedosos e ao mesmo tempo penteia-os melhor.

★

Si não quer engordar, procure abolir das suas refeições as gorduras, doces, pão e água. Também as sôpas devem ser abolidas. E além disso, faça ginástica, muita ginástica...

O Menú da Semana

TORRADAS COM MOLHO DE TOMATES — COELHO COM MOLHO — BATATAS A' MILANEZA CREME DE CÔCO

Torradas com molho de tomates

Corte fatias finas de pão, re-

Femininas

tire as côdeas, passe bastante manteiga e torra-as no forno. Prepare um bom molho de tomates, misture um pouco de queijo ralado e cubra as torradas.

Coelho com molho

Cozinhe em bom refogado, um coelho cortado em pedaços. Deixe-o dourar, junte 6 tomates, 1 cebola picada e pedacinhos de gordura de fiambre. Esmague bem os tomates, adicione 1/2 copo de vinho branco, deixe ferver lentamente até engrossar o molho e sirva-o peneirado.

Batatas á milaneza

Cozinhe em água, sal e salsa, 4 batatas grandes. Não deixe cozinhar demais para poder cortar facilmente. Bata juntos 2 ovos, 1 colher rasa de sal (colher de chá) e 1 colher de chá de molho inglês. Passe as batatas em farinha de rosca e frite.

Crema de Côco

Misture bem 2 copos de leite, 1 xícara de leite de côco, 4 ovos inteiros, 2 gemas e açúcar que adoce. Misture bem, passe 2 ou 3 vezes e leve ao forno em banho Maria e em tijelinas untadas.



Faca Bolos!!!

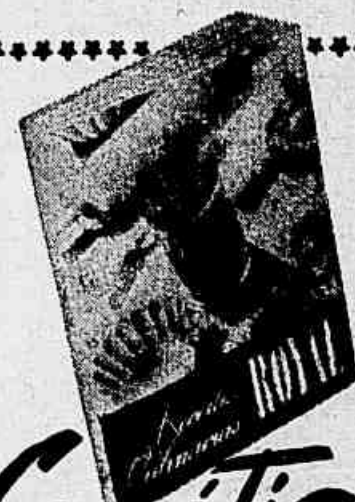
...e a alegria reinará em seu lar!

É sabido que quase todo o mundo aprecia bolos... Quando eles chegam à mesa, os olhos se arregalam, a alegria invade a todos e está criado um irresistível ambiente de festa... Não se discute! Vale a pena fazer bolos. E não acha que, esperando esta ou aquela grande data, só serve para retardar momentos de alegria em seu lar? Para garantia do êxito, utilize sempre o Livro de Receitas Royal, usando o produto de confiança, famoso há quase 80 anos — Fermento Royal!

FERMENTO ROYAL

— a chave de mil e um pratos deliciosos!

PRODUTO DA STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC.
RIO DE JANEIRO



Grátis!

Peça hoje mesmo ao seu fornecedor um "Cartão Royal", que apresenta todas as instruções indicando como fazer para receber o famoso "Livro de Receitas Royal". Se não encontrar o Cartão, escreva agora para: Caixa Postal 3215 - Rio de Janeiro.

BÓLO RICO

1/4 xíc. manteiga
1 1/2 xíc. açúcar
4 ovos
2 colhs. (sopa) leite

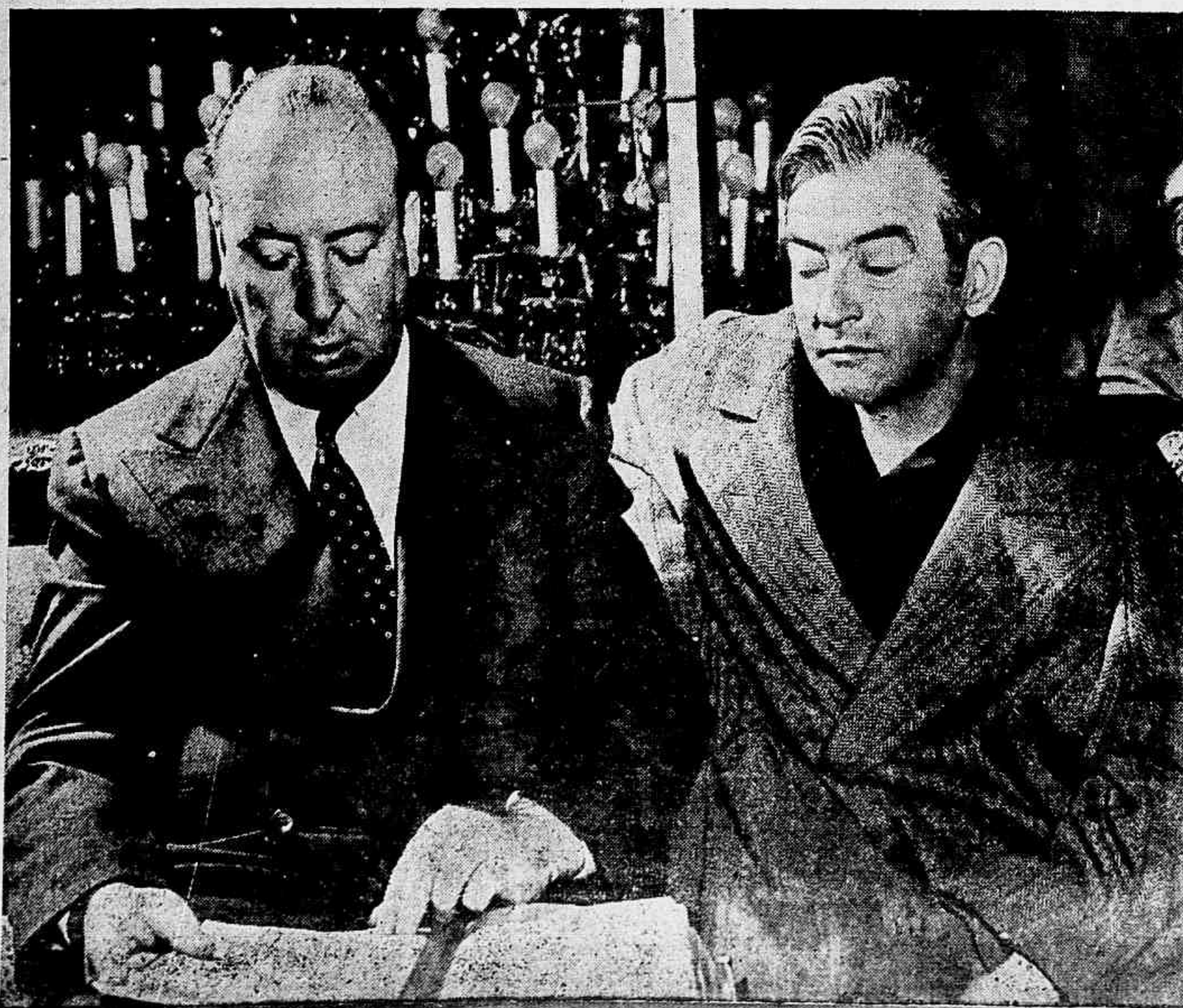
1 1/2 xíc. farinha
1/2 xíc. araruta
1 colh. (chá) sal
2 colhs. (chá) Royal

Amasse bem a manteiga e incorpore o açúcar aos poucos. Junte os ovos, um a um, batendo bem. Acrescente aos poucos a farinha, araruta, sal e Royal, peneirados juntos 3 vezes, alternadamente com o leite, batendo bem. Fôrma baixa untada. Forno regular uns 30 min. Deixe esfriar e corte em losangos. Cubra com o seguinte glacê: coloque em banho-maria sobre água já fervendo, 1 1/4 xíc. açúcar, 3 colhs. (sopa) água fria, 1 clara não batida e colh. (chá) gema. Bata com o batedor de ovos, 10 min. ou até engrossar. Retire do banho-maria, junte 1/2 colh. (chá) raspa de laranja e 1 colh. (chá) suco de limão e bata até ficar quase frio. Junte 1/4 colh. (chá) Royal e bata até engrossar bem. Use-o antes de esfriar completamente. Enfeite com confeitos de côres, nozes, etc.



Lana Turner chegou de viagem. Deu as melhores referências do Rio e dos cariocas aos dios da Metro chamaram Lana Turner para uma nova filmagem e ela aí está, às voltas inteprete de "Noite na alma", da RKO, brincando de "morder", com o diretor Edward depende! — Em baixo, Claude Rains recebe instruções do diretor

seus colegas, a todos aconselhando uma visita á terra brasileira. Sem demora os estú com o seu papel de garota vampiresca e temperamental... — Ao lado, Jean Porters, Dmytryk. Quasi sempre essas brincadeiras acabam mal... Ou bem, muitíssimo bem — Alfred Hitchcock durante a filmagem de "Interludio".

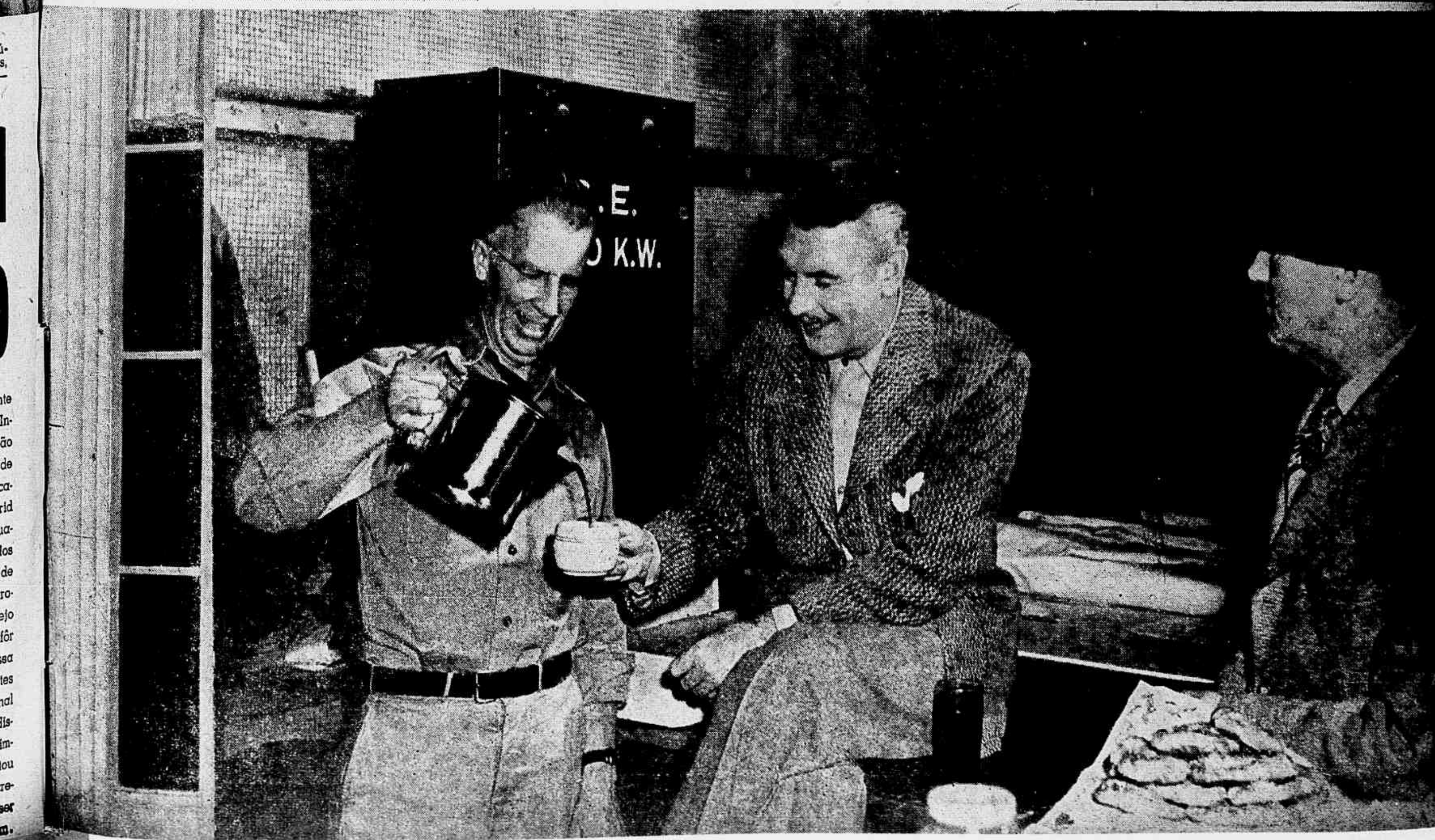


A REVISTA EM HOLLYWOOD

Hollywood, abril. (Por Louiz Serrano, correspondente exclusivo da REVISTA DA SEMANA). — No filme "Interludio", que a RKO vêm de apresentar e cuja ação transcorre em grande parte aí no Rio, o ator Claude Rains vive o papel de um chefe nazista, oculto na capital brasileira, a serviço da causa de Hitler. São Ingrid Bergman e Cary Grant, porém, os protagonistas, na qualidade de agentes do governo norte-americano, incumbidos de amores um pelo outro. Acreditamos no sucesso de "Interlúdio" no Brasil, já porque possui um entrêcho romantico-policia de muita intensidade, e porque da ensejo de apresentar ás platéas de todos os países onde for exibida, uma série de maravilhosos panoramas da nossa invejavel capital. — Outra noticia de sensação nestes últimos dias, foi o regresso de Lana Turner, que por sinal voltou entusiasmado com os cariocas, "gente muito distinta, hospitaleira e pronto, sempre, a manifestar sua simpatia pelos norte-americanos". Lana Turner manifestou vontade de voliar ao Rio nas próximas férias, mas acreditamos que dentro de um ano estas não lhe vão ser facultadas, tantos são os filmes que aqui a esperavam.



A' esquerda: Lena Horn diverte-se abrindo a correspondência dos "fans", no departamento de correspondência da Metro, onde as cartas recebidas são catalogadas com o retrato do destinatário. — A' direita, Rita Novella, da RKO, bailarina estilo mexicano, habilitada a ganhar qualquer concurso de pernas bonitas. — Em baixo, George Brent preparando-se para beber a oitava taça de café naquele dia, para resistir a uma exaustiva filmagem de sete horas seguidas. George Brent, êle mesmo, prepara habitualmente o seu café com crême, porém nesse dia não lhe sobrou tempo. E foi um assistente do diretor quem se desobrigou da tarefa.



DE TEATRO

A idade, a experiência cada vez maior, o contacto assíduo com a mais variada série de personagens tragi-cômicos, vem fazendo de Jaime Costa uma figura de relevo marcante na cena brasileira. É tempo de prestar justiça a esses valores, que, se representassem para outras plateias e em idiomas de maior penetração universal, contrariam por certo com uma popularidade internacional e que se refletiria mesmo em nosso país. O caso desse artista brasileiro é patente e insofismável. Mesmo quando escolhe para o repertório de sua companhia, peças ligeiras, com o intuito fundamental de divertir o público, Jaime Costa tem o cuidado de se reservar um trabalho no qual exista maior soma de atributos apreciáveis, além da simples função de fazer rir. Quantas vezes ele próprio se incumbiu de oferecer maior elasticidade a esses personagens, fazendo de bisonhos e galhofeiros heróis de farsas, homens que carregam nos ombros a tortura de um complexo por demais humano, e que mal disfarçam um sofrimento introspectivo! Se é verdade que em qualquer gênero o ator pode revelar os seus grandes méritos, Jaime Costa o tem feito até quando representa as farsas aparentemente mais esdrúxulas. Ele tira partido do conteúdo humano que o seu papel pode oferecer, e na pele do atribulado Zé do Pedal, como no intérprete de uma peça histórica, vivendo por exemplo esse chefe de família tormentoso de "Onde está minha família?", há sempre, bem analisado, no seu desempenho, mais alguma coisa — e muito mais, mesmo — que um despretençioso intuito de provocar hilaridade.

A carreira de Jaime Costa é o próprio símbolo do nosso teatro. Foi ele que primeiro se atreveu a representar Pirandello no Brasil, quando semelhante tarefa poderia julgar-se um crime de lesa-arte, e todavia, não só o público e a crítica, mas também figuras internacionais que então o aplaudiram, nele sentiram, latente, o espírito pirandelliano. Quando os originais de autores brasileiros não eram aceitos facilmente pelos elencos de comédia, que então se especializavam nas traduções, embora em muitos casos feitas de peças medíocres conquanto importadas, Jaime Costa fez pé firme e começou dando preferência aos autores de casa.

Trata-se, enfim, de um ator que tem personalidade. Personalidade que se manifesta através dos menores detalhes dentro do seu teatro, por exemplo, na declaração permanente de seus programas, quanto à inexistência de "claque". E vem, então, o apelo do artista: Que o público dê seus aplausos se tiver gostado do espetáculo, ou do contrário, seja lhes permitido o direito da vaia. Mas nunca ele desejaria o aplauso fictício e inútil dos elementos da "claque".

★

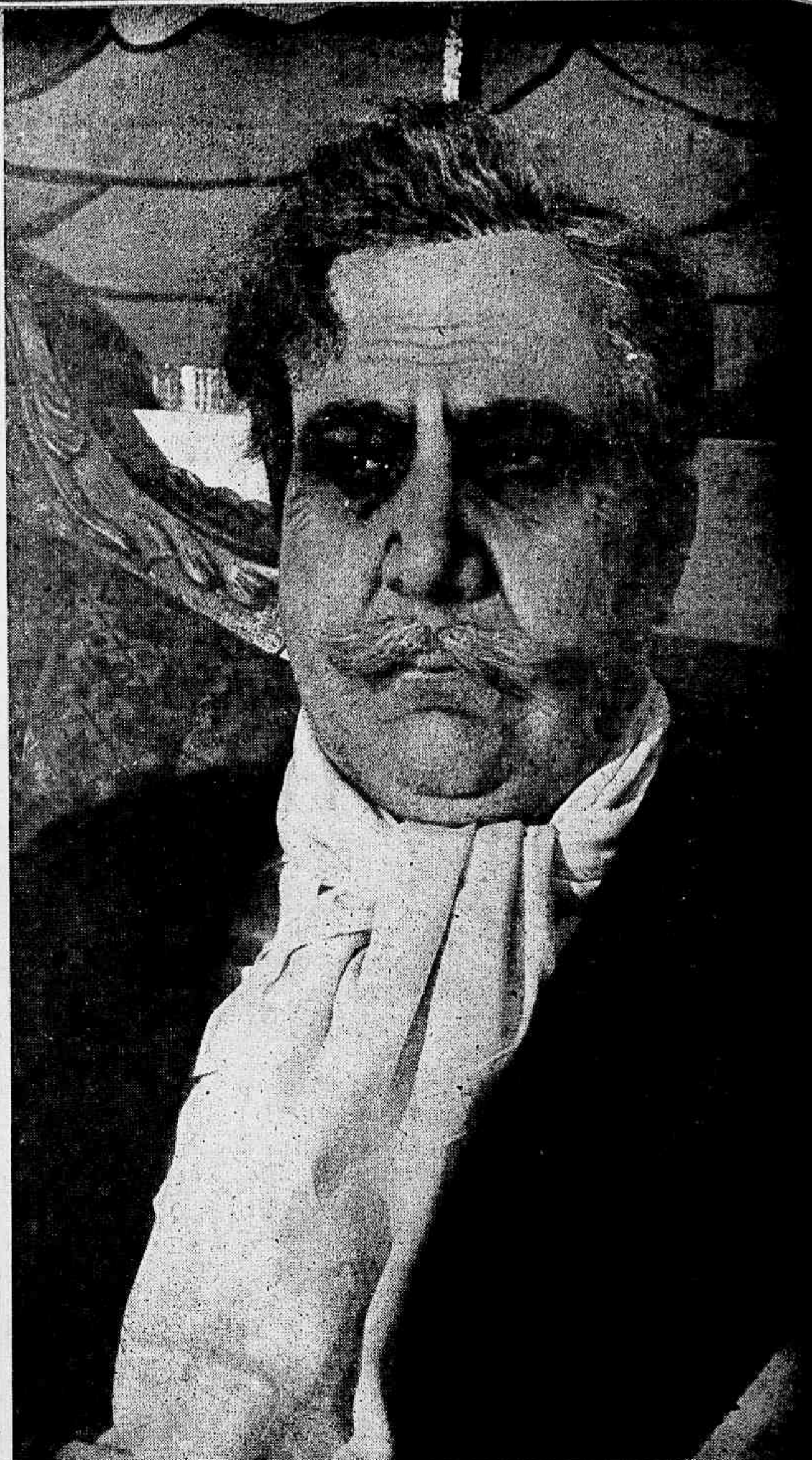
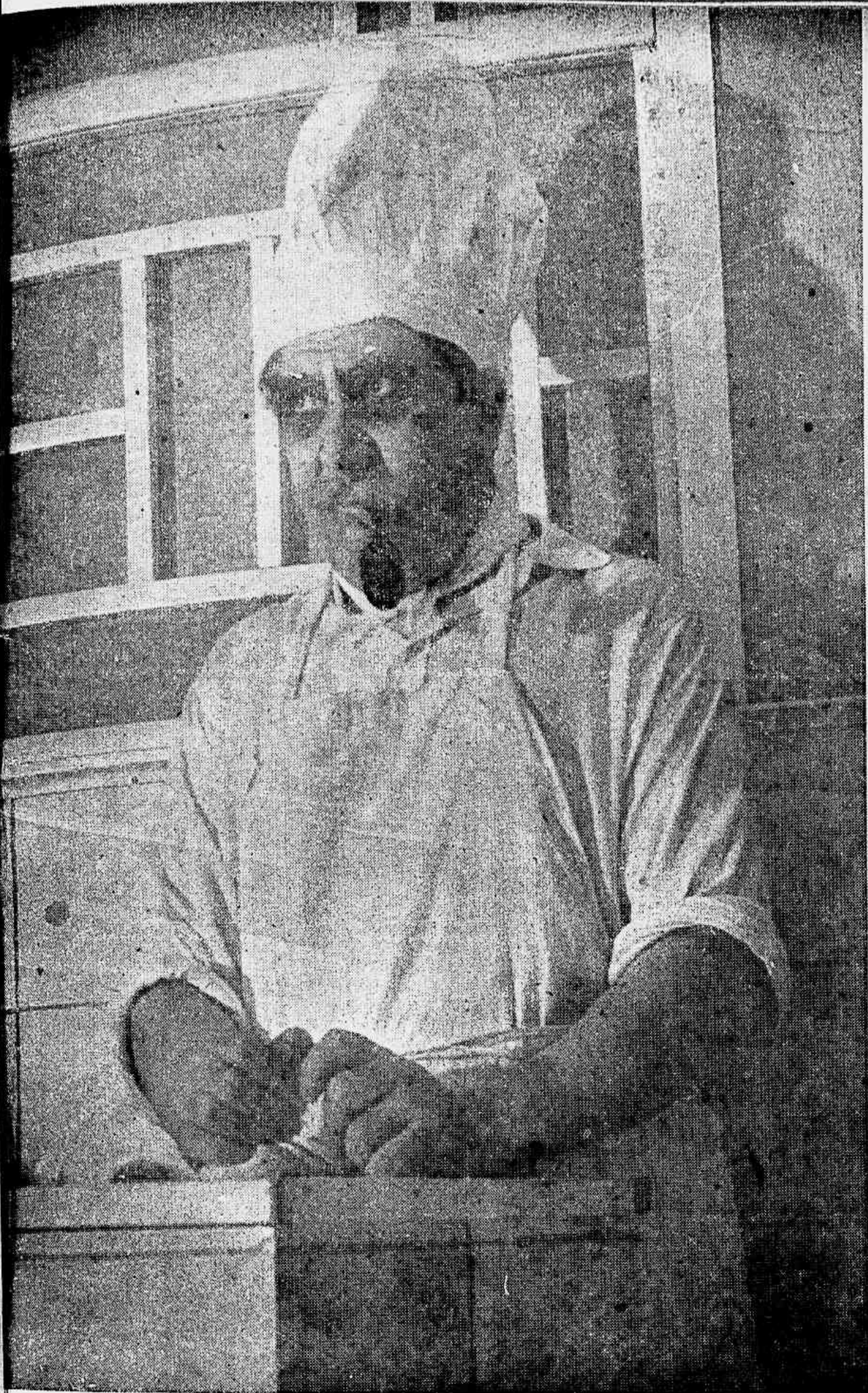
Está anunciada para a segunda quinzena de maio, no Teatro Regina, inteiramente restaurado depois do incêndio que o destruiu há dois anos, a estréia da nova companhia Dulcina-Odilon com a peça "Avatar", de Genolino Amado, inspirada em um conto de Teophil e Gauthier. Será esse, sem dúvida, outro acontecimento teatral da temporada, já pela circunstância de se tratar de um casal de artistas por demais idôneo, sempre fazendo rodear-se de outros elementos classificados, como ainda porque vai essa estréia marcar a etapa decisiva de Genolino Amado no teatro. Sua tradução de "Chuva" o levou a um empreendimento mais decisivo, animando-o a essa experiência final. Ou teremos conquistado para o reduto do teatro no Brasil, um expoente das letras nacionais, ou esta terá sido apenas uma tentativa eventual. Oxalá prevaleça a primeira hipótese.

★

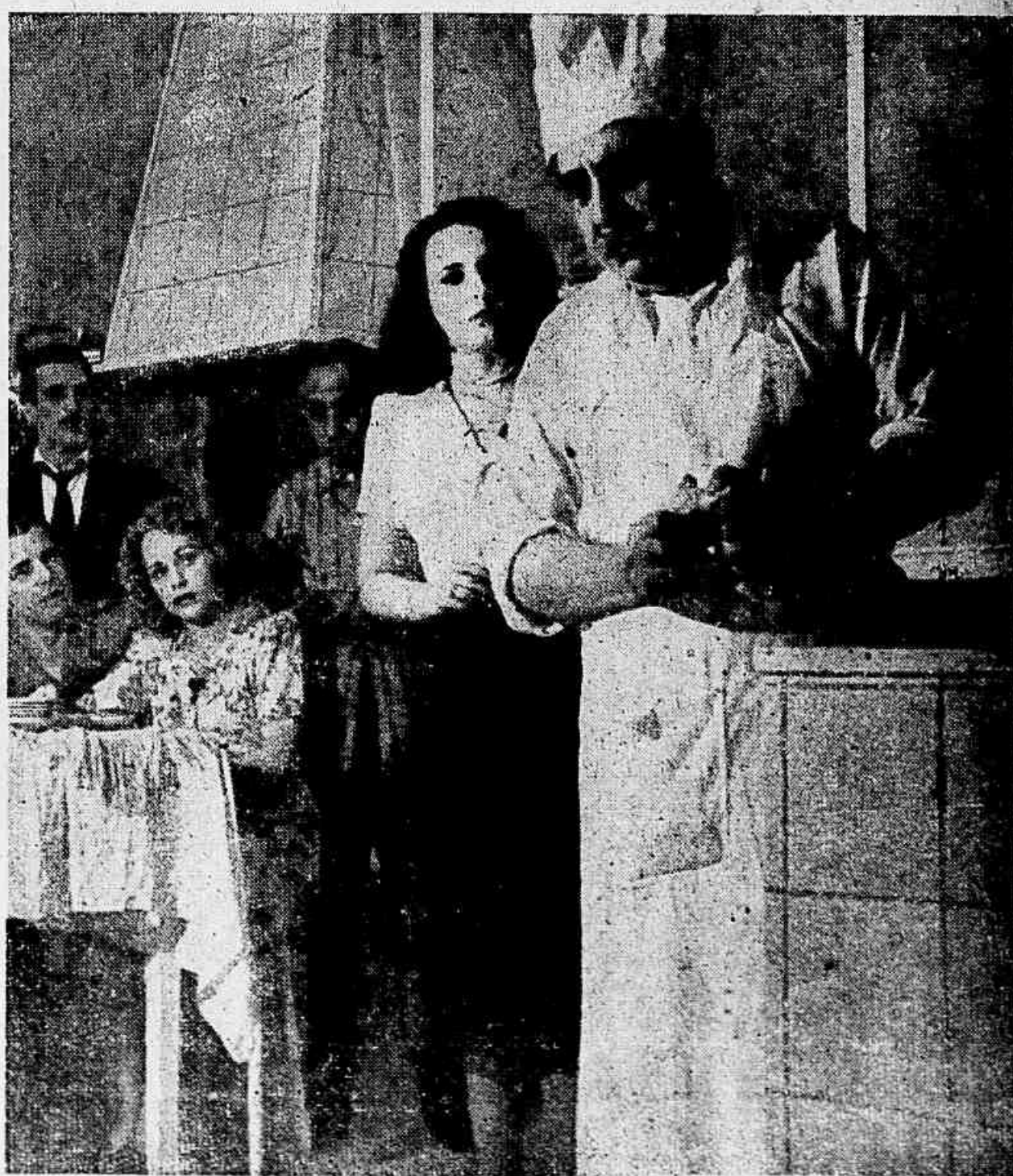
Afirma-se que teremos este ano duas companhias portuguesas de revistas: A de Mirla Casimiro-Vasco Santana, destinada ao Teatro República, e outra aqui mesmo organizada por Beatriz Costa, com elementos lusobrasileiros, talvez para o Palácio. Foi, mesmo, noticiado que o elegante cinema da rua do Passado estaria inteiramente à disposição de Beatriz Costa, desde agora.

Os tipos de Jaime Costa são sempre figuras marcantes, de relevo inconfundível, personagens que o artista sabe copiar, com rara precisão, de tantos seres humanos que se encontram a cada passo pelas ruas da cidade. Esta é a sua mais recente criação, feita na comédia — "Onde está minha mulher?"





A especialidade de Jaime Costa é a dos papéis nos quais sua veia-cômica pode aliar-se a um toque levemente sentimental e dramático. Sob a epiderme desse homem rústico, e cujos azares da sorte nele provocam grandes altos e baixos no trampolim da vida, há uma forte dose de sofrimento. Os heróis de Jaime Costa fazem rir e meditar simultaneamente. "Bancando" o cozinheiro improvisado, às voltas com os apuros de uma família cheia de contradições ele sabe ser ridículo e humano, mal disfarçando o seu sofrimento interior. Nosso teatro possui nesse ator, no seu gênero, um de seus mais altos e expressivos valores, que o tempo e a idade mais vão amadurecendo





INFANTIS

10 — Vestido de 10, com delicado trabalho de nervuras. Bolsoes do mesmo tecido.

11 — Vestido simples e elegante, de 11 metros. Pólo decorada no blusa, dando origem a duas costuras que terminam em "mochos" na saia.

12 — Modelinha de 12 metros, nervuras e botões em cores. Saia "code".

13 — Vestidinho encostado de 13 quadrados, aplicado em sentido diagonal. Cor de papel amarelo.

14 — Vestidinho de 14 metros com pequeno "plastron" pregado.

15 — Gracioso vestidinho de seda com botões e babadinhos de mesma lã.

16 — Gravatinha de 16 metros, gola de veludo e bolsos embutidos.



14



15



16

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

FUNCIONA ATÉ AS 19 HORAS

DEPOSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES

ALFANDEGA, 50

Grande desilusão

Continuação da página 27

— Pois é meu amigo, dizia-me ele, o meu ordenado no momento é pequeno mas o casamento para mim tornar-se uma necessidade. Mesmo eu sei que não encontrarei uma outra oportunidade como esta: conheço uma mulher que me compreende, que tem os mesmos gostos que eu, uma mulher modesta, sincera, que mais poderei querer?

Eu fiquei embatucado. Procurei chama-lo à razão, mostrar-lhe que era muito novo, que precisava terminar os estudos e afinal, como se poderia planejar um casamento, sem nem ao menos conhecer a noiva! Mas de nada valeram os meus argumentos. A idéia fixa do Santos era o casamento. Ou casava ou levava a bréca.

Certa manhã estava eu trabalhando no escritório quando entrou o Santos. Vinha radiante maravilhosamente radiante; eu nunca o tinha visto tão alegre como naquele dia. — “Que há contigo?”

Fui logo indagando.

— “E’ hoje!” — replicou o Santos; hoje é o dia mais feliz da minha vida... Vou me encontrar com a Zilda! O’ beleza!

como pode haver tanta felicidade num dia?”

E o resto do dia foi uma eternidade para o Santos. Aguardava a hora a saída como se fosse receber um prêmio ou coisa semelhante.

De noite, no quatinho apertado onde morávamos, o Santos levou meia hora vestindo-se. Tomou banho, fez a barba, oleou o cabelo, puliu as unhas, engraxou os sapatos e tão afobado estava que, bem me recordo, ao pregar dois botões na camisa, fê-lo desastradamente no lado avesso. Enfim, depois de tanta cansaça, de tanta azáfama o Santos partiu para o seu encontro. Eu bem que cheguei a invejar o meu amigo... para que negar?

Já era alta a noite: estava eu todo embebido na leitura de um

livro, quando entrou o Santos. Porém, não era o mesmo Santos que há pouco tinha saído. O seu aspeto denotava uma tristeza, uma tal desilusão que imediatamente perguntei: — “Que há contigo meu caro, a Zilda faltou ao encontro?”

— “Ora a Zilda, retrucou o Santos... E desabafando. — “Aquela bruxa não tem menos de quarenta anos”...

Uma carícia perfumada!...

De inebriante perfume e suave como uma carícia, o pó de arroz Lady dá maior beleza aos mais lindos rostos... Sua aderência perfeita o mantém sobre a cutis durante longo tempo. Por isso o pó de arroz Lady é o mais usado e preferido no Brasil, há mais de trinta anos.



PÓ DE ARROZ

Lady

Nas cores:

- ★ Branco
- ★ Rosa
- ★ Raquel
- ★ Ocre-claro
- ★ Ocre-escuro

É O MELHOR E NÃO É O MAIS CARO!

A VENDA EM TODO O BRASIL

CUTIS CANSADA



e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do “maquillage”, remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL



Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379 - S. Paulo

GRATIS!

O catálogo pelo qual
V. S. poderá escolher
os óculos que mais
lhe agradem.



Peça-nos pelo correio o novo
CATÁLOGO de
OCULOS MODERNOS

tendo a certeza de ser atendido
por LUTZ, FERRANDO com a
mesma garantia e eficiência como
se o fôsse pessoalmente pelos
nossos técnicos.

LUTZ, FERRANDO, a única ótica
de confiança, que lhe oferece a
garantia de 60 anos de experiên-
cia na confecção de óculos, exa-
tamente calibrados de acordo
com a receita do oculista.

Adquira seus óculos pelo sistema
de reembolso.

PEÇA CATALOGO GRATIS A

LUTZ, FERRANDO
RUA OUVIDOR, 88 - RIO DE JANEIRO

QUANDO COMPRAR UM REFRIGERADOR

Exija!



ESSESS
5 pontos

REFRIGERADOR NEVE

INDUSTRIAS "NEVE" LTDA.

SÃO PAULO
A VENDA NAS MELHORES
LOJAS EM TODO O BRASIL

O ENTERRO DO ESCULTOR

Continua na página 4.

— Onde está ele?

O trem entrou, com ruído, na
estação. O grupo adiantou-se.
O corpo estava no vagão espe-
cial. Ao lado do caixão, um ra-
paz magro e pálido velava. Era
louro e tinha olhos azuis muito
brilhantes.

— Quem é o senhor? pergun-
tou o banqueiro.

O rapaz voltou para ele os
olhos azuis e o banqueiro notou
surpreso que ele estava cho-
rando:

— Era meu mestre, respon-
deu o moço, apontando para o
caixão.

O advogado aproximou-se,
curioso.

★

Arrumaram o caixão em cima
do carro antigo e partiram ru-
mo à residência dos pais de
Harry. O banqueiro tomara o
braço do rapaz, no perfeito de-
sempenho de seu papel de gran-
de amigo compungido:

— Os pais de Henry não ti-
veram coragem de vir até aqui.
Sobretudo a mãe dele ficou
muito abalada com a notícia —
o que, de resto, é perfeitamente
compreensível.

Mark, o discípulo, olhou para
ele e perguntou:

— Ele tinha uma irmã —
onde está ela?

— Está em casa também, cui-
dando da mãe.

— E o resto da família?

— Ainda não chegou. Moram
longe.

O rapaz fazia aquela pergun-
tas quase maquinalmente. Na
realidade, estava estranhando
aquele ambiente.

Baseado no temperamento de
Henry esperara encontrar uma
fragil velhinha de preto, cho-
rando. Ele, então, a abraçaria,
comovido, e diria:

— Ele, agora, descansou...

Mas aquilo era diferente, di-
ferente do que ele esperara.
Aquele gente de preto, mais
curiosa do que comovida, inter-
ressada em discutir a viagem,
o caixão, as mudanças no rosto
do morto. Estudando friamen-
te o rosto plácido do cadáver.

O coupé ia sacolejando pela
rua abaixo. A escuridão envol-
via o veículo. O vento frio agi-
tava levemente as fitas do cai-
xão. O grupo desistira de con-



Ele

BRILHA SEMPRE! ***

Nos esportes, na vida social, no trabalho ou em
casa, ele brilha sempre. E dá provas de sobreje-
bora gosto pois completa seu apuro usando
Brylcreem que torna os cabelos saudáveis e juve-
nis e os mantém sempre penteados. Brylcreem
dá brilho, fixa sem emplatar, permite repente-
ar, tonifica a raiz do cabelo, evitando a caspa e a
queda do cabelo. É produto científico e positivo.
Sua colocação nos barbeiros de 1.ª e suas 5 em-
balagens diferentes, põem-no ao alcance de todos!

Mais de 27 milhões de unidades
vendidas anualmente no mundo inteiro!

BRYLCREEM
O MAIS PERFEITO TÔNICO FIXADOR DO CABELO

versar com o rapaz e agora pa-
lestrava, em voz baixa, sobre
outras coisas:

Disseram que ela foi sem a
família!

Continua na página 54

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita.
Hoje em dia só é feio quem quer. Essa
é a verdade. Os cremes protetores para
a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface
"Brilhante" ultra-concentrado, que se ca-
racteriza por sua ação rápida para em-
branquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe
como a sua cutis ganha um ar de natu-
ralidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e tor-
na-se horrivelmente escura. O Creme de
Alface "Brilhante" permite à pele respi-
rar, ao mesmo tempo que evita os pontos,
as manchas e asperezas e a tendência
para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e
sadia volta a imperar com o uso do "Cre-
me de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim
& Freitas.

Agora muitos usam DENTADURA POSTICA com perfeita comodidade

Coma, fale, ria ou cante, sem medo
de que sua dentadura postica se des-
prenda ou caia da boca. FIXODENT
conserta as dentaduras posticas mais
firmes e torna-as mais confortáveis na
boca. Este pó de sabor agradável não
deixa na boca nenhuma sensação
pegajosa. Não provoca náuseas. É
aleatório (não ácido).

Compre FIXODENT hoje mesmo,
em qualquer farmácia ou depósito
dentário.

Distribuidora para todo o Brasil

O.F. Indústria e Comércio S.A.
Av. Rio Branco, 1.410 - Rio de Janeiro

Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente
um litro de bilis. Se a bilis não corre
livremente, os alimentos não são dige-
ridos e apodrecem. Os gases incham o
estômago. Sobrevém a prisão de ventre.
Você se sente abatido e como que en-
venenado. Tudo é amargo e a vida é
um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará
a causa. Neste caso, as Pilulas Carters
para o Fígado são extraordinariamente
eficazes. Fazem correr esse litro de bilis
e você se sente disposto para tudo. São
suaves e, contudo, especialmente indica-
das para fazer a bilis correr livremente.
Peça as Pilulas Carters para o fígado.
Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3.00

A luz fluorescente

SYLVANIA

é mais moderna
e econômica

DISTRIBUIDORES

Rua do Passeio, 48/56

MESBLA



RIO DE JANEIRO
F. HORIZONTE - F. ALICIA
F. P. 125 - RECIFE - ALICIA





JOCKEY CLUB MUNDANO

Com o brilhantismo do costume, realizaram-se as carreiras de domingo no Hipódromo da Gávea em prosseguimento à temporada oficial do "turi" do Jockey Club Brasileiro. A reportagem fotográfica da REVISTA DA SEMANA, durante essa tarde turfística colheu os instantâneos que aqui estampamos, na "pelouse" do elegante prado.





VIVER ALEGRE!

Basta conservar normalizado o funcionamento do fígado e prevenir a preguiça intestinal. As "Pílulas de Reuter", combatendo a insuficiência hepática, protegem a saúde e garantem a alegria de viver.

PÍLULAS de Reuter
PARA O FÍGADO

Frigia

é simplesmente notável!

...notável, porque:

- 1.º — Não é líquido, nem pasta. É um desodorante em forma de "baton".
- 2.º — Corta e evita a transpiração sem irritar a pele. Não entope as glândulas.
- 3.º — É agradavelmente perfumado e produz uma sensação de frescor.
- 4.º — Elimina instantaneamente a transpiração das axilas.
- 5.º — Próprio para bebê, pode ser aplicado em qualquer momento.

Frigia está registrado como patente de invenção sob n.º 29.888

A VENDA NAS
BOAS CASAS



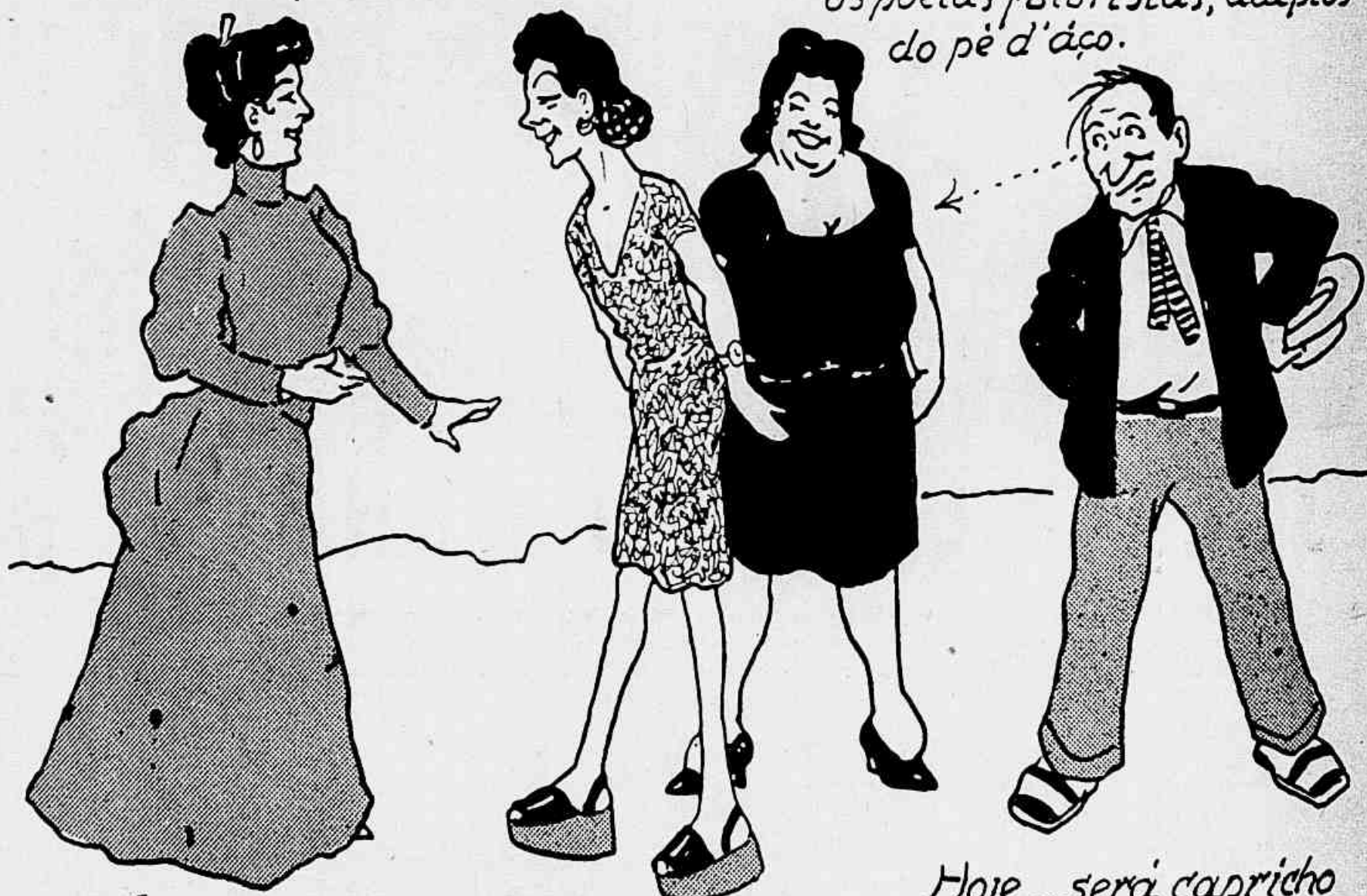
Dist.: HERMANNY - C.P. 247 - RIO

"Elegâncias"...



O pé somente aparecia na ponta e esta, quando "mimosa", era cantada em prosa e verso

Hoje o pé atarracado não inspira os poetas futuristas, adeptos do pé d'aço.



O colo realçava o donaire das elegantes.

Hoje... será capricho ou despeito?



O racionamento progredia...

...até debaixo d'água...

Cigarros **BEVERLY**



Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



O ENTERRO DO ESCULTOR

Continuação da página 50

— Imagine só! Para Nova Iorque sózinha! Só pode acontecer uma coisa, determinou o banqueiro.

O sacerdote, assentiu:

— O seu destino está lançado.

E os três abanaram a cabeça, conforme mandava a praxe.

— Era uma moça tão bem educada!

— Mas muito leviana, disse o padre.

— Ah, isso é verdade! retrucou o banqueiro.

— E fugir com um rapaz, assim, sem avisar a família.

Um outro alvitrou:

— Mas eles casaram...

— Aquele casamento não dura, pontificou novamente o banqueiro com aprovação do padre. Casamento é uma coisa que tem que ser meditada, bem pensada e não pode ser arranjada assim de uma hora para outra, ao sabor de uma atração...

— Tem toda a razão, afirmou o sacerdote.

Mark pensava em Henry. Tentava localizar o seu mestre, perpetuamente ansioso pela Beleza, naquele meio, preso àquela amarras de mediocridade, en-

volto por aquele manto de hipocrisias. Sentia que ele não poderia caber entre aquela gente e que o ar que se respirava ali havia de asfixiá-lo. Ninguém parecia ter uma compreensão exata daquele momento. Todos, muito entusiasmados, divertiam-se quasi, na presença do morto. Só um, o advogado, deixava transparecer na fisionomia inquieta que o seu pensamento estava além, que ele estava bem mais longe, bem mais alto do que aquela gente. A sutil comoção que o abalava, tornando a forma de uma tristeza funda, conferia-lhe, naquele momento, uma superioridade que desmentia os traços vulgares do seu rosto, a expressão de decadência e desintegração que a vida e o alcool vinha imprimindo à sua face.

— Chegamos.

★

Quando o carro parou, a porta da casa se abriu e uma mulher se precipitou na direção do carro.

— Meu filho! Meu filho!

E a menos, contudo, o especto da dor maternal do que o grito de um animal ferido. Mark logo compreendeu o que havia de afetado naquela crise. Minutos depois, ela já tinha recomposto

a fisionomia e estava saudando os recém-chegados.

A um canto, uma mulher alta, de preto, esperava. Era a irmã.

— Muito prazer, disse ao apertar a mão de Mark.

— Muito prazer.

O pai também estava esperando, lá dentro.

— Meu filho!

Mark notou que era desta vez autentica comoção. Porém significativas foram as palavras do velho ao contemplar o cadáver:

— Nenhum de nós o entendia. Ele tinha a alma demasiado sensível, delicada.

Uma lágrima correu pelo rosto do pai.

— Não posso suportar isso, disse a mãe. — E foi levada para seu quarto.

— Com licença disse o pai.

O grupo estava novamente só. Reatou-se a conversa.

— Coitado! disse o sacerdote.

— Ela ficou muito abatida com a morte do filho acrescentou o banqueiro e, à guiz de explicação, para Mark: ela é muito emotiva, muito sensível!

— Um genio terrível, arriscou um grupo.

— Ah! Isso é verdade. Quando ela se zanga...

— Aliás, Henry não se dava muito bem com ela.

— Eu me lembro daquele dia em que eles discutiram tanto que foi preciso intervir alguém para que terminasse.

— Henry não se exaltava mas também não cedia.

— Ele sempre teve umas ideias meio loucas! Queria, de qualquer forma, abandonar tudo, essa cidade, o negocio do pai e ir ser artista em Nova Iorque!

No tom de voz do banqueiro estava toda o soberano desprezo que ele tinha por esse "animal" — o artista.

O advogado chamou Mark a um canto:

— Venha cá.

Levou-o para uma saleta ao lado, fê-lo sentar-se e disse:

— Agora conte, conte como ele vivia.

— Vivia triste.

— Eu sabia, eu sabia, disse o advogado. Henry era como uma flor em terra árida. Aqui ele não poderia viver. Porque era demasiado fino, mas aqui é que era a terra. Arrancado de suas raízes, ele morreu.

— Mas foi bastante alto na sua asperação à beleza, subiu muito alto!

— Com os restos de seiva que lhe restavam e, com isso, morreu.

Enfim, ele encontrara alguém



Viva mais!

A Senhora pode viver mais, eliminando mensalmente os 3 DIAS de sofrimentos, usando normalmente ELIXIR DAS DAMAS, que é o remédio que prolonga a vida da mulher!

ELIXIR das DAMAS

PRODUTO DO LABORATÓRIO SIAN

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 85 — 2.ª Loja

HAVRE

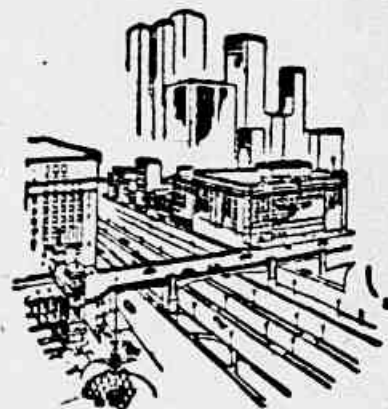
(Continuação da pág. 41)

tro ruas que se cortam em ângulos retos oferece um aspeto monumental. Para as ruas, dão os armazens, entradas de serviço, cozinhas, salas de banho, dependências, quartos de empregados, depósitos, etc. Para a área descoberta no interior do quarteirão, ao abrigo de ruídos e da poeira, do tráfego, as salas de trabalho e de recepção. No andar terreo, "marquises" abrigarão os transeuntes em caso de mau tempo. O espaço interior será dividido em campo de esporte, arborizado, ajardinado e provido de uma fonte, destinado a uso comum dos habitantes do bloco.

Essa solução reduzirá a necessidade de jardins públicos, perigosos, aliás, em épocas de epidemia devido às aglomerações. Os guardas serão substituídos por uma enfermeira social, que aproveitará as reuniões das mães e as crianças para difundir conhecimentos e higiene e puericultura, bem como as atenderá, prestando socorros nos casos, tão comuns, de pequenos acidentes. O "Palais Royal" parisiense dá-nos idéia do que será o quarteirão do Havre, de maneira bastante aproximada: o primeiro mede 225x90 metros; e o segundo medirá 90x90, o que equivale a uma superfície de 8.100m², um pouco menos que um hectare.

50 anos

de proteção à Família Brasileira



Uma população superior à da metade de S. Paulo tem o seu futuro assegurado na Sul America!

Sul America

Companhia Nacional de Seguros de Vida
Fundada em 1895



LIMPE A DENTE UMA VEZ POR DIA
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HIGIENE

De Mme. Campos

A VENDA EM TODA A PARTE

diferente, alguém que tinha conhecido realmente Henry.

— Henry foi quem me trouxe para cá, principiou o advogado. Nós vínhamos da faculdade, cheios de ideais. Ele, para tratar dos negócios do pai, se bem que sua vocação fosse para a escultura, e eu para exercer a advocacia. Mas cedo desanimamos. Todos hostis, ninguém compreendeu aquela sinceridade que nós trazíamos, aquela vontade de construir...

— Por que ele fugiu?

O advogado baixou a cabeça:

— Por que eu sucumbi. Enquanto ele tinha meu apoio para lutar contra todos, estava satisfeito, mas, certa vez, eu

transigi. A minha primeira defesa injusta — um cliente que merecia ser preso. Henry partiu.

Depois da confissão do advogado um grande silêncio se seguiu:

— E... ele falava de mim?

Mark abanou a cabeça:

— Não.

— Nunca mais disse o meu nome...

Naquele momento, a porta se abriu:

— Quer me ajudar aqui a puxar o caixão para um canto? Há tanta gente! Mamãe está lá em cima com um ataque... Papai não sai do quarto...

O advogado levantou-se com um suspiro, e saiu. Mark ainda ficou sentado no mesmo lugar,

durante muito tempo, meditando.

— Foi para isso que ele viveu? murmurou, por fim.



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agrada.



APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos grátis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40. Sob. 80

Nome

Rua

Cidade

Estado

Senhoras!
Se a
Natureza Falha

MENAGOL

REGULA!



ILONA MASSEY

Encantadora Estrela da Tela, diz:
"Considero ARRID o desodorante por excelência e o recomendo com o maior entusiasmo".

NOVO

Creme Desodorante
que evita manchas
e odor nas axilas

1. Não irrita a pele.
2. Não estraga os mais finos vestidos.
3. Evita as manchas desagradáveis, nas mangas e nas costas dos vestidos.
4. Seu efeito é duradouro. Evita o cheiro do suor. Tem um delicado perfume.
5. Tem a fina consistência de um creme de beleza. É branquíssimo, sem gordura, não mancha e desaparece instantaneamente.

Use ARRID com regularidade.

Preços: Cr\$ 4,80 e Cr\$ 9,50

ARRID

O DESODORANTE QUE MAIS SE VENDE.

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE



Sabonete DORLY

PREÇO POR PREÇO É O MELHOR!

A VENDA EM TODO O BRASIL

P. Ferraz



a Beleza do Cabelo aumenta a atração pessoal

Para assegurar a vitalidade, o brilho, e evitar queda e o enbranquecimento prematuro dos cabelos, não há melhor meio do que o uso diário do Tricófero de Barry.

Loção revitalizante, Tricófero de Barry tem a sua ação comprovada através de mais de um século de uso.

Dê aos seus cabelos o tratamento e o cuidado que merecem.

Tricófero de Barry

EM USO DESDE 1801

Onze anos de exílio e prisões

Continuação da pág. 14.

lhe que me intimasse a embarcar para o exterior, não podendo escolher nenhum outro destino, a não ser Europa... E se eu não aceitasse, que me prendesse afim de ser enviado para a ilha Fernando Noronha. Declarei-lhe que ia consultar os meus amigos e que eles decidiriam o que seria mais con-

veniente para a causa nacional, — se a minha presença na Europa, se a minha ida para Fernando Noronha. Mande um emissário ao Rio e todos me aconselharam a seguir para a Europa, o que fiz, cedendo á pressão da força e da violência e embarcando no "General San Martin". Dessa vez, fixe-me na França, onde permaneci até o dia 21 de junho, data do armistício, quando atravessei a fronteira da Espanha, a caminho de Lisboa. De Portugal, segui no navio "Exeter" para os Estados Unidos, não sem algumas dificuldades, porque a ditadura dera ordem ao Consulado e à Embaixada de Lisboa para que não visassem o meu passaporte e os das pessoas de minha família que me acompanhavam. Essas dificuldades só foram resolvidas com a intervenção de diplomatas norte-americanos em meu favor...

EM NOVA YORK — GANHANDO MAIS DO QUE O NECESSARIO — NA COMISSÃO EXECUTIVA DA "FREE WORLD ASSOCIATION

— E nos Estados Unidos? Deu-se melhor do que na Europa?

— Sim. Desembarquei em Nova York a 10 de novembro de 1940. Ali pude desenvolver maior atividade, não só porque havia um clima de maior liberdade política, como ainda porque encontrei facilidades para exercer tarefas remuneradas. Cheguei a ganhar até mesmo mais do que o necessário, principalmente em traduções e na revisão de traduções, embora não me fôsse fácil escrever á máquina, com um dedo só... Ali, fiz parte da comissão executiva da "Free World Association", organização fundada por emigrados liberais e democratas, afim de incentivar a luta contra o fascismo. Ali escrevi vários manifestos, tal como aconteceu na Europa, e os fiz distribuir no Brasil. Foi com base num desses manifestos, em que critiquei a comemoração do cinquentenário da República pelos homens que a haviam destruído, que

SOFRE DO FIGADO?
TOME
BIO-HEPAX
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

Fique sedutora! REDUZA ESSA GORDURA QUE TANTO A ENFEIA TOMANDO
VINHO CHICO MINEIRO

NÃO EXIGE REGIME, NÃO FAZ MAL E É USADO HA MAIS DE MEIO SÉCULO
MULTIFARMA — Praça Patriarca, 26 — Sala 6 — São Paulo • Remessa pelo reembolso postal

S.S. Publicidade

Neste mês vai sofrer outra vez?

Esta pergunta dirigimo-la a você, prezada leitora. A você que, como mulher, está sujeita todos os meses aos terríveis males resultantes do mau funcionamento de seus órgãos femininos. Terríveis males sim, porque, além de transformarem a sua existência num verdadeiro martírio, esgotam com rapidez a sua saúde, a sua mocidade, a sua beleza. Ponha um ponto final neste capítulo de amarguras. Não sofra mais neste mês e em nenhum outro mês de sua vida. O Regulador Xavier — o N.º 1 ou o N.º 2, conforme o caso — afastará definitivamente os seus males, restituindo-lhe a saúde e com ela a beleza, a mocidade, a boa disposição física e moral. O Regulador Xavier é fabricado em duas fórmulas diferentes — o N.º 1 e o N.º 2 — de acordo com as naturezas diferentes dos males femininos. O N.º 1 se aplica nas regras abundantes, repetidas, prolongadas, hemorragias e suas consequências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fastio, etc. O N.º 2 se aplica na falta de regras, regras atrasadas, suspensas, diminuídas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, flôres brancas, insuficiência ovariana, etc. O Regulador Xavier lhe dará saúde todos os dias do mês e todos os meses do ano.

o famoso Tribunal de Segurança Nacional me condenou a dois anos de prisão...

— Circulou durante algum tempo, no Brasil, o boato de que o senhor havia pedido a intervenção armada norte-americana no Brasil, para o fim de restaurar a democracia...

— Boatos criados pela ditadura... Nunca fiz tal coisa. A única preocupação que eu tinha, nos Estados Unidos, nos círculos oficiais como nos intelectuais, era o de pedir que não julgassem o Brasil pelo Estado Novo, pois o povo brasileiro era inteiramente incompatível com o totalitarismo...

UM "DIGESTO" DA OBRA DE MACHADO DE ASSIS E UM LIVRO DE DOCUMENTOS POLÍTICOS

O resto é história dos nossos dias.

Mas ainda há alguma coisa interessante a contar ao leitor.

— Durante o tempo em que estive preso incomunicável, — disse-nos o Sr. Otávio Mangabeira, — comecei a realizar um estudo minucioso sobre a obra de Machado de Assis. Mas, depois, resolvi levar mais longe a tarefa e tenho hoje um livro, pronto para publicar, no qual faço, em um só volume, a condensação de todos os romances, contos e novelas de Machado de Assis. Achei que seria interessante dar a conhecer á juventude brasileira, em um só volume, todo o pensamento do nosso maior escritor. Não tenho título ainda para o livro, nem tempouco editor. Já me fizeram sugestões para que o intitulasse "Roteiro de Machado de Assis" ou "Machado de Assis em miniatura", mas não me parece ainda que um desses seja o título definitivo. Tenho também pronto um livro de documentos políticos, contendo memórias, cartas e manifestos que escrevi, só me faltando por ordem na ppelada e fazer uma revisão mais cuidada dos textos. Devo publicar em primeiro lugar o livro sobre a obra de Machado de Assis, no qual tenho a certeza de que nada ficou do lado de fora... Nada do que interesse realmente á sua obra. O livro mais difícil de resumir foi o "Memorial de Ayres", por ter aquela forma de diário...

E assim terminou, no campo das letras amenas, uma entrevista que se destinava a falar apenas de coisas dramáticas, de prisões e de exílios...

VINOVITA



TONIFICA O SANGUE

ESTIMULA O CEREBRO

DA ENERGIA AOS MUSCULOS

JULIA — Ela me fez recordar alguém... Olhos claros, um verde desmaiado sempre olhando alguns metros em frente, como alguém que sonhasse acordada...

SONIA — Julia, você sabe que não pode ser, não deve ser.

JULIA — E está nervosa, dona Sonia. Há um tic nervoso muito interessante. Ela está constantemente a girar um anel no dedo...

SONIA — (ABALADÍSSIMA) Deu o nome?

JULIA — Apenas o primeiro nome: Nadir.

SONIA — (SURDAMENTE) Nadir!... (REFAZENDO-SE) Mande-a entrar imediatamente. Apague as luzes, Téo. Ligue a vitrola, como sempre...

CONTROLE MUSICA DE INTERVALO

UMA "FUGA" DE BACH, EM SOLO DE ORGÃO

SONIA — Tenha a bondade de sentar. Aí, nessa cadeira defronte.

NADIR — (VISIVELMENTE NERVOSA, DOMINANDO-SE) Obrigada. A senhora é madame Sonia, a Vidente...

SONIA — Exatamente.

NADIR — Conhece o passado, o presente e pode prever o futuro.

SONIA — Em parte, minha filha.

NADIR — Nesse caso não é preciso que eu lhe diga nada sobre a minha pessoa. Tudo o que lhe pudesse dizer a senhora já sabe.

SONIA — Há muitas coisas que me passam pela mente... Mas o nosso cérebro, às vezes, é dominado por forças estranhas. E tudo se baralha. Assim, neste instante. Eu vejo cenas que se contradizem. E necessitaria que a senhorita as confirmasse ou não.

NADIR — (IRONICA) Parece que a minha presença lhe fêz perder a força.

SONIA — Talvez. A senhorita tem um poder estranho sobre mim. E eu sei porque. É que eu preciso ser auxiliada. E a senhorita está desejando, ardentemente, que eu fracasse.

NADIR — Exatamente.

SONIA — E porque?

NADIR — Advinhe.

SONIA — Há uma pessoa que vejo intimamente ligada à sua vida, não é sua mãe... Uma mulher alta, magra, cabelos claros...

NADIR — Minha tia.

SONIA — Pense nela. Pense principalmente no nome dela. Ajude-me... Por favor... Ela se chama... (PAUSA NUM TOM CANSADO COMO DEPOIS FAZENDO UM GRANDE ESFORÇO) — A... Adelina...

NADIR — Sim... Minha tia se chama Adelina. E foi ela...

SONIA — Não me interrompa... Foi ela quem a criou. A senhorita não conheceu seus pais. Vejo-a interna num colégio... muito grande. Paredes brancas... O dormitório enorme. Há uma criança doente. É uma menina de olhos verdes... Junto à sua cama está a irmã Matilde...

NADIR — (ADMIRADA CONTRA GOSTO) Advinha até mesmo os nomes!

SONIA — Nessa ocasião sua tia chega. Resolve leva-la. E desde esse dia vivem juntas... A senhorita está com... com 18 anos.

NADIR — Justamente.

SONIA — Eu poderia ler mais cousas no seu passado. No entanto não vamos perder tempo. O futuro é o que deve lhe interessar...

NADIR — Absolutamente. Eu me interesso pelo presente. É o presente que me traz aqui.

SONIA — Sim... E que deseja?

NADIR — A senhora não é evidente? Descubra.

SONIA — Um caso... de amor?

NADIR — Agora eu quero ver até onde vai o seu charlatanismo. Espero que descubra o motivo da minha visita.

SONIA — Uma questão de amor.

NADIR — Exatamente. E talvez também saiba que eu amo este homem com desespero.

SONIA — Imagino. Só isso a faria assim, agressiva, vencedora de sua própria timidez.

NADIR — Eu não sou tímida.

SONIA — Procura enganar-se a si mesma. No entanto é tímida. Está lhe custando um grande esforço o vir me falar, assim, abertamente. E diga-me, esse homem vale esses sofrimentos?

NADIR — A senhora não é vidente? Deve saber a que classe de homens ele pertence.

SONIA — Pertence à classe dos homens brilhantes, amorosos, românticos e canalhas...

NADIR — Canalhas?!

SONIA — Sim... Só com um pouco de cinismo um romântico poderá interessar a uma mulher. E só um canalha é capaz de nos fazer cometer loucuras.

NADIR — E acha que se possa amar a um canalha?

SONIA — Que sei eu, minha filha? Minha função é desvendar o futuro e não discutir problemas sentimentais. Em todo caso, digo-lhe que seja ele quem for, um santo ou um bandido, o amor é tudo o que existe de belo na vida.

NADIR — Pois eu amo esse homem e não deixarei que outra me roube.

SONIA — Ah! existe outra? Eu logo vi...

NADIR — Diga, a senhora que é vidente, que devo fazer?

SONIA — Ama a esse homem?

NADIR — Acima de tudo.

AMARAL GURGEL

A VIDENTE

**N O V E L A
RADIOFÔNICA**

1946
REVISTA DA SEMANA
RIO.

PRIMEIRO CAPITULO

CONTROLE: — ABERTURA MUSICAL FUNDE COM MOVIMENTO DE RUA QUE FICA EM BG.

1.^a MULHER — E' aqui onde está instalada a Madame Sonia.

2.^a MULHER — Dizem que ela é formidável! Eu tenho uma amiga que veio consulta-la e ficou deyras impressionada.

1.^a MULHER — Eu não acredito nessa história de videntes... Lorotas! Pode alguém adivinhar o passado, prevêr o futuro?

2.^a MULHER — Não sei... Mas a minha amiga contou coisas de arrepiar. Disse que quando a gente entra na sala de consultas quasi não vê nada. Está tudo em penumbra, contrastando com a luz forte da sala de espera. A pessoa fica um instante parada, esperando que a vista se acostume. Depois é que vai notando a sala...

1.^a MULHER — Naturalmente, tudo misterioso. Corujas empalhadas, gatos pretos, caveiras de olhos acêsos...

2.^a MULHER — Nada disso! Uma sala ricamente mobiliada. Tapetes grossos, cortinas pesadas, onde todo ruído é abafado. Poltronas forradas de veludo roxo. Num ângulo, um aparador em forma de tripode, com um queimador de incenso. Aquele cheiro já dá uma sensação exquisita.

1.^a MULHER — Cruz! credo! Eu já voltaria da porta.

2.^a MULHER — No fundo uma mesa á qual está sentada a Madame. Quando o visitante entra... (VAE FICANDO EM F. B.) ouve música...

CONTROLE — ENTRA EM B.G. SUAVISSIMO UM SOLO DE VIOLONCELLO POSSIVELMENTE VALSA TRISTE, DE SYBELIUS.

2.^a MULHER — (ACENTUANDO MAIS O F. B.)... começa a olhar em derredor e ouve a voz de madame. Assusta-se. E repara naquela creatura loira, os cabelos lisos penteados para traz, que sorrindo estende a mão num convite e diz...

SONIA — (COMEÇA EM F. B. E PASSA PARA P.N.) — Termine de entrar, meu amigo. Aproxime-se...

HOMEM — (TIMIDO, VISIVELMENTE IMPRESSIONADO VINDO DE 2.^o PLANO PARA P/N) Madame Sonia, eu vim para uma consulta...

SONIA — Eu sei, doutor. Trata-se de sua esposa. Mas tenha a bondade de sentar. Aí nessa cadeira de frente. (PAUSA-OT) Que tem? Está sentindo alguma coisa?

HOMEM — Não sei explicar. Creio que é o cheiro do incenso que está me fazendo mal.

SONIA — Um instante.

C/REGRA — BATER DE PALMAS — TRES PANCADAS SECAS — CORRER DE CORTINA APOZ CURTA PAUSA

SONIA — Tag, substitua o incenso. Renove o ar da sala.

TAG — Qual o perfume que prefere, madame?

SONIA — Rosas. E' mais delicado.

TAG — Perfeitamente, madame. (CORTINA QUE CORRE)

SONIA — Dentro de poucos segundos este cheiro forte terá desaparecido.

HOMEM — Obrigado, madame. Mas eu não queria lhe dar trabalho. Apenas consulta-la.

SONIA — Os meus clientes devem estar perfeitamente á vontade e sentir-se num ambiente que lhes agrade. (OT) Mas agora, diga-me: O que o traz á minha presença?

HOMEM — Madame, é um caso que...

SONIA — (INTERROMPENDO) Não é preciso dizer. Meu amigo, para o seu caso só encontro uma frase: si errar é humano, perdoar é um sentimento que dignifica o homem.

HOMEM (SUBITAMENTE ALEGRE) — Então a senhora acha que?...

SONIA — Siga o seu impulso, meu amigo. Um telefonema, um telegrama... Ou mesmo um taxi e vá busca-la.

HOMEM — Não sei... As vezes tenho medo...

SONIA — A dúvida tem estragado muitas vidas. Combata essa indecisão. Ela o espera e arrependida.

HOMEM — Mas perdoar, si não consigo esquecer... Acho difícil.

SONIA — Não será difícil se o senhor se recordar de um nome.

HOMEM — Um nome?

SONIA — Sim... Ana Maria.

HOMEM — Como? Então a senhora sabe?

SONIA — Sei... Ana Maria, a sua filha, tem apenas seis anos. E pergunta constantemente: — Onde está o papae? Por que o papae não vem?...

HOMEM — (COMOVIDO ATE' AS LAGRIMAS) Sim... Ana Maria éra muito agarrada comigo. Eu também tenho sentido uma falta enorme de minha filha. A' noite, antes de me deitar, vou olhar o seu quarto pequeno, em côres alegres e me surpreendo chorando... Chorando como agora...

SONIA — Não se envergonhe dessas lágrimas: Deus concedeu ao homem os olhos não foi só para que vissem, mas para que pudessem ter o consolo sublime das lágrimas. (OT) Não percamos tempo... Um taxi, dez minutos e estará abraçando sua esposa...

HOMEM — E que lhe direi?

SONIA — Não diga coisa alguma. Chore como está fazendo agora. E deixe que ela também chore abraçada

ao senhor. Quando se chora junto, a união é mais perfeita que quando apenas rimos... Vá, meu amigo. Vá...

HOMEM — Obrigado, madame. A senhora não pode imaginar o bem que me fez. Quanto lhe devo?

SONIA — Nada.

HOMEM — Desculpe-me... mas vai me permitir que deixe este dinheiro.

SONIA — Quinhentos cruzeiros é muita coisa.

HOMEM — A senhora saberá usá-lo mesmo que não o queira para si. Obrigado e adeus. (PAUSA-PORTA DISCRETA)

BATER DE PALMAS —

CORTINA —

TAG — Madame chamou?

SONIA — Não é preciso tomar essa atitude, Téo. Estamos sós. O camarada já se foi embora. Acenda as luzes.

TAG — E como foi, Sonia?

SONIA — Tudo correu bem. Correu como devia. Deixou-me 500 cruzeiros...

TAG — E esse voltará.

SONIA — Tenho certeza disso. Desligue a vitrola...

CONTROLE — CESSA A MUSICA QUE VINHA EM CORTINA —

TAG — E que desejava ele?

SONIA — Precisava de alguém que lhe dissesse justamente o que ele queria ouvir. Separou-se da mulher há dois meses. O casal tem uma filhinha de seis anos. A pobre menina adoeceu sentindo a ausência do pai. E ele se embriagando todas as noites sentindo saudade da mulher, da filha. O casal, no fundo, amam-se e muito. Mandei-o procurar a esposa.

TAG — E se ela não o quiser receber?

SONIA — Meu velho Téo, você não vai julgar que perdi a inteligência. A esposa dele esteve ontem aqui. Contou-me a história. Falou-me que ele viria me consultar, aconselhado por uma amiga do casal. Pedi-me que o mandasse procurá-la. Ela está preparada para recebê-lo.

TAG — Quanto lhe pagou?

SONIA — Não dei preço. Imagino que me dará mil cruzeiros ou mais...

TAG — Um trabalhinho fácil...

SONIA — Uma obra de caridade, humana... Um gesto de bondade. Eu sempre me apiedei das crianças cujos pais estão separados... Nesses casos costumo agir com escrupulosa consciência.

TAG — E quando é que você teve um gesto mau? Você foi empre uma criatura boníssima.

SONIA — (RI TRISTEMENTE) — Não, Téo. Eu sou uma grande mentirosa. Madame Sonia... A vidente... Que grande mentira. Nem me chamo Sonia e nem posso saber o que vai suceder daqui a cinco minutos. Passado, presente e futuro... O meu passado... Ah! aquele pesadelo que procuro esquecer. O meu presente, esta mentira, esta charlatã... O meu futuro...

TAG — O seu futuro será suave, calmo e feliz, se você quiser, Sonia.

SONIA — Não, Téo. Você também é um grande mentiroso. Um Teobaldo, nascido no Brasil, que se diz indú e passa a se chamar Tag. Meu caro Téo, eu sei que meu futuro não será nem calmo, nem feliz. O futuro constrói-se com o passado. E o meu passado...

TAG — Sonia, que mistério existe no seu passado? Conheça-a há dez anos e nunca soube a sua história.

SONIA — Téo, o meu passado só a mim interessa. (PORTA) O que há, Julia?

JULIA — (ESPECIE DE SECRETARIA, CONFIDENTE E CREADA DE QUARTO CALMA DE SEUS CINCOENTA E POUCOS ANOS) Madame, existe uma cliente na sala.

SONIA — Eu já não atendi todas as consultas marcadas para hoje?

JULIA — Esta não marcou consulta. Vem hoje pela primeira vez.

SONIA — Não posso atendê-la. Diga-lhe que deixe nome e endereço, como sempre faz. Marque para... (OT) Téo, temos muito trabalho esta semana?

TAG — Temos... Precisamos investigar a vida daquele banqueiro... Estudar o caso daquela viúva e existem mais uns três, sem importância: empregados que desejam promoções, um estudante...

SONIA — E'... Então marque para... para sexta-feira próxima.

JULIA — Desculpe-me. Mas a mocinha insiste em ser atendida hoje mesmo... Tem que embarcar para São Paulo.

SONIA — Pois que vá. Não posso mais receber ninguém. Estou cansada e dentro de uma hora o Roberto virá me buscar para jantarmos na cidade.

TAG — (MEIO TOM-CHOCADO) Ainda o Roberto!

SONIA — Sempre o Roberto. (OT) Mas o que espera, Julia? Já disse que não recebo...

JULIA — Desculpe-me, menina, mas eu gostaria que a senhora a recebesse. Está tão triste, parece ter alguma coisa preocupando-a muito. Um momento em que saí da sala, quando voltei fui encontrá-la enxugando as lágrimas.

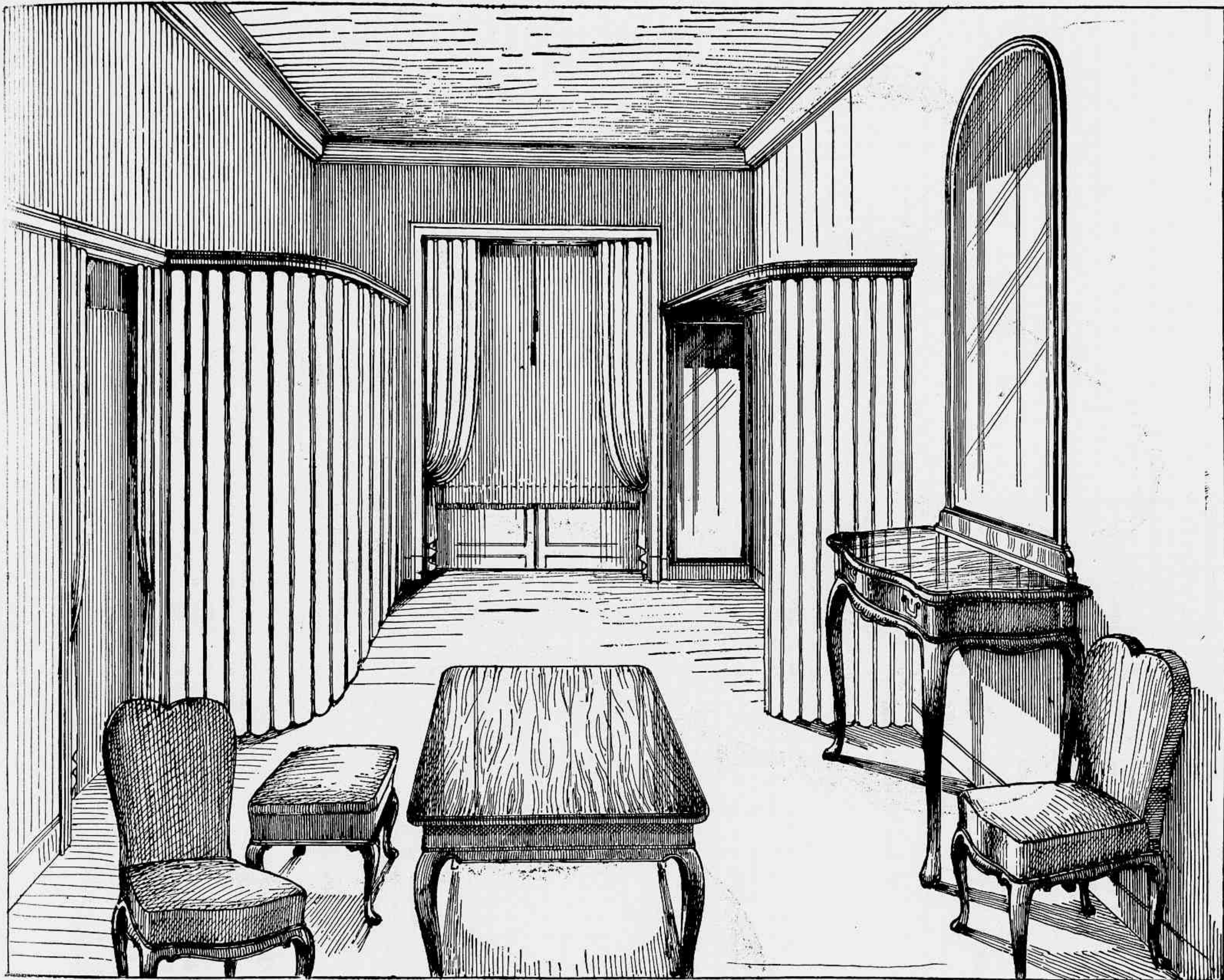
SONIA — Brigou com o namorado, com certeza. Não tenho tempo a perder. Não atendo.

JULIA — Mas dona Sonia, ela...

SONIA — Quer me irritar, Julia?

JULIA — Não, senhora. Mas eu gostaria que a recebesse. Não sei porque, mas acho-a... Nada. Tolices...

SONIA — Diga de uma vez, Julia.



ENTRANCE

HALL

Aí está uma bela sala de estar, que pode ser montada no espaço exíguo de um "hall de entrada, ou mesmo em um corredor largo. Ela dará um novo encanto à sua residência, além de tornar mais livre o "living-room" ou a sala de jantar. O seu mobiliário, que pode obedecer a qualquer estilo, vem evitar o aspecto desagradável e anti-estético dos grandes espaços vazios quase sempre deixados nos "halls" e que dão às residências uma fisionomia triste de casa abandonada. Neste "entrance hall" estão dispostos móveis simples e sem grande aparato, mas que emprestam ao ambiente um ar de luxo sóbrio e de conforto nobre.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA

MARCA

UNES

REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXOS NEM FILIAIS



Quando V. quiser oferecer um presente de incomparável qualidade...

Escolha Sheaffer!

Prove-o por si mesmo... Verifique como escrever se torna um prazer com uma caneta SHEAFFER... Como a pena cilíndrica "Lifetime"* faz com que as suas idéias fluam para o papel tão suave e silenciosamente como o seu próprio pensamento... E' o presente ideal - a posse perfeita! Ela representa anos de inteligentes esforços para construir o mais perfeito instrumento de escrever... Horas de amadurecida habilidade são necessárias para o seu acabamento, ajustamento e experiências, afim de lhe proporcionar uma escrita totalmente sem falhas e sem fadiga. Compare uma SHEAFFER com tôdas as outras marcas. Seus olhos distinguirão, sua mão aprovará, sua mente selecionará SHEAFFER - para presente ou para seu próprio uso!

- ★ Novas canetas
"TRIUMPH"
- ★ Novas lapiseiras
"FINELINE"

SHEAFFER'S

Representantes exclusivos no Brasil:

M. AGOSTINI & CIA. LTDA.



RIO DE JANEIRO: AV. RIO BRANCO, 47-1.º ANDAR • SÃO PAULO: RUA DINO BUENO, 212 - CAIXA POSTAL, 344
PORTO ALEGRE: RUA DOS ANDRADAS, 894